

JARDINS DE INFÂNCIA para CRIANÇAS de FAMÍLIAS com HORÁRIOS ATÍPICOS.

Um estudo de caso.

Daniela Filipa Fernandes Ribeiro

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-escolar

agosto 2020

VERSÃO DEFINITIVA

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-escolar

Autora: Daniela Filipa Fernandes Ribeiro

Orientador: Prof. Doutora Ana Cristina Freitas

Lisboa, agosto de 2020

Agradecimentos

Iniciei a Licenciatura em 2014 e o Mestrado em Educação Pré-escolar em outubro de 2017. Nestes cinco anos, foram muitas as aprendizagens, descobertas e objetivos delineados e, o esforço e dedicação durante esta longa jornada, deveu-se ao apoio de várias pessoas fantásticas que me rodeiam e às quais quero agradecer.

Em primeiro lugar, queria agradecer à minha orientadora de tese, professora Ana Cristina Freitas, pelo apoio, paciência, disponibilidade, compreensão, partilha de experiências no decorrer da elaboração da minha tese. Obrigada por acreditar nas minhas capacidades e confiar no meu trabalho enquanto aluna; foi uma ajuda preciosa e que me motivou ao longo da elaboração do meu trabalho final.

Tal como já tinha referido, não foi um período fácil, pois foi marcado por vários acontecimentos que quase me fizeram desistir; a descoberta da doença da minha avó paterna, que me fez perder muitas forças, mas que ao mesmo tempo me fortaleceu e me fez pensar que tinha de ser ainda mais forte para poder concluir esta com sucesso. Foi nela que me foquei, porque sempre me pediu para não desistir, sempre acreditou e me deu uma força incondicional, apesar da doença que a fazia sofrer de dia para dia. A perda de alguém muito especial, a minha avó paterna, deixou-me ainda mais destroçada. Mais uma vez, senti vontade de desistir, mas tive de levantar a cabeça para poder continuar. A descoberta da doença do meu avô e, mais tarde, a sua perda, que me deixou mais uma vez desorientada, porque o falecimento da minha avó paterna foi muito recente e o luto em si não foi feito. Além disso, as preocupações com a minha mãe não param de aumentar já que, de um dia para o outro, lhe surgiu no pescoço um alto enorme que os médicos ainda não sabem o que poderá ser. No meio de tanta dor e fraqueza, consegui ter força e continuei a minha luta. Apesar de fraquejar em vários momentos, de gritar com muita dor, sofrimento e sacrifício, ultrapassei e venci. Por vezes, momentos como estes fazem-nos perceber a força que temos interiormente e que, apesar de tudo, somos capazes de aguentar e de vencer.

Também queria agradecer à minha mãe, pelo apoio que me tem dado durante todo este percurso. Ela conseguiu dar-me força e coragem para eu continuar, apesar de ela também

estar a sofrer por tudo o que se tem passado. Esta senhora, a minha mãe, é o meu orgulho. É um ser maravilhoso que sempre me pediu, por tudo, para continuar e nunca fracassar, acreditando que eu era capaz disto e muito mais.

À minha querida amiga Ana Gonçalves, que durante todo o meu percurso académico, principalmente durante o mestrado, sempre me apoiou, me deu conselhos, acreditou nas minhas capacidades enquanto aluna, pessoa e profissional. Foi graças a ela que eu consegui ultrapassar algumas das dificuldades pelas quais passei nesta fase.

Para além disso, tenho de valorizar a sua amizade, tão especial para mim, que já existe há cerca de cinco anos. É como uma irmã para mim, alguém que tenho sempre comigo no meu coração e que me ouviu sempre que precisei e não me permitiu desistir, dizendo-me as palavras certas, no momento certo, daquela forma tão especial que só ela sabe. Pela companhia, ânimo, motivação, confiança e sobretudo por todos os momentos bons que passámos juntas e que me fizeram sorrir. Obrigada, de coração.

Ao meu namorado, que sempre acreditou nas minhas capacidades, sempre confiou em mim e que, apesar de trabalhar longe e de não estarmos todos os dias juntos, devido à distância, sempre foi compreensível, paciente e sempre me deu uma palavra de conforto quando estava triste.

À minha querida amiga Andreia Figueira, que sempre esteve lá para me confortar e me fazer sorrir e por me fazer acreditar em todas as etapas. Sempre que não estava bem, tirou um bocadinho do seu tempo para estar comigo e me confortar.

À minha querida amiga Ana Martins, por todo apoio, carinho, confiança e dedicação. Pelas vezes que abandonou o que de importante estava a fazer para me ir confortar e me ouvir nos momentos que mais precisei. Pela motivação e força que me foi dando ao longo desta jornada, para que não desistisse desta luta e sonho de concluir o meu curso. Por acreditar nas minhas capacidades enquanto profissional, motivando-me sempre para fazer mais. Por se zangar comigo no momento certo, fazendo-me ver o que seria o mais correto a fazer. É uma das pessoas muito especiais na minha vida, amiga, irmã e conselheira. Obrigada por tudo isto e por todas as vezes que me fez arrancar um sorriso nos momentos em que me sentia mais em baixo e sem vontade para continuar.

Agradeço também...

À minha colega e amiga Mónica Machado e Sara Batalha, que foram umas colegas excelentes, dando-me apoio, conselhos e trocas de saberes e experiências, fundamentais durante toda a minha vida académica. Foram duas pessoas que conheci durante esta viagem e que irei levar para a vida.

Por fim, uma obrigada em especial a todos os meus familiares, que me acompanharam nesta etapa e que não me deixaram desistir.

Obrigada!

Resumo

A presente dissertação foi desenvolvida no âmbito do Mestrado de Qualificação para a docência em Educação Pré-escolar e visou caracterizar as perspetivas de Educadores de Infância sobre a organização e funcionamento de um Jardim de Infância que trabalha com crianças filhas de pais com horários de trabalho atípicos (i.e., por turnos, noturno, irregulares).

O estudo centrou-se numa Instituição Particular de Solidariedade Social do concelho da Amadora com horário de funcionamento contínuo e envolveu a participação de quatro educadores de infância – dois que exercem a sua atividade na componente diurna do estabelecimento e outros dois que exercem na componente noturna. Para concretizarmos o objetivo do trabalho, desenhámos um estudo qualitativo e recolhemos dados através de entrevistas semidiretivas, orientadas por dois guiões construídos para o efeito. Os dados foram posteriormente sujeitos a análise de conteúdo.

Os testemunhos dos docentes incluíram descrições sobre a dinâmica de organização e funcionamento daquele estabelecimento e sobre as dificuldades e desafios que se colocam aos educadores que aí trabalham. Os dados reunidos proporcionam uma visão concreta e contextualizada sobre as implicações dos horários atípicos das famílias no desenvolvimento global das crianças e sobre como os educadores procuram responder às suas necessidades.

Os resultados mostram que os horários atípicos dos pais influenciam o desenvolvimento global das crianças de forma negativa, tanto a nível emocional, social como cognitivo. São feitas sugestões para estudos futuros tais como alargar este estudo a outras instituições com perfil semelhante ou aproximado para identificar outras dimensões do problema estudado e também soluções ou abordagens pedagógicas encontradas por outros educadores para proporcionar os estímulos necessários às crianças de famílias com horários atípicos.

Palavras-chave: Educação Pré-escolar; Componente de Apoio à Família; Relação Escola/Família; horários atípicos; trabalho por turnos; desenvolvimento infantil

Abstract

This dissertation was developed within the scope of the Master in Qualification for Pre-school Education and you see as perspectives of Kindergarten Educators about the organization and functioning of a Kindergarten that works with children daughters of parents with atypical work programs (for example, shifts, night, irregular).

The study focused on a Private Social Solidarity Institution in Amadora with continuous opening hours and involves the participation of four kindergarten teachers - two who exercise their activity in the daytime component of the establishment and two who exercise a personalized component. To achieve or work objective, design a qualitative study and receive data through semi-directive interviews, guided by two guides built for the purpose. The data were subsequently submitted to content analysis.

The testimonies of the documents include descriptions of the organization and functioning that must be established and the difficulties and challenges that are posed to the educators they use. The data gathered provides a concrete and contextualized view on the implications of atypical family schedules on the global development of children and on how educators use responses to their needs.

The results that show that the atypical schedules of parents influence the global development of children in a negative way, both on the emotional, social and cognitive levels. Suggestions are made for future studies, as alarming this study and other institutions with a similar or approximate profile to identify other measures of the problem studied and also solutions or pedagogical approaches that are displayed by other educators to promote the stimuli used in children with atypical habits.

Keywords: *Pre-school education; Family Support Component; School / Family Relationship; atypical schedules; shift work; child development*

Índice

Introdução.....	1
1. Enquadramento teórico.....	3
1.1 . Horários atípicos das famílias, respostas sociais e no âmbito da cidadania empresarial 4	
1.2. Horários atípicos das famílias e suas implicações no desenvolvimento das crianças	9
2. Metodologia.....	14
2.1. Problema e objetivos do estudo	14
2.2. Abordagem e <i>design</i>	15
2.3. Contexto de realização e participantes.....	16
2.3.4. Recolha de dados	17
3.3.5 Instrumentos	18
3.3.6 Procedimentos	19
3.3.7 Tratamento e análise de dados.....	21
4. Apresentação e discussão dos resultados.....	23
5. Conclusões.....	38
6. Referências bibliográficas	40
Anexos.....	42
Anexo 1 – Guião da Entrevista das Educadoras do Turno Noturno.....	43
Anexo 2- Guião da Entrevista das Educadoras do Turno Diurno	47
Anexo 3- Pedido de autorização para a realização das entrevistas.....	51
Anexo 4 – Protocolo da Entrevista A.....	53
Anexo 5 – Protocolo da Entrevista B.....	71
Anexo 6 – Protocolo da Entrevista C.....	83
Anexo 7 – Protocolo da Entrevista D.....	94
Anexo 8 – Dicionário de Categorias	111
Anexo 9– Tabela de Resultados	125

Índice de Quadros e Figuras

Figura 1- Caracterização do grupo.....	24
Quadro 1- Dados sobre Educadores de Infância participantes.....	29
Figura 2- Organização Pedagógica.....	26
Figura 3- Articulação entre os RH: Educadores e Outros Técnicos	30
Figura 4 - Rotinas	32
Quadro 2-Síntese do guião das entrevistas às Educadoras de Infância dos turnos diurno e noturno.....	31
Figura 5 - Obstáculos ao Trabalho Pedagógico	34
Quadro 3.Grelha de categorias prévias.....	34
Figura 6 - Os horários atípicos dos pais e das crianças.....	35
Figura 7 - Relação com as famílias.....	36

Siglas e abreviaturas

CAF- Componente de Apoio à Família

EUA- Estados Unidos da América

IMC- Índice de massa corporal

IPSS- Instituições particulares de solidariedade Social

TAP- Transportadora Aérea Portuguesa

Introdução

A crescente evolução económica e tecnológica e a globalização das sociedades, exige das organizações de trabalho um funcionamento e uma produção contínuos, incompatíveis com horários laborais tradicionais. Em resposta, adotam-se os chamados “horários atípicos” de trabalho que incluem os turnos (permanentes ou irregulares), o horário noturno e de fim-de-semana.

De acordo com Costa (1997, citado por Silva 2012), define trabalho por turnos como o “modo de organização diária do horário de trabalho no qual diferentes equipas trabalham em sucessão de modo a estenderem os horários de trabalho, incluindo o prolongamento até às 25 horas diárias.” (pp.51).

O trabalho por turnos constitui um modo de organização do trabalho de equipa, incluindo o ritmo rotativo, que implica que os trabalhadores possam executar o trabalho a horas diferentes num dado período de dias ou semanas (artigo 188º., lei nº.99/2003 de 27 de agosto)

Todavia, os horários atípicos podem trazer prejuízos para os trabalhadores pelas dificuldades acrescidas na conciliação entre o trabalho e a vida familiar e, em particular, no acompanhamento e no apoio parentais aos filhos. A investigação tem reunido evidências sobre a influência negativa dos horários atípicos dos pais no desenvolvimento das crianças, como é o caso de Zilanawala *et al.* (2017), que afirmam que este tipo de horários podem ter uma grande influência na saúde física e mental das crianças.

Em Portugal, como noutros países do mundo, têm surgido algumas respostas para facilitar a conciliação trabalho-família, incluindo por parte de empresas do setor privado que, no âmbito da cidadania empresarial e entre outras iniciativas, criaram serviços de acolhimento e de educação de infância para os filhos dos seus colaboradores. Entre esses serviços, constam os que funcionam durante 24 horas por dia e 7 dias por semana, características que se refletem na organização pedagógica das atividades de Jardim de Infância e no trabalho geral dos educadores de infância.

O presente trabalho visa conhecer e caracterizar a dinâmica geral de um jardim de infância com horário contínuo e em particular, os principais desafios que educadores de infância enfrentam na sua atividade pedagógica e as soluções que implementam para

assegurar a aprendizagem e desenvolvimento de todas as crianças do seu grupo. Para responder a estes propósitos, realizamos um estudo de caso qualitativo e recolhemos dados através de entrevistas semidiretivas a educadoras de infância que desenvolvem a sua atividade profissional num jardim de infância com horários contínuos.

A estrutura do presente trabalho reflete a trajetória efetuada. Assim, na primeira parte é apresentada uma fundamentação teórica relativamente a este tema, serviços de acolhimento 24 horas, a influência que os horários atípicos têm no desenvolvimento das crianças e os desafios e a relação dos jardins de infância/famílias como os horários atípicos. Na segunda parte, serão expostas as questões de partida, os objetivos, a metodologia, procedimentos de recolha de dados e a discussão dos resultados obtidos através das entrevistas. São ainda apresentadas as considerações finais, onde serão mencionadas todas as dificuldades sentidas no decorrer deste estudo e as conclusões que tiramos dos resultados obtidos. Por fim, estão apresentados as referências bibliográficas e os anexos.

1. Enquadramento teórico

A rápida evolução tecnológica e científica, as imposições económicas e as necessidades de consumo têm suscitado nas organizações a necessidade de garantir uma produtividade contínua através de, entre outros, horários atípicos, por turnos e/ou mais flexíveis (Célia, Moraes & Julieta, 2006). Espera-se que os trabalhadores estejam muito disponíveis para as organizações, mesmo durante as férias e até ao fim de semana. Um estudo de 2015, do *Economic Policy Institute*, concluiu que 17% dos trabalhadores dos Estados Unidos da América têm um trabalho com horário instável, ou porque a empresa pede frequentemente que se façam horas extra ou porque o próprio contrato exige disponibilidade imediata quando ocorrem imprevistos (Gazeta do Povo, 2018). Estas situações são mais frequentes quando a remuneração dos trabalhadores depende de objetivos e metas, em vez de horas ou dias trabalhados. Para além disso, é mais comum entre pessoas mais desfavorecidas, de um ponto de vista socioeconómico, solteiras e/ou em regime de trabalho em tempo parcial. Por outro lado, há muitas profissões que exigem um horário de trabalho por turnos, pelas necessidades de produção ou pelas características da própria atividade profissional (por exemplo, enfermeiros, médicos, operários, bombeiros, polícias, pasteleiros e padeiros).

Os tempos de trabalho irregulares e imprevisíveis (Nascimento, 2013, citado por Pinto, 2017) têm com implicações a nível da organização familiar. As famílias acabam por não conseguir planear as suas rotinas antecipadamente, há menos tempo para a vida familiar e o equilíbrio da relação trabalho-família fica comprometido (Pinto, 2017). Neste contexto, têm surgido preocupações, no mundo do trabalho e na sociedade em geral, com a conciliação entre as vidas profissional e familiar dos trabalhadores e práticas para a promover.

1.1. Horários atípicos das famílias, respostas sociais e no âmbito da cidadania empresarial

Em Portugal, foi aprovada a Estratégia Nacional para a Igualdade e Não Discriminação 2018-2030, «Portugal + Igual», (Resolução do Conselho de Ministros n.º 61/2018, 2018) operacionalizada, entre outros, no Plano de Ação para a Igualdade entre Mulheres e Homens 2018-2021 (PAIMH), com objetivos, medidas e indicadores específicos. Entre as iniciativas do plano, consta a promoção da certificação das organizações de acordo com a Norma Portuguesa 4552:2016 (APCER, 2019), para a conciliação entre a vida profissional, familiar e pessoal. A norma define os requisitos para a implementação, manutenção e gestão de um sistema de gestão da conciliação entre a vida profissional, familiar e pessoal.

Segundo Wall, José e Correia (2002), responder às necessidades das crianças implica sempre uma reorganização na vida familiar. Existem várias formas de conciliar a família e o trabalho durante a semana: uma primeira centrada no apoio principal; a segunda, em apoios múltiplos, ou seja, uma combinação complexa de várias soluções ou de cuidados prestados por diversos serviços, tais como infantários, escola e atividades extracurriculares. Uma última abordagem, diz respeito à ausência de conciliação, não existindo qualquer apoio, tanto institucional como familiar, o que expõe as crianças pequenas a determinados riscos.

A adaptação entre a família e o trabalho faz-se mais pela vida familiar, tendo em consideração a vida da criança, ao invés do trabalho profissional. De acordo com os autores acima referidos, foi realizada por Wall e Lobo, em 1999, uma entrevista a mães que se encontram a trabalhar a tempo inteiro, para perceber a relação entre a família e o trabalho. sendo que algumas sentiram a necessidade de aumentar o horário de trabalho para responder às necessidades económicas acrescidas. As mulheres com horários atípicos procuram organizar os cuidados à criança em função do seu horário de trabalho. Por outro lado, as mães que trabalham em horários regulares mas com horários longos, sentem a necessidade, como as mães de horários atípicos, de apoios diversos para organizarem a prestação de apoio de cuidados às suas crianças (Wall, José, & Correia, 2002).

O equilíbrio da relação trabalho-família é atingido quando ambas as partes se esforçam por dar o seu contributo de forma positiva, criando desta forma um ambiente

mais harmonioso (Teixeira & Nascimento, 2011). Segundo Teixeira e Nascimento (2011), os trabalhadores que sentem menor apoio familiar por parte da organização, têm tendência a desmotivar e equacionam com mais frequência mudar de emprego. As infraestruturas de apoio às famílias não acompanham o ritmo de crescimento da população ativa.

Em Portugal tem havido iniciativas, tanto no setor público como no privado, de incentivo à conciliação família-trabalho. (Teixeira & Nascimento, 2011) destacam a da Caixa Económica do Montepio Geral que proporciona licenças sem vencimento sempre que existe a necessidade de acompanhamento dos filhos menores. Os autores apontam ainda outras possibilidades de apoios das organizações a uma gestão mais adequada da relação trabalho-família: a redução do horário laboral; o ajustamento do horário de trabalho, incluindo opção pelo tempo parcial; a realização do trabalho em casa; a redução das horas de trabalho semanais, permitindo o aumento dos dias livres para a vida familiar.

Outro tipo de exemplos, diz respeito à criação de serviços de acolhimento de crianças nas próprias organizações, sob a forma de programas de férias para crianças e/ou programas pós-escolar e/ou Creches e Jardins de Infância com funcionamento 24 horas por dia. O presente trabalho centra-se num Jardim de Infância com estas características, com funcionamento contínuo e destinado principalmente a filhos de trabalhadores com horários atípicos. São serviços que ajudam os pais trabalhadores a ultrapassar as dificuldades que sentem por não terem onde deixar os seus filhos em segurança (Teixeira & Nascimento, 2011), aumentando a sua concentração e produtividade (Guerreiro, Lourenço, & Pereira, 2006). Todavia, estes serviços de acolhimento enfrentam uma dupla responsabilidade, a de desenvolver as suas funções nucleares e, simultaneamente, a de mitigar as consequências/efeitos dos horários atípicos dos pais no desenvolvimento das crianças.

Na verdade, devido aos seus horários atípicos de trabalho, muitos pais vêm-se obrigados a procurar creches ou serviços de acolhimento com um horário de funcionamento compatível, o que pode não ser fácil. O estudo de (Verhoef, Tammelin, May, Rönkä, & Roeters, 2015) identificou o desafio que, em países como a Finlândia, a Holanda e o Reino Unido, os pais enfrentam para encontrar serviços de apoio às crianças fora do horário regular. Numa amostra de 937 pais de crianças entre os 0 e os 12 anos, os

autores encontraram uma correlação significativa negativa entre horários de trabalho atípicos e recurso a serviços ou apoios formais/institucionais. Os resultados mostraram ainda que, em comparação com a Finlândia, a probabilidade de os pais optarem pelos apoios formais/institucionais é menor na Holanda, e a probabilidade de optarem pelos informais é maior no Reino Unido (Verhoef *et al.*, 2015). Singler (2011), referindo-se especificamente ao contexto do Reino Unido, explica que a falta de serviços formais de apoio às famílias se deve ao pouco apoio das autoridades governamentais para o alargamento do horário funcionamento das creches, sendo por isso reduzidas as que abrem antes das oito da manhã e que fecham depois das dezoito horas da tarde. (Verhoef *et al.*, 2015) acrescentam que, no Reino Unido, as famílias que trabalham por turnos têm de inscrever os seus filhos em *amas* e, ao mesmo tempo, em creches, para poderem ir trabalhar. Em relação aos poucos estabelecimentos com horário prolongado, (Verhoef *et al.*, 2015) explicam que, além de poucos, os que existem são normalmente caros e que, por isso, não estão ao alcance da maioria das famílias.

Também nos EUA parece não existirem, em número suficiente, instituições públicas que respondam às necessidades das famílias com horários de trabalho por turnos, assegurando o acolhimento e/ou apoio educativo durante os períodos laborais. Com frequência, um dos elementos do casal vê-se obrigado a fazer um horário de trabalho diferente para poder ficar com a criança nos horários em que o outro trabalha (Singler, 2011). Certos estudos sugerem que, nos EUA, são as mães solteiras as mais propensas a necessitar de creches formais, em comparação com as famílias biparentais, tendo que complementar o cuidado formal com cuidados informais (por exemplo, avós, amigos) (Wallage & Young, 2010).

A Finlândia está entre os poucos países do mundo a ter serviços públicos de atendimento diurno e noturno para crianças em idade escolar. No entanto, isso parece não responder às necessidades de todos os pais (Verhoef *et al.*, 2016).

Em Portugal e, em particular, no distrito de Lisboa, existem algumas instituições educativas privadas com serviço de acolhimento de vinte e quatro horas. Além das valências de Creche e Jardim-de-Infância com horário alargado (por exemplo, das 07h00 às 20h00), prestam serviços de *baby-sitting*, acabando por garantir um atendimento de vinte e quatro horas e durante os 12 meses do ano.

No nosso país algumas empresas com horário contínuo de trabalho criaram serviços de educação de infância destinados principalmente aos filhos dos seus trabalhadores, facilitando ou incrementando o equilíbrio entre o trabalho e a família. Como exemplos, salientamos:

- A empresa Bruno Janz, fabricante de contadores da água e da eletricidade, criou a Associação Ester Janz, uma Instituição de Solidariedade Social (IPSS) que em 1986 iniciou a sua atividade tendo por objetivo a educação dos filhos dos colaboradores da empresa. Atualmente, conta com as valências de creche, pré-escolar e 1.º ciclo. Numa fase inicial, apenas recebia os filhos dos trabalhadores; posteriormente, alargou o serviço a outras crianças (Guerreiro, Lourenço, & Pereira, 2006);

- A Transportadora Aérea Portuguesa (TAP) cujo infantário (fundado em 1972 e concessionado em 1997 ao Externato Champagnat), funciona vinte e quatro horas por dia e é destinado exclusivamente aos filhos dos seus trabalhadores, permitindo apoiar aqueles que trabalham no período noturno (Guerreiro *et al.*, 2006). O infantário assegura a sua atividade trezentas e sessenta e cinco dias por ano (Emprego, n.d.).

- A empresa Jerónimo Martins tem um jardim de infância (fundado em 2011 e com capacidade para 85 crianças) e uma creche (com capacidade para 20 crianças). Esta segunda é gratuita e com horário alargado de segunda a sábado, das 05h45 às 18h00. Ambos os serviços destinam-se aos filhos dos colaboradores da empresa (Guerreiro *et al.*, 2006);

- O grupo francês Auchan, de distribuição comercial, criou em 2010 o colégio (IPSS) na Amadora e, pouco depois, em Alfragide, ambos geridos pela Fundação Pão de Açúcar Auchan. Destinam-se principalmente aos filhos dos colaboradores, embora recebam também outras crianças externas à organização, com idades compreendidas entre os 4 meses e os 6 anos de idade. Os colégios funcionam das 07:00 da manhã às 00:30, o que é compatível com os horários de quem trabalha nos hipermercados do grupo (Machado & Miranda, 2014). No entanto, não é permitido que as crianças passem mais de 11 horas por dia na instituição, mais do que cinco dias por semana e é obrigatório que usufruam de, pelo menos, 22 dias de férias (Machado & Miranda, 2014).

Noutros países da União Europeia, encontramos igualmente exemplos de organizações de trabalho que criaram serviços de educação de infância com horário alargado destinados sobretudo aos seus trabalhadores com horários atípicos:

- na Dinamarca, a empresa de serviços de correios possui um projeto de apoio aos filhos dos trabalhadores que inclui creches com horários de funcionamento ajustados aos horários laborais atípicos dos trabalhadores e infantários abertos 24 horas (Guerreiro *et al.*, 2006);

- na Alemanha, a empresa “Mohringer Maschinenbau” (fundada em 1947), especializada em serviços de maquinaria para madeira, criou horários de trabalho que permitem acumular horas ao longo do tempo da vida do trabalhador, com o objetivo de serem utilizadas em períodos onde os seus filhos precisem de cuidados (“life-long”) (Guerreiro *et al.*, 2006);

- em 2003, (Statham & Mooney, 2003), referindo-se à Inglaterra e ao País de Gales, reportaram a existência de 250 amas, 85% das quais com horários flexíveis para poderem responder às necessidades das famílias que trabalham por turnos. Pelo mesmo motivo, os autores salientam o aparecimento de algumas, ainda que poucas, instituições para a infância que prolongaram o seu horário de funcionamento. A título de exemplo, o Centro de Crianças do Abacus, situado em Londres, que em 2002 prolongou o horário de funcionamento para 24 horas para acolher os filhos dos trabalhadores (do hospital universitário de Lewisham, em Londres) que trabalham por turnos e ao fim-de-semana.

1.2. Horários atípicos das famílias e suas implicações no desenvolvimento das crianças

Os horários de trabalho atípicos dos pais podem influenciar negativamente o desenvolvimento dos filhos. Por exemplo, pelo seu impacto nos recursos familiares; pela diminuição do tempo disponível para as crianças; pelos efeitos adversos no bem-estar físico e psicológico dos pais e na qualidade do relacionamento conjugal (Bradley & Vandell, 2007). Para prevenirem eventuais consequências negativas, muitos pais que optam por trabalhar em horários rotativos, acabam por ter que negociar entre si o tempo com os seus filhos (Bradley & Vandell, 2007). Significa que, entre o trabalho e a vida pessoal, pode existir “uma forma de conflito em que as pressões das funções do trabalho e os domínios da família, são incompatíveis em alguns aspetos” (Greenhaus & Beutell, 1985, citados por Pinto, 2017).

A difícil conciliação trabalho-família tem implicações na saúde mental e física dos pais o que, por sua vez, influencia a saúde e o desenvolvimento dos filhos através do seu impacto nos processos familiares. O stresse psicológico associado aos horários rotativos, pode reduzir o tempo gasto com as crianças em atividades importantes para o seu desenvolvimento e a qualidade da parentalidade e do ambiente familiar (Statham & Mooney, 2003).

A investigação tem reunido evidências sobre a influência dos horários atípicos no desenvolvimento das crianças, sendo que muitos dos estudos produzidos partem de duas principais perspetivas teóricas para explicar os potenciais efeitos dos horários de trabalho parentais nos filhos (Li *et al*, 2014):

A teoria ecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (Benetti, Luis Vieira, Crepaldi, & Schneider, 2013). Bronfenbrenner propôs em 1979 o estudo do desenvolvimento humano através da interação de quatro núcleos inter-relacionados - o processo, a pessoa, o contexto e o tempo. O processo é o principal mecanismo responsável pelo desenvolvimento que é visto através de processos de interação recíproca, progressivamente mais complexa, com as pessoas, objetos e símbolos presentes no seu ambiente imediato. O segundo componente diz respeito às características da pessoa, vistas tanto como produtoras como produtos do desenvolvimento, influenciando a forma, a

força, o conteúdo e a direção da interação no ambiente imediato. Ao mesmo tempo, são resultado da interação conjunta destes elementos – processo, pessoa, contexto e tempo. Assim, neste modelo, o desenvolvimento está relacionado com estabilidade e mudança nas características biopsicológicas da pessoa durante o seu ciclo de vida.

O terceiro componente do modelo de Bronfenbrenner diz respeito ao contexto, onde interagem quatro níveis ambientais – microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema. De acordo com Bronfenbrenner, estes sistemas estão organizados como um encaixe de estruturas concêntricas, em que cada uma rodeia a outra, compondo o meio-ambiente ecológico e deve-se estudar a criança no contexto de ambientes múltiplos nos quais ela se desenvolve.

Por fim, a quarta componente do modelo bioecológico, o tempo, permite analisar a influência para o desenvolvimento humano de mudanças e continuidades que podem ocorrer ao longo do ciclo de vida. Mais tarde, depois dos anos 70, Bronfenbrenner reviu a sua teoria e acrescentou ao ambiente o cronossistema que corresponde ao grau de estabilidade ou mudança no mundo da criança ao longo do tempo;

O modelo conceptual dos recursos (conceptual resources framework). Um outro enquadramento conceptual, usado para explicar a relação entre horários de trabalho dos pais e desenvolvimento dos filhos, e que foi proposto por Brooks-Gunn e colaboradores (Brooks-Gunn, Fuligni, & J.Berlin, 1995). É um referencial teórico que deriva do modelo ecológico de Bronfenbrenner e que o operacionaliza em termos de recursos familiares e extrafamiliares. Prevê quatro categorias de recursos familiares críticos para a parentalidade e para a socialização das crianças: rendimentos, tempo, capital humano (e.g. formação e nível educacional dos pais) e capital psicológico (e.g. saúde mental dos pais, a qualidade das suas relações, crenças sobre os papéis parentais). Os recursos extrafamiliares incluem as escolas, os grupos de pares, a comunidade e outros contextos sociais mais alargados, os quais poderão constituir um capital social se a família se apropriar ou lidar com eles de forma adequada (A.M.Fadly, J.R.Glisson, L.R.McDougald, L.K.Nolan, & D.E.Swayne, 2005) . No contexto do enquadramento conceptual dos recursos, Brooks-Gun *et al* (1995), um bom desenvolvimento infantil será função da quantidade e qualidade de recursos disponíveis, da mistura entre recursos familiares e extrafamiliares, das decisões parentais relativas à utilização dos recursos, e às próprias características das crianças.

De acordo com os referenciais teóricos de Brofenbrenner e de Brooks-Gunn, o trabalho dos pais é uma parte importante do exossistema no seio do qual a criança cresce e se desenvolve. Neste sentido, os horários atípicos dos pais podem influenciar o desenvolvimento da criança através do seu impacto nos recursos familiares.

No desenvolvimento da criança existem alguns aspetos que são de algum modo previsíveis, ou seja, a criança é um ser ativo que deve crescer de forma saudável, quer ao nível físico como intelectual e cognitivo. Espera-se assim que o desenvolvimento social e emocional ocorra paralelamente a estes (Han, 2005). As áreas de desenvolvimento estão inter-relacionadas entre si, ou seja, os desenvolvimentos cognitivos, emocionais, sociais e físicos/mentais tendem a influenciar-se mutuamente.

Han (2005) procurou identificar em que medida os horários atípicos das mães podem afetar o desenvolvimento cognitivo das crianças durante os primeiros três anos de vida. O autor analisou a associação entre os comportamentos das crianças, os horários de 900 mães e os cuidados prestados. Os resultados do estudo de Han (2005) sugeriram que os efeitos dos horários por turnos das mães no desenvolvimento cognitivo podem depender da forma como a criança é cuidada, ou seja, se pelos pais se por serviços de *babysitting*. Os horários de trabalho atípicos dos pais podem impedir as crianças de frequentarem a creche, privando-a de estímulos importantes para o desenvolvimento da comunicação, da linguagem, do pensamento lógico-matemático, da criatividade e das competências sociais.

A instabilidade na rotina da criança pode também causar-lhe cansaço, stresse, problemas com o sono e até alterações emocionais, devido ao pouco tempo que os pais têm com eles. São efeitos que podem ter algumas consequências a nível cognitivo. Por exemplo, Martens *et al.* (1999, citado por Han, 2005) encontrou uma associação positiva entre os horários rotativos ou irregulares e estados de ansiedade e de depressão das mães, tanto em famílias biparentais como monoparentais. Estes problemas psicológicos podem comprometer o ambiente familiar onde a criança está inserida e a relação com a mãe o que, por sua vez, terá efeitos negativos no desenvolvimento cognitivo das crianças.

Num estudo que envolveu famílias de baixo rendimento de Boston, (Hsueh & Yoshikawa, 2007) verificaram que as crianças entre os dois e os quatro anos de idade, cujo os pais trabalham por horários não padronizados, isto, é horários rotativos, noturnos,

turnos variáveis e fins de semana, têm mais problemas comportamentais e menos comportamentos positivos, relativamente às crianças cujos pais trabalham com horários fixos. Os autores concluíram que os horários atípicos dos pais podem comprometer o desenvolvimento emocional dos filhos pela falta de tempo para acompanhar os momentos mais importantes da rotina das crianças. Por exemplo, os jantares, idas à escola, sextas, brincadeiras em família, participar nas atividades escolares dos filhos, são momentos importantes para o fortalecimento de vínculos afetivos entre a criança e a família.

Estudos realizados no Japão (Bradley & Vandell, 2007), evidenciaram efeitos negativos nos comportamentos das crianças dos horários por turnos dos pais. Segundo os autores, as crianças que frequentam as creches 30 ou mais horas por semana, podem correr riscos de problemas comportamentais relacionados com o stress.

Li *et al.* (2014) reportam implicações para a saúde dos horários de trabalho. Descrevem que as famílias que trabalham por turnos sentem, em comparação com as que possuem horários típicos, mais fadiga devido ao sono irregular, o que as inibe de adotarem comportamentos alimentares saudáveis e de praticarem exercício físico. O trabalho de Zilanawala *et al.* (2017), realizado nos EUA, encontrou uma relação entre os horários de trabalho dos pais e o índice de massa corporal dos filhos (IMC). Os resultados sugerem que a duração da intensidade de horas de trabalho dos pais é preditiva do risco de sobrepeso/obesidade e do aumento do IMC. Devido à falta de tempo e cansaço físico e psicológico, estas famílias tendem a optar por refeições rápidas e pré confeccionadas que podem desequilibrar o IMC das crianças, incluindo em idade pré-escolar, e contribuir para problemas de saúde.

As refeições rápidas (*fast food*, alimentos pré-cozinhados) são geralmente mais ricas em gorduras e calorias e contribuem para a obesidade infantil, um fenómeno de saúde pública nos EUA, com particular incidência nas crianças com idades compreendidas entre os seis e os onze anos de idade (Morrissey, Rachel E. Dunifon, & Ariel Kalil, 2012). O estudo de Morrissey *et al.* (2012) confirmou uma associação positiva entre o número de horas de trabalho das mães e o IMC dos filhos entre os 8 e os 12 anos, embora não tenham encontrado evidências sobre a influência moderadora do tipo de horário, como hipotetizado.

A rotina das refeições é, portanto, afetada pela falta de disponibilidade dos pais, principalmente das mães, as principais cuidadoras e gestoras dos tempos dos filhos. Devido à falta de tempo e cansaço acumulado pelos horários de trabalho, as mães acabam por ter dificuldade em supervisionar os filhos durante estes tempos de rotina e não têm tempo para as refeições mais importantes, com implicações ao nível da saúde. Devidos aos constrangimentos horários, as famílias gastam uma parte do seu orçamento familiar em comida fora de casa, acabando por ingerir uma menor quantidade de vegetais e frutas, essenciais para a saúde das crianças. (Morrissey *et. al.* (2012) salientam também o excesso de tempo que as crianças passam a ver televisão, em detrimento da interação com as mães cujo tempo disponível é dedicado a tarefas domésticas e aos cuidados, como a higiene e a alimentação. Enquanto veem televisão, as crianças acabam por comer alimentos menos saudáveis e altamente calóricos.

No entanto, outros autores, como Henly e Lambert (2005, citados por Hseueh & Yoshikawa, 2007), identificam vantagens neste tipo de horários, como a flexibilidade para atender a emergências familiares, organizar e fazer as tarefas diárias, sabendo que os seus filhos estão na escola.

A investigação tem procurado identificar os fatores que influenciam, mediando e/ou moderando, o impacto dos horários atípicos no desenvolvimento da criança. Os recursos (saúde dos pais, tempo com os filhos, rendimentos, o capital humano, o psicológico e o social) e os processos familiares (a parentalidade, a relação criança-pai/mãe, o ambiente familiar) têm sido apontados como fatores mediadores. Como fatores moderadores, a literatura sugere a idade e o género da criança, o género dos pais, a estrutura e o rendimento da família.

2. Metodologia

Neste ponto do documento, descrevemos a componente empírica do trabalho. Começamos por apresentar a intencionalidade do estudo, ou seja, a questão de partida que o norteou e os objetivos que definimos para a responder. Em seguida, mostramos e justificamos as opções metodológicas tomadas.

2.1. Problema e objetivos do estudo

A revisão da literatura mostrou-nos que os horários de trabalho dos pais têm influência na qualidade do ambiente familiar (e.g. Statham & Mooney, 2003; Morrissey et. al,2012). Quando atípicos (por exemplo, por turnos e/ou irregulares), podem constituir sérias ameaças ao adequado desenvolvimento global das crianças (e.g. Han, 2005; Hsueh & Yoshikawa, 2007).

A sociedade, em geral, e o mundo empresarial, em particular, têm vindo a reconhecer a importância da conciliação entre o trabalho e a vida familiar e a desenvolver iniciativas para a promover (e.g. APCER, 2019; Teixeira & Nascimento, 2011). Constitui disso um exemplo, a criação de Jardins de Infância com horário de funcionamento contínuo (24 horas) destinadas aos filhos dos trabalhadores. Tais estruturas educativas respondem à preocupação dos pais em deixar os filhos num contexto próximo e seguro. Contudo, têm que lidar com crianças expostas à influência negativa dos horários atípicos das famílias. Os Jardins de Infância com funcionamento contínuo, e respetivos profissionais, para cumprirem a sua missão e promoverem o bem-estar, a aprendizagem e desenvolvimento das crianças, necessitam de atender às suas necessidades específicas e proporcionar respostas adequadas. Foi a partir desta problemática que emergiu o nosso problema de investigação, através de um processo gradual, como aconselhado por Fortin, Côte e Filion (2006), até considerarmos que estava suficientemente precisa para nos ajudar no desenho do estudo. Concretiza-se nas seguintes questões:

Qual a influência dos horários de trabalho dos pais no desenvolvimento global dos filhos? E como pode um Jardim de Infância responder às necessidades específicas das crianças cujos pais possuem horários atípicos?

Para respondermos às questões anteriores, considerámos relevantes concretizar os seguintes objetivos gerais:

- 1) Compreender como os horários (atípicos) de trabalho dos pais influenciam o desenvolvimento dos filhos;
- 2) Conhecer as particularidades de funcionamento e organização de um JI com crianças de famílias com horários de trabalho atípicos.
- 3) Caracterizar as práticas pedagógicas, com base nos testemunhos dos educadores de infância, desenvolvendo nos JI para responder às necessidades específicas das crianças de famílias com horários atípicos e os principais desafios ou as dificuldades sentidas.

2.2. Abordagem e *design*

Para concretizarmos os objetivos do estudo optámos por uma abordagem de investigação qualitativa e por um estudo de caso. Segundo Nelson *et al.* (1992, citado por Aires, 2011), a investigação qualitativa constitui um campo interdisciplinar e transdisciplinar, inspirado por uma sensibilidade interpretativa e simultaneamente, vocacionado por conceções humanísticas e naturalistas da experiência humana. Visa descobrir, descrever e compreender os fenómenos, considerando os pontos de vista e as interpretações dos participantes. A investigação do tema é iniciada, muitas vezes, pela exploração de algo pouco estudado e por uma questão global de investigação. O investigador interpreta os dados, descreve detalhadamente os acontecimentos relatados e decide o que faz depois.

O estudo de caso constitui um desenho de investigação frequente nas abordagens qualitativas e consiste num estudo detalhado de um fenómeno social, que pode ser um indivíduo, um grupo ou comunidade. O fenómeno pode ser estudado de forma pormenorizada, a partir de uma certa situação ou através de uma evolução ao longo do tempo (Fortin MF, Côté J, 2009). Para Yin (1989, citado por Amado, 2017), a realização de um estudo de caso requer no investigador a mobilização de algumas competências básicas, tais como: “saber formular boas perguntas e interpretar boas respostas; ser um bom ouvinte e não ser traído pelas suas próprias ideologias ou preconceitos; ser adaptável e

flexível, e conseguir ver as situações inesperadas como oportunidades e não como ameaças. (...)” (p.115).

Em síntese, considerámos que a abordagem qualitativa e o estudo de caso seriam as opções metodológicas adequadas, uma vez que pretendíamos conhecer uma realidade específica – um Jardim de Infância com horário de funcionamento contínuo - a partir das perspetivas de um grupo de intervenientes – os educadores de infância.

2.3. Contexto de realização e participantes

O estudo realizou-se numa Instituição de Solidariedade Social (IPSS), situada no concelho da Amadora e distrito de Lisboa, que possui as valências de creche e jardim de infância (pré-escolar). A instituição abrange cerca de 150 crianças, entre os quatro meses e os cinco anos de idade. O seu corpo docente é constituído por 28 elementos e o pessoal não docente por seis trabalhadores.

O estabelecimento de ensino foi criado em 2010 pela entidade instituidora, uma Fundação, para responder em primeiro lugar às necessidades das famílias dos trabalhadores com horários de trabalho atípicos, e, em segundo lugar, às necessidades do concelho e da restante comunidade educativa.

A instituição é constituída por duas salas de berçário, duas salas de um ano, duas salas de dois anos e três salas de Educação Pré-Escolar, todas heterogéneas. O colégio funciona todos os meses do ano, de segunda a domingo, entre as 07h00 e as 00h30, sendo que a criança só pode frequentar o colégio onze meses no ano, sete dias consecutivos e onze horas por dia. A frequência do colégio mais do que sete dias por semana é possível, mas em situações excecionais, quando são devidamente fundamentadas e autorizadas pela coordenação pedagógica. A instituição encerra nos dias 25 de dezembro, um de janeiro e em agosto, num período de cinco dias para a realização de limpezas gerais, manutenção e desinfestações.

As entradas e saídas das crianças na instituição é sujeita regras. No período da manhã todas as crianças podem entrar com as suas famílias nas salas até às 09h30, depois do almoço, entre as 12h15 e as 15h00 e no período da tarde, entre as 16h30 e a 00h30. As atividades em sala decorrem nos dias úteis entre as 09h30 e as 16h30, sendo que o restante

tempo é para dar apoio às crianças que ficam no horário de Componente de Apoio à Família (CAF).

Neste estudo participaram quatro educadoras de infância, duas do turno diurno e duas do turno noturno (da CAF). No Quadro 1 sintetizam-se algumas características demográficas relativas a cada educadora.

Quadro 1. *Dados sobre Educadores de Infância participantes*

Participantes	Habilitações	Local da formação inicial	Experiência noutros locais	Anos de serviço
EI1 (dia)	Mestrado em Educação Pré-Escolar	ESE de Lisboa	Sim	6
EI2 (dia)	Licenciatura em Educação de Infância		Sim	14
EI3 (noite)	Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º. Ciclo	ESE de Setúbal	Não	7 meses
EI4 (noite)	Licenciatura em Educação de Infância	ESE João de Deus	Sim	9

2.3.4. Recolha de dados

Nos estudos de caso qualitativos podem ser usadas diferentes técnicas para a recolha de dados, com vista a uma análise mais adequada e uma descrição mais rigorosa do objeto de estudo (Bogdan & Biklen, 1994). Como pretendíamos captar as perspetivas dos participantes sobre um determinado fenómeno social, considerámos que seria adequada a utilização da técnica da entrevista para a recolha de dados. Segundo Aires (2011), é uma das técnicas mais utilizadas no estudo e compreensão do ser humano e implica sempre um processo de comunicação, em que o entrevistador e o entrevistado podem influenciar-se mutuamente.

Optamos por utilizar uma entrevista semiestruturada, principalmente utilizada em estudos qualitativos, quando o investigador quer compreender mais especificamente um acontecimento vivido pelos participantes (Fortin MF, Côté J, 2009). Savoi e Zajc (2003, citado por, Amado 2009) define a entrevista semiestruturada da seguinte forma:

“[...] uma interação verbal animada de forma flexível pelo investigador. Este deixar-se-á guiar pelo fluxo da entrevista com o objetivo de abordar, de um modo que se assemelha a uma conversa, os temas gerais sobre os quais deseja ouvir o respondente, permitindo assim destacar uma compreensão rica do fenómeno em estudo. (pp.377)”

Para este tipo de entrevista, é necessário que o entrevistador determine a lista de temas a abordar, formule as questões e apresenta-as ao entrevistado numa ordem apropriada (Fortin MF, Côté J, 2009). As questões são flexíveis e o entrevistador pode começar pelas mais simples e ir colocando, progressivamente, questões mais complexas.

A condução da entrevista semiestruturada é orientada por um esquema ou guião onde constam a formulação do problema, os objetivos que se pretendem alcançar e as questões fundamentais (orientadoras) numa ordem lógica e prática, e ainda as perguntas de recurso, a utilizar apenas quando o entrevistado não conseguir avançar no desenvolvimento do tema ou não atingir o grau de explicitação pretendida (Amado, 2017). De acordo com Amado (2017), para que a entrevista decorra de um modo legítimo, o entrevistador:

- Explicita os seus objetivos e opõe-se a inércia e à resistência natural dos entrevistados;
- Coloca o entrevistado na situação de colaborador;
- Garante o anonimato das informações;
- Explica o modo como a entrevista vai decorrer;
- Coloca-se ao dispor do entrevistado para esclarecer qualquer dúvida.

No final da entrevista, todos os temas previstos devem ter sido tratados.

3.3.5 Instrumentos

Para a realização deste estudo utilizamos o guião, que é um instrumento da entrevista, que revela intenções e que permite orientar o momento da entrevista, (Amado, 2017). Aos temas ou tópicos devem ter em consideração os objetivos e referencial teórico do estudo.

Durante a construção do guião, o mesmo autor indica alguns conselhos para promover a querencia, a organização e facilitar a condução da entrevista, nos quais destacamos:

- A sequência dos blocos temáticos deve corresponder a uma lógica com sentido;

- As questões auxiliares de recurso que apenas ajudam a perceber a entrevista, quando o entrevistado não consegue avançar facilita a motivação do mesmo;

- Apesar do carácter flexível do guião, durante o decorrer da entrevista, as questões devem iniciar-se com as experiências do entrevistado.

Segundo as indicações de Quivy e Campenhoudt (1998)., o número de questões deverá ser o mais reduzido possível, pois uma excessiva diversidade de questões pode levar à rotura da entrevista e á desmotivação do entrevistado, o qual tenderá responder de uma forma mais breve. Além disso, as questões servem apenas para orientar o investigador de forma a centrar-se no tema (Amado, 2017).

Para a realização das entrevistas elaborámos dois guiões, visto que existiam dois grupos distintos de participantes (educadoras do turno de dia e educadoras do turno da noite). Os quadros 2 e 3 apresentam de forma sintética os principais temas de cada um, definidos de acordo com os objetivos do estudo.

Quadro 2 Síntese do guião das entrevistas às Educadoras de Infância dos turnos diurno e noturno

Temas	Descrição
1. Horários atípicos das famílias e o desenvolvimento global das crianças	Opiniões sobre o desenvolvimento global destas crianças, os fatores que o influenciam e os apoios proporcionados na escola a crianças
2. Planificação do trabalho pedagógico: características e desafios	Processo de planificação do trabalho pedagógico, principais dificuldades/obstáculos sentidos no processo e articulação entre os educadores dos turnos diurno e noturno.
3. Relação Escola-família (como é trabalhar com estes parceiros)	Eventuais orientações institucionais para a relação escola-família, estratégias e atividades levadas a cabo pelo entrevistado para o envolvimento das famílias das crianças do grupo. .

3.3.6 Procedimentos

Um bom entrevistador deve preparar-se de forma a realizar uma recolha o mais perfeita possível de dados através da entrevista. Quanto menor for a sua intervenção maior será a qualidade do material recolhido (Amado, 2017). Existem ainda outros fatores, de ordem espacial e temporal, que podem condicionar a realização desta técnica do inquérito. Segundo Amado (2017), para que a realização e condução de uma entrevista seja feita com sucesso há que ter em conta, para além da preparação com base em objetivos e temas, um

determinado um estilo de interação, bem como todo um conjunto de preocupações e procedimentos no sentido de sua validação como instrumento científico.

Contactos preparatórios

A realização das entrevistas foi precedida de um primeiro contacto, como indicado por Ghiglione e Matalon (1997, citado por Gil, 2004), para convidar os potenciais entrevistados, dar a conhecer os objetivos gerais do estudo e, se aceite, combinar data e local das entrevistas. Demos também a conhecer a necessidade de gravação das ditas. Ainda neste primeiro contacto, procurámos motivar as participantes, realçando a importância do seu contributo para a realização deste trabalho.

Escolha do local

Tivemos também especiais cuidados na escolha do local de realização das entrevistas, conforme indicado por Quivy e Campenhoudt (1998). Assim, optámos pelo local de trabalho das entrevistadas, por lhes ser familiar e pela sua ligação à temática da entrevista. O local escolhido reunia as condições necessárias para assegurar o processo e qualidade das entrevistas: era confortável, sossegado e o risco de interrupção diminuto.

Condução e conclusão da entrevista

No início de cada entrevista, referimos novamente a finalidade do trabalho e a necessidade de gravação da entrevista. Durante cada entrevista, procurámos dar aos participantes a oportunidade de responderem com uma certa liberdade, de acordo com a sua opinião e experiência profissional. Bodgan e Biklen (1994) salientam que as boas entrevistas se descrevem pelo à vontade que os sujeitos apresentam, falando livremente sobre os seus pontos de vista. No final, os agradecimentos pela colaboração foram precedidos de uma última oportunidade para acrescentar algo à informação anteriormente descrita.

3.3.7 Tratamento e análise de dados

Nesta fase, descrevemos a forma através da qual procedemos ao tratamento e análise de dados, ou seja, a técnica de análise de conteúdo. Segundo Laurence Bardin (2018), a análise de conteúdo é uma técnica de análise de comunicações assente em procedimentos sistemáticos e objetivos do conteúdo das mensagens. Este tipo de análise é especialmente adequado ao estudo do implícito pois obriga o investigador a manter distância em relação às interpretações espontâneas e a analisá-las segundo critérios explícitos (Quivy, R., & Campenhoudt, 1998).

Definição dos objetivos e referenciais da análise

Iniciámos a análise de conteúdo com a transcrição integral das entrevistas e a constituição do *corpus* da análise. Tivemos ainda o cuidado de clarificar o objetivo geral da análise – identificar as perspetivas das participantes sobre o fenómeno em estudo, o funcionamento de um Jardim de Infância com crianças filhas de pais com horários atípicos.

Além disso, todas as análises de conteúdo preveem a existência de um referencial teórico que a oriente (Amado, 2017). No nosso estudo, os referenciais teóricos da análise de conteúdo corresponderam aos do estudo, na sua globalidade.

Definição das unidades de análise

Foram definidas três unidades de análise (Laurence Bardin, 2018): a *unidade de registo* (UR), que corresponde a um segmento de conteúdo a considerar como uma unidade de base. A unidade de registo pode ter dimensões muito variadas. Na nossa análise, definimos como UR a mais pequena parcela de texto com sentido; a *unidade de contexto*, constitui o segmento mais largo do conteúdo que um analista examina quando caracteriza a unidade de registo e tem como finalidade enquadrar o significado da UR; por fim, a *unidade de enumeração* que visa a quantificação dos dados.

Categorização

O processo de categorização sistematiza o material verbal em classes de informação definidas de acordo com o referencial teórico do estudo e a análise do *corpus*. Neste processo, o que importa ao analista são os conceitos e a passagem dos indicadores aos contextos (Pinto, J. M., & Silva, 2019). Para definir as categorias podem ser adotados três tipos de procedimentos: o prévio ou *a priori* - vai ao encontro dos problemas previamente formulados pelo investigador; *a posteriori*, que não contém qualquer pressuposto teórico que oriente a sua elaboração; e, por último, o misto, que corresponde a uma mistura dos procedimentos anteriores (Pinto, J. M., & Silva, 2019). Foi este o procedimento que adotámos. Para o efeito, definimos um conjunto de categorias prévias, com base nos objetivos do estudo, a saber:

Quadro 3. *Grelha de categorias prévias*

Categorias	Descrição
1. Caracterização do grupo	Inclui todas as informações dos grupos das salas de dia e das crianças que frequentam os horários atípicos: como é que se encontram a nível de desenvolvimento e a constituição dos grupos
2. Obstáculos ao Trabalho Pedagógico	Diz respeito às dificuldades que as educadoras sentem para realizarem um trabalho pedagógico com crianças que frequentam horários atípicos ou irregulares. E a forma como têm de articular esse trabalho pedagógico com as educadoras dos diferentes turnos.
3. Os horários atípicos dos pais e das crianças	Descreve que os horários atípicos influenciam o desenvolvimento das crianças e a preocupação que as educadoras têm com as mesmas.

Para promovermos a objetividade e validade do processo de categorização, recorreremos ao *software* MAXQDA (*Qualitative and Mixed Methods Data Analysis* - versão demo].

4. Apresentação e discussão dos resultados

Aqui são apresentados e discutidos os resultados, com base no referencial teórico, por forma a respondermos aos objetivos do estudo. A análise de conteúdo dos dados obtidos pelas entrevistas aos educadores de infância envolveu a codificação de 551 unidades de registo (UR), agrupadas em 9 (sub)categorias. Para tornar mais clara a apresentação dos resultados e a sua interpretação, optámos por organizá-la por objetivos do estudo. A construção do nosso referencial permitiu-nos compreender como os horários (atípicos) de trabalho dos pais influenciam o desenvolvimento dos filhos e, nessa medida, concretizar o primeiro objetivo que definimos para o trabalho.

- *Funcionamento e organização de um jardim de infância com crianças de famílias com horários de trabalho atípicos (objetivo 2)*

Em Portugal e noutros países do mundo há organizações do trabalho que criam estruturas educativas, como Creches e Jardins de Infância, com horário alargado ou contínuo para apoiar os trabalhadores, facilitando o equilíbrio trabalho-família. A instituição onde o nosso estudo se centra é um exemplo de uma estrutura dessa natureza.

Inquirimos os Educadores, tanto os do turno de dia como os da noite, sobre os grupos com que atualmente desenvolvem a sua atividade pedagógica. Considerámos que seria um bom ponto de partida para compreendermos o funcionamento global da instituição. Segundo os resultados da análise de conteúdos (Figura 1), *os grupos têm uma dimensão variável, são heterogéneos e apresentam um desenvolvimento global positivo, com algumas exceções (cat.3).*

(Sub)categorias	Educ. Dia			Educ.Noite		
	UE	U.R		UE	U.R	
		Fa	%		Fa	%
3. Caracterização do grupo*						
3.1. A constituição do grupo é variável	1	3	12%	2	27	57%
3.2. O (s) grupo (s) é/são heterogéneo (s)	2	5	19%	1	6	13%
3.3. Há uma percentagem de crianças (20 a 40%) que frequenta o horário da noite ou tem HA	2	6	23%	2	6	13%
3.4. Há crianças com algumas lacunas a nível de desenvolvimento	1	5	19%	2	8	17%
3.5. Globalmente o desenvolvimento do grupo é positivo	1	7	27%	-	-	-
	t=	26	100%	7	47	100%

Figura 1- Caracterização do grupo

Segundo as Educadoras de Infância participantes, os respetivos grupos têm uma composição *variável* (subcat.3.1)

«Só que o grupo nunca é o mesmo, porque há crianças que fazem horários diferentes, então, pronto...» [Entrevistado C, linha 14]

«maioritariamente, as crianças são mais ou menos as mesmas todos os dias, mas variam consoante o horário que fizeram, se fizeram manhã ou se estão a fazer tarde/noite.» [Entrevistado C, linha 14]

«Eles fazem turnos rotativos, por isso, às vezes, essas crianças fazem o turno de dia, nunca têm uma rotina certa» [Entrevistado D, linha 15]

e com uma percentagem considerável de crianças (*entre 20 e 40%*) com *horário noturno ou atípico* (subcat. 3.3.):

«[proporção das crianças cujos pais trabalham por horários atípicos] eu diria talvez quarenta por cento do grupo, cinquenta no máximo.» [entrevistado B, linha 15]

«eu tenho crianças que entram às sete e meia, tenho crianças que entram às oito e meia, tenho crianças que entram às nove e outras só entram às dez»

Portanto, huam...o meu grupo deste ano, maioritariamente as crianças entram praticamente todas por volta das dez.» [entrevistado A, linha 51]

As rotinas diárias implicam uma organização do ambiente educativo pelos adultos de forma a apoiar a aprendizagem ativa. As rotinas permitem às crianças antecipar o que se vai passar e dá-lhes um grande sentido de controlo nos momentos do seu dia a dia (Hohmann, M., Weikart, D., Marujo, H. Á., & Neto, 2011). As crianças com horários atípicos podem sentir-se, em comparação com as que possuem horários regulares, mais desconfortáveis ou desorientadas, pois não sabem o vai acontecer. Como têm uma presença ou participação instável, torna-se mais difícil ou moroso aprenderem e interiorizarem um conjunto de rotinas dá um jardim de infância. O domínio da rotina proporciona à criança

uma sensação de segurança, tornando-a mais disponível para as novas aprendizagens (Formosinho, 2013), aspetos que podem ficar comprometidos com uma permanência irregular juntos dos colegas. Assim, neste contexto, não nos parece surpreendente que apenas um dos entrevistados considere que o desenvolvimento global do grupo é positivo (subcategoria 3.5) e 3 reportem a existência de crianças com lacunas de desenvolvimento (subcategoria 3.4):

«Assim em termos gerais, nível do desenvolvimento motor, huam... estão muito bem, também.» [EA, I35]

«reconheço que tenho alguns casos que os níveis desenvolvimento ainda estão um bocadinho aquém daquilo que se deveria de esperar.» [EC, I16]

«eu acho, na minha opinião, que esses horários [horários atípicos] que elas fazem, influência e muito no desenvolvimento cognitivo.» [EC, I16]

«Não só cognitivo, mas também a nível emocional, huam... ao fim do dia há muitos conflitos para gerir. Huam... as crianças já estão cansadas, nós temos de ter outro tipo de abordagem, perante algumas situações e focarmo-nos em casos individuais.» [EC, I16]

As entrevistadas foram inquiridas sobre as particularidades de funcionamento e organização da escola onde trabalham, um jardim de infância la que funciona com horário contínuo e possui crianças de famílias com horários de trabalho atípicos. Os resultados da análise de conteúdo (figura 2) mostram que ambos os grupos de EI reconhecem que *a integração das crianças na Componente de Apoio à Família (CAF) as influencia emocional e socialmente* (subcat.4.2):

«mas se, por exemplo, se uma criança entra numa hora, logo a seguir ao almoço, em que todos os colegas estão a ir para a casa de banho, estão a deitar-se, a criança se calhar, acabou de acordar há três horas e se calhar não tem sono para se ir deitar, por isso, às vezes não são acolhidas com tanta calma como deveriam ser, mas isso pode prejudicar a nível emocional da própria criança.» [ED, L51]

«em termos sociais, eles apegam-se a um tipo de crianças, a um grupo de crianças e depois essas crianças, quando eles entram e querem brincar com essas crianças, as crianças vão-se deitar ou levantam-se depois e vão lanchar e logo a seguir vão-se embora, e isso pode criar alguma instabilidade emocional na criança.» [ED, L53]

Estes resultados remetem-nos para Martens *et al.* (1999, citado por Han, 2005) e para Hsueh e Yoshikawa (2007) segundo os quais a instabilidade das rotinas tem efeitos negativos nos estados físico, mental e emocional das crianças, designadamente: cansaço, stresse, problemas de sono e até alterações emocionais. Os horários (atípicos) de trabalho dos pais impedem os filhos de terem uma rotina “dita normal”, tanto em casa como na escola, comprometendo assim o seu desenvolvimento emocional. Por exemplo, os

jantares, as idas à escola, a não participação nas atividades da escola que envolvem as famílias, as sextas e brincadeiras em família, são momentos importantes para o fortalecimento de vínculos afetivos entre a criança e a família.

As crianças que chegam mais tarde, e que são aquelas cujos pais trabalham por turnos ou com horários irregulares, acabam por realizar *atividades no CAF, que são diferentes das desenvolvidas no turno diurno* (subcat. 4.6, Figura 2).

(Sub)categorias	Educ. Dia				Educ.Noite			
	UE	U.R		UE	U.R			
		Fa	%		Fa	%		
4. Organização Pedagógica								
4.1. As crianças com horários irregulares podem ter estímulos diferentes	-	-	-	1	20	26%		
4.2. A integração da criança no CAF pode influenciar a nível emocional e social	2	5	12%	1	19	25%		
4.3. É desejável um acompanhamento mais individualizado	-	-	-	2	7	9%		
4.4. Pensam nos interesses das crianças para desenvolver projetos e atividades	1	2	5%	2	7	9%		
4.5. Tentam integrar as crianças mais tarde nas atividades embora possa ser difícil	2	18	44%	1	10	13%		
4.6. As atividades realizadas no CAF são diferentes do turno de dia	-	-	-	1	4	5%		
4.7. As educadoras da noite montam áreas como nas salas	-	-	-	1	4	5%		
4.8. Ao final da tarde a educadora apoia a creche e o JI	-	-	-	1	1	1%		
4.9. Foi escolhido o modelo Highscope	-	-	-	1	4	5%		
4.10. As crianças trabalham nos projetos quando querem	1	3	7%	-	-	-		
4.11. A organização pedagógica deve ser melhorada, especialmente à noite	1	5	12%	-	-	-		
4.12. Seria positivo um reforço na promoção da consciência fonológica do grupo	1	4	10%	-	-	-		
4.13. Devia-se pedir os horários com antecedência aos pais para antecipar o interesse das crianças	1	4	10%	-	-	-		

Figura 2- Organização Pedagógica

Os resultados sugerem que, nas suas atividades de planificação pedagógica que têm por referência o modelo Highscope (cat. 4.9), duas educadoras do turno diurno e uma do turno noturno *tentam integrar as crianças nas atividades, embora considerem ser uma tarefa difícil* (subcat 4.5):

«Nós obviamente...eu, enquanto educadora, tento integrá-las, e penso que elas se sentem integradas, e sabem a rotina, mas por exemplo, uma criança que venha depois do almoço não está no pequeno grupo.» [EA, L69]

«E aí nós vamos ter muito que jogar, quando elas veem de manhã, temos de fazer atividades sozinhas, que também acaba por ser diferente, porque uma criança ao fazer atividades num pequeno grupo normal e fazer sozinha, não tem nada a ver.» [EA, L69]

As atividades dos pequenos grupos permitem aos educadores consolidar o que as crianças estão a aprender e desenvolver as suas capacidades. Este tempo da rotina, quando

planeado, encoraja as crianças a fazerem coisas de que são capazes e que gostam de realizar, com objetivo de ganharem confiança ficando com vontade de enfrentar novos desafios. Os pequenos grupos permitem uma reação imediata com os pares, relativamente aos trabalhos realizados (Hohmann *et al.*, 2011). É muito importante que os adultos observem e escutem as crianças durante o tempo de pequenos grupos, pois é uma excelente oportunidade de praticar as estratégias de apoio.

As atividades realizadas no turno do dia não coincidem com as do turno da noite (subcat.4.6) e há a noção de que, neste segundo, certos aspetos da organização pedagógica poderiam ser melhorados (subcat. 4.11):

«[O tempo de qualidade devia de ser melhorado] Há sempre coisas a melhorar... sim, eu acho que as coisas deviam de ser organizadas de outra maneira.» [EA, L87]

«Huam... porque as crianças a partir das quatro e meia ficam todas juntas. Tem que se arranjar estratégias para que as coisas corram de uma forma mais... calma, mais tranquila, fazer mais projetos, mas lá está, muito a nível lúdico.» [EA, L87]

Segundo Formosinho (2017), a organização do espaço é muito importante. Tem de estar organizado de modo a proporcionar bem-estar e prazer. O espaço pedagógico serve de aberturas às vivências e interesses das crianças, devendo ser organizado e flexível, ético, amigável, seguro, lúdico e cultural. Para Formosinho (2017), este conceito de espaço está associado à ideia de espaços pedagógicos que integram várias intencionalidades: ser e estar, pertencer e participar, experienciar e comunicar, bem como criar e narrar.

Em conversas informais, prévias às entrevistas, percebemos que as crianças das várias salas ficam todas juntas numa outra (que durante o dia funciona como refeitório) a partir das 18h00, altura a partir da qual funciona a Componente de Apoio à Família (CAF) do colégio. Para Vilhena e Silva (2002), quando situações como estas acontecem é possível organizar o espaço de duas principais maneiras. Numa primeira, como uma área totalmente aberta, permitindo às crianças explorar e brincar livremente com áreas delimitadas ou organizada por ateliers, onde as crianças vão rodando. Nesta modalidade de organização do espaço, para o tornar mais organizado e acolhedor, podem ser distribuídas almofadas, colchões, mesas redondas, etc., permitindo às crianças conversar ou descansar com alguma intimidade. Na segunda maneira, o espaço deve ter materiais diferentes daqueles a que as crianças estão habituadas nas suas salas de jardim de infância, ser versáteis e favorecer o seu desenvolvimento e aprendizagem.

De acordo com Vilhena e Silva (2002), para que o CAF tenha um bom desempenho é necessário organizar este tempo em função das crianças, estando atento aos seus comportamentos, à possibilidade de estarem cansadas ou aborrecidas, saber se dispõem de um clima de bem-estar e ouvir as suas sugestões e ideias. Estas serão porventura, as condições mais importantes para garantir uma qualidade de excelência no tempo de animação socioeducativa.

Após a realização das entrevistas, a autora deste trabalho teve oportunidade de observar o espaço CAF em funcionamento, tendo conseguido identificar as qualidades consideradas importantes por Vilhena e Silva (2002) para uma área totalmente aberta. O espaço do CAF está organizado por diferentes *ateliers* e áreas. Estas segundas estão bem delimitadas, permitem à criança fazer as suas escolhas e ir rodando sempre que sentir necessidade. Os *ateliers* são explorados de acordo com os interesses e necessidades das crianças, dando-lhes oportunidades de desenvolvimento e aprendizagem. Só não encontramos as almofadas e colchões sugeridos por Vilhena e Silva (2002).

Apesar dos esforços das EI, as *crianças com horários irregulares acabam por receber estímulos diferentes* (subcat.4.1):

«Tem a ver com a própria família, porque há famílias que as crianças vêm ao final do dia e que as estimulam durante o tempo em que não estão cá.» [ED, L69]

«Há outras famílias que não estimulam tanto as crianças, independentemente de elas virem no turno da manhã. Isso depende muito das famílias, acho eu!» [ED, L69]

A participação dos pais nas atividades socioeducativas dos filhos, no contexto do jardim de infância, é de grande importância, seja em horário regular seja no contexto da CAF. Com este apoio, dos pais, podem ser encontradas formas alternativas para dinamizar os fins de tarde - *“Os saberes dos filhos constroem-se através dos saberes dos pais”* (Vilhena & Silva, 2002, p.20).

Em reflexão sobre as melhorias que poderiam ser introduzidas, em termos da organização pedagógica, uma EI do dia referiu que seria positivo *um reforço na promoção da consciência fonológica do grupo* (subcat. 4.12). Outra necessidade evocada nas entrevistas, foi a de pedir aos pais os horários com antecedência para se poder antecipar os interesses das crianças e programar um trabalho individualizado e diferenciado (subcat. 4.13).

Segundo Cadima (1997, citado por Coelho, 2010), a diferenciação pedagógica é essencial à Educação Pré-Escolar porque pressupõe uma resposta pró-ativa às necessidades de cada criança. Tendo em conta estas necessidades, as instituições educativas têm como função promover a igualdade e gerir a diversidade. Para se diferenciar, é necessário estar atento e organizar as atividades e as interações de modo a que cada criança seja confrontada com situações didáticas, tendo em conta as suas características e necessidades pessoais (Januário & Spitanov 1992, 2005 citados por Coelho, 2010).

- ***Práticas pedagógicas desenvolvidas pela equipa de educadores para responderem às necessidades específicas das crianças de famílias com horários atípicos (objetivo 3)***

Inquirimos os nossos quatro participantes sobre a articulação dos recursos humanos da instituição, entre os EI e outros técnicos desta instituição. Os resultados sugerem que *o trabalho em equipa ainda deve ser melhorado* (subcat. 5.3), apesar de complexo atendendo à organização horária da instituição. *Existe um suporte de comunicação* (subcat. 5.5) entre os turnos e que consiste num painel informativo, mas, mesmo assim, a comunicação *entre os RH é difícil* (subcat.5.4):

«Sempre, tentamos sempre que isso aconteça [tentam sempre trabalhar em equipa com o turno diurno], também isso já referi, muitas das vezes não conseguimos fazê-lo com tanta frequência do que gostaríamos...» [ED, L61]

«...primeiro são duas educadoras à noite, elas têm de trabalhar em sintonia, têm de ter a mesma rotina. Tem de haver um projeto comum... têm de conversar, tem de haver muita abertura.» [EA, L95]

(Sub)categorias	Educ. Dia			Educ.Noite		
	UE	U.R		UE	U.R	
		Fa	%		Fa	%
5. Articulação entre os RH: Educadores e Outros Técnicos						
5.1. Há recursos para apoiar casos específicos	2	12	36%	2	16	36%
5.2. Há informação de que o turno da noite deve ser mais organizado e rotineiro	1	5	15%	-	-	
5.3. As educadoras (dia e noite) devem trabalhar em equipa mesmo sendo difícil	2	14	42%	2	18	40%
5.4. Há suportes mas a comunicação entre turnos é frágil	1	2	6%	1	4	9%
5.5. As plataformas online ajudam na comunicação	-	-	-	1	7	16%
	t=	33	100%	6	45	100%

Figura 3- Articulação entre os RH: Educadores e Outros Técnicos

De acordo com Hohmann *et al.* (2011), o trabalho em equipa entre os profissionais da Educação Pré-escolar envolve um processo de aprendizagem pela ação que implica um ambiente de apoio e de respeito mútuo entre os membros da equipa. Os adultos, ao trabalharem em conjunto de modo a manter um contexto de aprendizagem ativa, influenciam positivamente as crianças pois conseguem definir os objetivos em conjunto e planear quais as estratégias para os concretizar.

Na instituição, *há recursos humanos para apoiar em casos específicos* (subcat.5.1), como o terapeuta da fala ou o psicólogo que intervém quando é detetado algum problema a nível de desenvolvimento e a criança precisa de ser acompanhada por uma equipa de intervenção precoce:

«em termos de recursos humanos, o que nós temos são polivalentes, que nos ajudam sempre que seja preciso, quando não falta ninguém.» [EA, L80]

«As colegas do núcleo administrativo, também. Porque, o fato de levarem as crianças à sala, quando vêm mais tarde que as nove e meia, também ajuda imenso, para nós não termos que sair da sala.» [EB, L39]

«[Quando identificam crianças com problemas de desenvolvimento] temos uma reunião com a psicóloga do colégio e temos algumas crianças referenciadas.» [EC, L36]

No contexto da Educação Pré-Escolar (EPE), é importante contar com colaboradores como o terapeuta da fala, o psicólogo, o coordenador de educação e o assistente social. Devem fazer parte da equipa, prestar apoio regularmente através de ações de formação, reuniões de pessoal ou em conversas informais, com o objetivo de refletir sobre crianças específicas e dar o contributo da sua área específica de especialização (Hohmann *et al.*, 2011).

Durante as entrevistas, e a propósito da organização pedagógica dos diferentes grupos de crianças, *as rotinas* emergiram como categoria (categoria 6 – Figura 4). Nos resultados, identificámos 4 rotinas - *o tempo de higiene, as refeições, o recreio e o acolhimento* (subcat. 6.6) – que as entrevistadas enquadram no modelo de referência da instituição, o Highscope (subcat.6.7).

«eu acho que, apesar de termos estas rotinas de Highscope, desta rotina com estes tempos, cada equipa de sala... acho que depois, por ser uma rotina diferente, acho que depois, cada equipa de sala vai adaptar um bocadinho ao seu grupo.» [EB, L44]

«Bom... [as rotinas não são adequadas] se formos seguir à risca o modelo sim, não! Não são adequadas para mim, porque o modelo diz que o pequeno grupo tem que ser dez/quinze minutos, isto às vezes não é bem assim!» [EA, L68]

Segundo Hohmann e Weikart (1997 citado por Formosinho et. al, 2017), a estrutura curricular Highscope está direcionada para uma construção de uma autonomia intelectual da criança. A sua filosofia educacional tem em vista a conceção de espaços e materiais, a sua rotina diária e as experiências-chave no papel do adulto tem em conta a observação, planificação e avaliação.

Formosinho, de Andrade, e Formosinho (2017) referem:

“A estrutura curricular High-Scope está toda pensada para realizar esta grande finalidade piagetiana: a construção da autonomia intelectual da criança. Isto é verdade para a sua filosofia educacional, para a sua conceção de espaço e materiais, para a sua rotina e experiencia-chave, para a sua conceção do papel do adulto e, finalmente, para o seu triângulo: observação, planificação, avaliação (pp.81)”

O funcionamento de um estabelecimento de EPE assenta em muito na criação e implementação de rotinas (Figura 4).

(Sub)categorias	Educ. Dia			Educ.Noite		
	UE	U.R		UE	U.R	
		Fa	%		Fa	%
6. Rotinas						
6.1. As rotinas influenciam o desenvolvimento das crianças	-	-	-	2	3	6%
6.2. A rotina deve ser consistente, estável e flexível para a criança atingir os objetivos	-	-	-	1	11	23%
6.3. o modo como as rotinas funcionam depende de cada educador	-	-	-	1	3	6%
6.4. No final da rotina, divide-se o grupo e inicia-se a atividade	-	-	-	2	5	10%
6.5. As rotinas são as do Highscope mas com adaptações	2	27	36%	1	4	8%
6.6. Há tempo de higiene, refeições, recreio e acolhimento	2	16	21%	2	10	21%
6.7. Houve alterações nas rotinas desde que o colégio abriu	2	4	5%	2	12	25%
6.8. A rotina da noite deve ser sempre igual para que a criança se sinta segura	1	6	8%	-	-	-
6.9. Existe um tempo de pequeno e grande grupo	2	19	25%	-	-	-
6.10. Existe um grupo de finalista que dorme e faz pré-escolar	1	4	5%	-	-	-
	t=	76	100%	11	48	100%

Figura 4 – Rotinas

O modelo Highscope assenta no princípio de que as crianças aprendem fazendo, ou seja, constroem o seu próprio conhecimento através de diferentes interações, não só com materiais colocados à sua disposição, mas também com outras crianças e adultos que as rodeiam. Pretende-se proporcionar às crianças poder para seguirem os seus próprios interesses de forma intencional e criativa (Formosinho, J. O., Formosinho, J., da Cunha Lino, D. B., & Niza, 2013). As crianças criam hábitos de funcionamento que lhes serão úteis para o seu futuro. Através de um processo diário de “planejar-fazer-rever”, as crianças expressam as suas intenções, põe-nas em prática e depois refletem (Formosinho, J. O., de Andrade, F. F., & Formosinho, 2017).

Todavia, quatro dos entrevistados e de ambos os turnos referem que *houve alterações nas rotinas desde que o colégio abriu* (subcat.6.7):

«Estas rotinas, existem desde que... desde o início do ano, portanto, desde sempre [as rotinas tal como foi dito, foram mudando ao longo do ano letivo]» [EA, L64]

«[as rotinas foram implementadas pela equipa do colégio e principalmente pelos educadores] Quem implementou diretamente, são os educadores. Huam..., mas foi a equipa do colégio, a coordenação pedagógica, a direção...» [EB, L27]

Apesar das alterações (subcat.6.7), persiste um tempo de pequeno e um tempo grande grupo (subcat.6.9):

«Quando nos sentamos em grande grupo, se houver alguma novidade ou alguma coisa que tenhamos de comunicar, fazemos também o quadro das mensagens e se não houver nada para

conversar comemos a fruta e a bolacha, portanto, comemos a refeição ligeira e depois fazemos os pequenos grupos.» [EA, L58]

«A seguir ao acolhimento, fazíamos o tempo de planear/fazer/rever, e [depois do planear/fazer/rever, temos um tempo de pequeno grupo] o tempo de pequeno grupo depois tínhamos o tempo de grande grupo» [EB, L21]

De acordo com Hohmann *et al.* (2011), nos tempos de pequeno grupo, as crianças são responsáveis pela sua própria aprendizagem. As explorações feitas através da manipulação dão-lhes oportunidade de serem elas a construir o seu próprio conhecimento, de forma adaptada ao seu nível de desenvolvimento. Nos pequenos grupos experimentam, resolvem problemas e obtêm os materiais necessários ao invés de esperar que o adulto lhes ofereça. O tempo de grande grupo, normalmente realizado no início do dia, visa, entre outros, a partilha de notícias importantes e avisos que possam ser fundamentais para o restante dia.

Questionámos os participantes sobre os principais obstáculos ao seu trabalho pedagógico. Um dos entrevistados, do turno da noite, salienta que *a rotina deve ser consistente, estável e flexível, para que a criança atinja os seus objetivos* (subcat.6.2), algo que dificilmente se consegue concretizar quando a criança tem horários irregulares:

«A minha opinião pessoal é que uma criança, que tenha uma rotina consistente, consegue mais facilmente, atingir determinados objetivos.» [ED, L55]

«Para além de virem em horários irregulares, outros dias de manhã e outros dias à tarde, para além disso, depois muitas vezes falta e depois também não se consegue atingir determinados objetivos.» [ED, L57]

Tais irregularidades são agravadas pelas mudanças que ocorrem nos recursos humanos afetos ao turno da noite (subcat. 7.6) e pela dificuldade na articulação com os do dia (subcat. 7.3). O clima resultante é de alguma instabilidade:

«Acho que às vezes é um bocadinho complicado [dar apoio a crianças com horários atípicos com a colaboração de outros porque estão umas a entrar e outras a sair], porque estão umas a entrar e outras a sair.» [ED, L43]

«Tem sido mais difícil [reunir com outros recursos humanos que dão apoio], porque nós também temos horários desencontrados e, portanto, são poucas as vezes que tentamos reunir.» [EC, L40]

«Isso às vezes tem a ver com os recursos humanos. [houve muitas mudanças nos recursos humanos] Muitas faltas... às vezes tem a ver com as mudanças, que.... existem.» [EA, L91]

«Estou a falar de um caso específico, que houve mudanças nos últimos meses, isso não ajuda. Tem de haver estabilidade das pessoas!» [EA, L91]

«Porque às vezes saem colegas, colaboradores e outros entram, pronto... e é complicado. huam... porque isso também... relativamente à estabilidade conta muito, não é?» [EB, L44]

[essa mudança de recursos humanos, cria instabilidade para a equipa, famílias e crianças] Quer não só para as crianças, como também para as famílias, não cria uma estabilidade. [EB, L44]

(Sub)categorias	Educ. Dia			Educ.Noite		
	UE	U.R		UE	U.R	
		Fa	%		Fa	%
7. Obstáculos ao Trabalho Pedagógico*						
7.1. Os horários atípicos das crianças dificultam um trabalho pedagógico individual	-	-	-	2	11	52%
7.2. Os espaços são insuficientes	-	-	-	1	2	10%
7.3. É difícil articular os recursos humanos da noite e de dia	-	-	-	2	12	57%
7.4. Ao final do dia as crianças participam pouco nas atividades	-	-	-	2	3	14%
7.5. Faltam recursos humanos, face ao número de crianças	1	6	43%	1	6	29%
7.6. Os recursos humanos estão sempre a mudar criando instabilidade	2	8	57%	-	-	-
	t=	14	100%	8	21	100%

Figura 5 - Obstáculos ao Trabalho Pedagógico

Segundo Romualdo (2011, citado por Larchert, 2016), o trabalho em equipa é cada vez mais valorizado pois, trabalhar em equipa significa um esforço coletivo para resolver um problema, pessoas que se dedicam a realizar uma tarefa tendo em conta um determinado trabalho, em que cada um desempenha uma função específica, mas em que que estão todos unidos para um só objetivo. Também Silva (2002, citado por Larchert, 2016) defende que cooperação, colaboração e trabalho em equipa são conceitos que pressupõem a partilha de não só de experiências como também de conhecimentos. Por outro lado, o trabalho em equipa exige um esforço que se torna um valor positivo na atividade profissional do professor. Os professores envolvidos num grupo de trabalho devem ter consciência que, na dinâmica de grupo, são fundamentais duas dimensões, a eficácia e a coesão (Marchesi, 2007, citado por Larchert, 2016).

A instabilidade associada à diferença de horários compromete um trabalho pedagógico individualizado (subcat.7.1), como reconhecem as duas EI da noite:

«aqui o maior problema realmente é a diferença de horários que as educadoras de dia, também não conseguem fazer um trabalho individual e acompanhado com estas crianças pelos seus horários rotativos, por não estarem presentes, por exemplo no momento da manhã.» [EC, L44]

E depois eles apanham muito equipas diferentes, pessoas diferentes e têm de ter esse processo de adaptação que depois acaba por prejudicar um bocadinho o trabalho pedagógico.» [EC, L44]

«há determinadas atividades que eles perdem [as crianças que frequentam horários irregulares] e já não as podem fazer ao final da tarde, nomeadamente, por exemplo, o inglês, a robótica, a nataçã»

Além da dificuldade em se criar um ambiente pedagógico estimulante e promotor da aprendizagem e desenvolvimento, a instabilidade na rotina da criança, devido aos horários familiares, pode causar-lhe problemas de saúde -cansaço, stresse, problemas com o sono e até alterações emocionais- os quais, por sua vez, podem prejudicar o desenvolvimento cognitivo (Martens *et al.* 1999, citado por Han, 2005). Aliás, as *consequências negativas dos horários familiares no desenvolvimento das crianças* são reconhecidas pelas quatro participantes (subcat.8.1):

«Obviamente, que têm a sua rotina sim, mas nós temos crianças que às vezes vêm às nove, outras vezes vêm às dez, outras vezes vêm às onze, quer dizer.... Essa criança, principalmente se for pequenina vai ser mais difícil de adquirir certas competências.» [EA, L75]

«a nível social poderá existir diferenças entre crianças de horários atípicos e horários irregulares] se forem muito pequeninas, se for creche, é capaz de ser um bocadinho mais complicado. Porque é mais difícil uma criança pequenina, se adaptar às várias equipas do colégio, não é? [a nível social, os horários atípicos)» [EB, L37]

«maior parte das crianças cá no colégio, ficam cá muitas horas e [as crianças passam muitas horas no colégio e vai influenciar a nível de desenvolvimento] depois isso influencia a todos os níveis, a nível emocional, social, cognitivo, desenvolvimento, é muito, muito cansativo.» [EC, L37]

«Eles fazem turnos rotativos, por isso, às vezes, essas crianças fazem o turno de dia, nunca têm muitas vezes horários certos de entrada isso, quando chega ao final do dia e ao final da tarde, já não têm o mesmo tipo de concentração, que teria se viessem de manhã.» [ED, L15]

(Sub)categorias	Educ. Dia			Educ.Noite		
	UE	U.R		UE	U.R	
		Fa	%		Fa	%
8. Os horários atípicos dos pais e das crianças*						
8.1. Os horários irregulares influenciam o desenvolvimento das crianças	2	11	35%	2	11	30%
8.2. Atualmente as crianças entram à hora que dá jeito aos pais	2	12	39%	1	7	19%
8.3. É regra interna uma permanência máxima de 11 horas mas que é ultrapassada	-	-	-	1	15	11%
8.4. As educadoras preocupam-se com a entrada das crianças no 1º.ciclo	-	-	-	1	4	11%
8.5. As crianças que vêm de tarde não participam no planejar e fazem atividades mais lúdicas	1	5	16%	-	-	-
8.6. Há sete crianças cujos os pais têm horários atípicos	1	3	10%	-	-	-
	t=	31	100%	5	37	70%

Figura 6 - Os horários atípicos dos pais e das crianças

Estes resultados, da relação entre os horários de trabalho dos pais e o desenvolvimento dos filhos, vão encontro do nosso referencial teórico. Na perspetiva de Brofenbrenner (1995) e de Brooks-Gunn e colaboradores (1995), o trabalho dos pais é uma

parte importante do exossistema no seio do qual a criança cresce e se desenvolve. Se este contexto não lhe proporciona o equilíbrio e o estímulo de que necessita, é expectável que o desenvolvimento da criança fique comprometido e nos seus diferentes níveis - físico, emocional, social, cognitivo – na medida em que se influenciam mutuamente (Han, 2005).

Inquirimos os nossos participantes, tanto os EI do dia como os da noite, sobre a relação que a equipa pedagógica tem com as famílias (Figura 7). Os resultados da análise de conteúdo dão a conhecer a existência de *uma política institucional favorecedora da relação-família* (subcat. 9.1) e a planificação e realização de *atividades comuns às várias salas com a participação das famílias* (subcat.9.4). Mas é *difícil envolver as famílias com horários atípicos e irregulares* (subcat. 9.3) e a *proximidade com os EI acaba por ser maior no turno diurno* (subcat.9.6):

«[existe pouco envolvimento das famílias] Porque, penso que os pais não estão tão disponíveis, vêm buscar as crianças muito, muito... com muita pressa, por vezes nem sempre tenho tempo de dar recados, porque estão com tanta presa de sair, que não tenho tempo para estabelecer um contacto direto com a família.» [EC, L74]

«Muitas vezes, perdem-se um bocadinho, até porque as pessoas estão a trabalhar e às vezes não conseguem ir às festividades.» [ED, L72]

(Sub)categorias	Educ. Dia			Educ.Noite		
	UE	U.R		UE	U.R	
		Fa	%		Fa	%
9. Relação com as famílias						
9.1. Há uma política institucional da relação-família	2	19	28%	-	-	-
9.2. É possível estimular mais o envolvimento com as famílias	2	12	18%	-	-	-
9.3. É difícil o envolvimento das famílias com horários atípicos e irregulares	1	3	4%	2	37	50%
9.4. Existem atividades planificadas para as famílias em comum com outras salas	2	10	15%	-	-	-
9.5. As famílias são envolvidas durante todo o processo educativo	2	23	34%	-	-	-
9.6. As educadoras de dia envolvem-se mais com as famílias nas atividades	-	-	-	2	37	50%
	t=	67	100%	4	74	100%
	TOTAL UR:	273		298		

Figura 7 - Relação com as famílias

A participação das famílias nas atividades planeadas pela escola para o efeito dá um contributo essencial no fortalecimento de vínculos afetivos com a criança. As festas e os convívios na escola são momentos importantes na vida da criança e a indisponibilidade dos

pais para participar pode influenciar o seu desenvolvimento emocional (Hsueh & Yoshikawa, 2007).

5. Conclusões

O presente trabalho visou compreender: por um lado, como os horários atípicos de trabalho dos pais influenciam o desenvolvimento dos filhos; por outro, o funcionamento de um jardim de infância com horário de funcionamento alargado, em particular, as práticas pedagógicas desenvolvidas pela equipa de educadores para responder às necessidades específicas das crianças de famílias com horários atípicos. Para o efeito, construímos um referencial teórico sobre a problemática, reunimos e analisámos os testemunhos de educadores de infância de turnos diurno e noturno de um colégio com aquelas características.

Através da revisão da literatura descobrimos que em Portugal, como noutros países, existem instituições com respostas específicas para as famílias que trabalham por horários atípicos – por exemplo, horários contínuos, alargados, com prestação de serviços de *babysitting* depois da instituição encerrar. A literatura deu-nos ainda a conhecer os prejuízos para a saúde e desenvolvimento global da criança que decorrem de ambientes familiares instáveis e com práticas associadas a horários irregulares, noturnos, rotativos.

Encontrámos nos testemunhos dos educadores de infância exemplos de como a irregularidade horária das famílias compromete a boa receção dos estímulos proporcionados em ambiente pedagógico. Um exemplo, diz respeito à frequente impossibilidade destas crianças em seguir e interiorizar as rotinas da sala das atividades ao mesmo tempo que os colegas. Daqui decorrem implicações várias, por exemplo, para o desenvolvimento da sua noção de tempo e para a sua autonomia e bem-estar. Uma rotina tem de ser consistente para que a criança se sinta tranquila.

Limitações do estudo e constrangimentos sentidos

Como em todos os estudos, o nosso apresenta também limitações. Uma delas, prende-se com o envolvimento de apenas um estabelecimento educativo. As opiniões e as descrições reunidas traduzem meramente uma realidade que pode não ilustrar o que se passam noutras instituições afins.

Outra limitação prende-se com a utilização de apenas uma fonte de dados. Teria sido relevante reunir informação proveniente da observação direta do trabalho pedagógico dos profissionais do colégio.

Sentimos algumas dificuldades na realização do trabalho que podem tê-lo influenciado de forma menos positiva. A principal terá sido a leitura e interpretação de literatura em inglês, necessária para aceder a resultados de investigação sobre a problemática. A falta de disponibilidade dos participantes foi outra, tal como conseguir um espaço no seu local de trabalho que permitisse realizar as entrevistas de forma tranquila.

Sugestões para estudos futuros

Seria importante alargar este estudo a outras instituições com perfil semelhante ou aproximado para identificar outras dimensões do problema estudado e também soluções ou abordagens pedagógicas encontradas por outros educadores para proporcionar os estímulos necessários às crianças de famílias com horários atípicos.

Identificar as opiniões das famílias sobre as ofertas educativas proporcionadas por instituições com horário contínuo ou alargado, poderia ser também um caminho relevante. Se as instituições foram criadas para atender a uma procura crescente por parte das famílias, será certamente construtivo compreender se as expectativas estão ou não a ser respondidas e porquê.

6. Referências bibliográficas

- A.M.Fadly, J.R.Glisson, L.R.McDougald, L.K.Nolan, & D.E.Swayne. (2005). *Diseases of Poultry* (12o.). America: Blackwell Publishing. Retrieved from https://books.google.pt/books?id=ZVZ4whXoJa4C&pg=PA176&lpg=PA176&dq=Kendal+%26+Li,+2005&source=bl&ots=qJA0BCAqzr&sig=ACfU3U1fUhLhavEXYwA_28B4fP8b74cgEw&hl=en&sa=X&ved=2ahUKEwi4yJbYpMnkAhURyxoKHT82BIE4ChDoATAFegQICRAB#v=onepage&q&f=false
- Amado, J. (2017). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação* (3a.). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- APCER. (2019). *Conciliação da vida profissional, pessoal e familiar*. Retrieved from <https://apcergroup.com/pt/newsroom/1072/np-4552-2016-conciliacao-da-vida-profissional,-pessoal-e-familiar>
- Bardin, L. (2018). *Análise de Conteúdo* (Vol. 4ª.edição). Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Benetti, I. C., Luis Vieira, M., Crepaldi, M. A., & Schneider, D. R. (2013). Artículos de reflexión derivada de investigación Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. *Pensando Na Psicologia*, 9(16), 89–99.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. (P. Editora, Ed.). Porto: Porto Editora.
- Bradley, R. H., & Vandell, D. L. (2007). Child care and the well-being of children. [Review] [106 refs]. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 161(7), 669–676.
- Brooks-Grunn, J., Fuligni, A. S., & J.Berlin, L. (1995). *Early Child Development in the 21st Century: Profiles of Current Research Initiatives*. Londres: Teachers College Press. <https://doi.org/.1037//0033-2909.126.1.78>
- Coelho, L. (15 de maio de 2019). *Dentro das creches da ‘geração Autoeuropa’*. Obtido de Expresso: <https://expresso.pt/sociedade/2018-02-27-Dentro-das-creches-da-geracao-Autoeuropa#gs.bygt18>
- Emprego, M. do T. e S. S. C. para a I. no T. e no. (n.d.). *Conciliação da vida profissional, familiar e pessoal*. Lisboa. Retrieved from cite.gov.pt/pt/dsie/doc/infantario_TAP.pdf
- Formosinho, J. O., de Andrade, F. F., & Formosinho, J. (2017). *O espaço e o tempo na Pedagogia-em-Participação* (4o.). Portugal: Porto Editora.
- Formosinho, J. O., Formosinho, J., da Cunha Lino, D. B., & Niza, S. (2013). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora. Lisboa: Porto Editora.
- Fortin MF, Côté J, F. F. (2009). *Fundamentos e Etapas do Processo de Investigação* (1a). Loures: Lusodidacta.
- Gazeta do Povo. (2018). *Sempre & Família*. Retrieved May 29, 2019, from www.semprefamilia.com.br/por-que-as-criancas-precisam-de-pais-com-horarios-de-trabalho-fixos/
- Giddens, A. (2002). *As consequências da modernidade*. (C. Rohring, Ed.) São Paulo: UNESP.

- Guerreiro, M. D. D., Lourenço, V., & Pereira, I. (2006). Boas Práticas de Conciliação entre Vida Profissional e Vida Familiar (quarta). Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego. Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.
- Han, W.-J. (2005, February). Maternal nonstandard work schedules and child cognitive outcomes. *Child Development*, 76(1), 137–154.
- Hohmann, M., Weikart, D., Marujo, H. Á., & Neto, L. M. (2011). (2011). *Educar a Criança* (Vol. 6). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hsueh, J., & Yoshikawa, H. (2007). Working nonstandard schedules and variable shifts in low-income families: Associations with parental psychological well-being, family functioning, and child well-being. *Developmental Psychology*, 43(3), 620–632.
- Laurence Bardin. (2018). *Análise de Conteúdo* (4o.). Lisboa: 70, Edições.
- Morrissey, T. W., Rachel E. Dunifon, & Ariel Kalil. (2012). Maternal Employment, Work Schedules, and Children's Body Mass Index. *HHS Author Manuscripts*, (1)(82), 66–81. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3070422/>
- Pinto, J. M., & Silva, A. S. (2019). *Metodologia das Ciências Sociais*. Lisboa: Afrontamento.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. (2o, Ed.). Lisboa: Gradiva.
- Sempre Família. (07 de maio de 2018). Obtido em 29 de maio de 2019, de Por que as crianças precisam de pais com horários de trabalho fixos: <https://www.semprefamilia.com.br/por-que-as-criancas-precisam-de-pais-com-horarios-de-trabalho-fixos/>
- Singler, R. (2011). Open all hours? Flexible childcare in the 24/7 era. *Championing Childcare for 25 Years Day Care Trust*, 1–80.
- Silva, I. S. (2012). *As condições de trabalho no trabalho por turnos - Conceitos, efeitos e intervenções*. Lisboa: Climeosi Editores.
- Statham, J., & Mooney, A. (2003). Around the clock : childcare services at atypical times, 37. Retrieved from <http://policypress.co.uk/around-the-clock#book-detail-tabs-stison-block-content-1-0-tab0>
- Teixeira, R., & Nascimento, I. (2011). Conciliação trabalho-família: Contribuições de medidas adotadas por organizações portuguesas. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 12(2), 215–225.
- Verhoef, M., Tammelin, M., May, V., Rönkä, A., & Roeters, A. (2015, April). Childcare and parental work schedules: a comparison of childcare arrangements among Finnish, British and Dutch dual-earner families. *Community, Work and Family*, 19(3), 261–280.
- Wall, K., José, J. S., & Correia, S. V. (2002). Mães sós e cuidados às crianças. *Análise Social*, 37(163), 631–663. <https://doi.org/10.2307/41011689>
- Wallage, J. e., & Young, M. C. (2010). Work Hard, Play Hard?: A Comparison of Male and Female Lawyers' Time in Paid and Unpaid Work and Participation in Leisure Activities. *Work*, 47(1), 27–47.

Anexos

Anexo 1 – Guião da Entrevista das Educadoras do Turno Noturno

Guião da Entrevista - Educadora do Turno Noturno

Bloco	Objetivos	Questões	Observações
<p style="text-align: center;">BLOCO A Legitimação da Entrevista</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Solicitar a autorização da entrevista garantindo confidencialidade; 2. Dar a conhecer aos entrevistados o propósito e objetivos desta dissertação. 	<p>Esta entrevista irá ajudar-me a elaborar o meu trabalho final de mestrado em educação pré-escolar. O trabalho tem por tema a adaptação das crianças filhas de pais com horários atípicos de trabalho ao jardim de infância e à educação pré-escolar. Considerei indispensável reunir opiniões e testemunhos de educadores de infância sobre esta problemática. Para facilitar o trabalho e otimizar a entrevista, gostaria de a gravar. O seu depoimento é anónimo e os dados destinam-se apenas à elaboração do trabalho.</p>	<p>Referir que a escola não será identificada, nem os nomes dos participantes e das crianças.</p>
<p style="text-align: center;">BLOCO B Caracterização do entrevistado</p>	<ol style="list-style-type: none"> 3. Reunir informação sobre a formação inicial e continua e do entrevistado; 4. Reunir elementos sobre o percurso profissional do entrevistado até ao momento atual. 	<ul style="list-style-type: none"> - Agora, gostaria de a conhecer um pouco melhor. Vou começar por lhe perguntar qual o seu curso, onde o tirou e há quanto tempo? - E depois começou logo a trabalhar aqui? Como foi? Sucintamente, qual foi o seu percurso até ao momento atual? 	
<p style="text-align: center;">BLOCO C Caracterização do grupo</p>	<ol style="list-style-type: none"> 5. Obter informação sobre o grupo de crianças que frequentam a CAF em termos de desenvolvimento global; 6. Conhecer o funcionamento da CAF e o número de crianças que a frequentam; 7. Identificar as atividades especialmente dirigidas a crianças cujos pais têm horários atípicos 8. Conhecer o funcionamento geral da CAF. 	<ul style="list-style-type: none"> - Gostaria de conversar um pouco consigo sobre o seu trabalho atual. Podemos começar pela descrição do seu grupo: quantos são? Quantos meninos e meninas? Quais as idades? - Em traços gerais, como é que caracteriza as crianças da CAF em termos de desenvolvimento? - E quanto aos horários de trabalho dos pais, qual a proporção de crianças que frequentam o horário da noite? - Agora, sobre o funcionamento da CAF. Quais as rotinas gerais? Existem rotinas específicas? Se sim quais? - Essas rotinas existem desde quando? Quem as implementou? Parece-lhe que são adequadas? Ou necessitam de alguns ajustes? Se sim quais? Porquê? 	

<p>BLOCO D Horários atípicos das famílias e o desenvolvimento global das crianças</p>	<p>9. Conhecer a opinião sobre o desenvolvimento global das crianças cujas famílias têm horários atípicos e os fatores que as influenciam;</p> <p>10. Averiguar os principais fatores que na opinião do entrevistado prejudicam/influenciam no desenvolvimento das crianças (cognitivo, afetivo/emocional e social) com horários atípicos;</p> <p>11. Inquirir sobre apoios proporcionados na escola a crianças cujas famílias trabalham por horários atípicos e como são utilizados;</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Na sua opinião, as crianças destas famílias recebem aqui os mesmos estímulos e têm as mesmas oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento que as crianças provenientes de famílias com horários regulares? Ou haverá alguma diferença? Porquê? - O que fazem quando identificam crianças com problemas de desenvolvimento? - No seu trabalho, conta com a colaboração de outros recursos humanos para a apoiar em casos específicos? Como funciona esse trabalho? Que aspetos é que poderiam ser melhorados? 	<p>Direcionar a questão para as crianças com pais com horários atípicos, se adequado.</p>
<p>BLOCO E Planificação do trabalho pedagógico: Características e desafios</p>	<p>12. Conhecer o processo de planificação do trabalho pedagógico direcionado para crianças com horários atípicos;</p> <p>13. Identificar eventuais dificuldades/obstáculos sentidos no processo de planificação pedagógica associadas às situações destas crianças.</p> <p>14. Inquirir sobre a articulação com a Educadora do turno Diurno.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Na sua opinião, a forma como nesta escola o trabalho pedagógico está organizado responde às necessidades destas crianças? Porquê? E no seu caso, em que medida a forma como organiza as atividades e os projetos se adequa às crianças com pais com horários atípicos? Porquê? - Sentem que à incerteza quanto ao número de crianças que recebem todos os dias, influencia o vosso trabalho? Porquê? - Estabelecem alguma articulação em termos de trabalho pedagógico com a educadora de dia? Se sim, como? O que fazem? - O que seria necessário ou desejável, em termos de organização e de trabalho da CAF, existir nesta escola para responder às necessidades específicas destas crianças? Porquê? 	<p>Pedir exemplos de adaptações específicas.</p>
<p>BLOCO F Relação Escola-família</p>	<p>15. Identificar eventuais orientações gerais da instituição para a relação escola-família;</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Existe alguma política da instituição para a relação com as famílias? Ou isso fica a cargo de cada educador da sala? 	

	<p>16. Conhecer as estratégias e atividades levadas a cabo pelo entrevistado para o envolvimento das famílias das crianças do grupo.</p> <p>17. Averiguar eventuais estratégias/alternativas que podiam ser implementadas para o incremento escola-família.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estabelece alguma articulação com a educadora de dia em termos da relação com as famílias? Se si, como? Em que casos? É sempre assim? - Existe algum envolvimento das famílias no trabalho do CAF? Se sim, como? Se não, porquê? - Na relação que tem com as famílias sente diferenças com famílias com horários atípicos ou com horários Irregulares? Se sim, porquê? - Se lhe fosse permitido mandar o que faria para estimular um maior envolvimento dos pais no jardim de infância? 	
<p>BLOCO G Agradecimentos</p>	<p>- Agradecer colaboração.</p>	<p>Chegámos ao final da entrevista. Não posso deixar de agradecer mais uma vez toda a sua disponibilidade e colaboração.</p>	

Anexo 2- Guião da Entrevista das Educadoras do Turno Diurno

Guião da Entrevista - Educadora do Turno Diurno

Bloco	Objetivos	Questões	Observações
<p style="text-align: center;">BLOCO A Legitimação da Entrevista</p>	<p>18. Solicitar a autorização da entrevista garantindo confidencialidade;</p> <p>19. Dar a conhecer aos entrevistados o propósito e objetivos desta dissertação.</p>	<p>Esta entrevista irá ajudar-me a elaborar o meu trabalho final de mestrado em educação pré-escolar. O trabalho tem por tema a adaptação das crianças filhas de pais com horários atípicos de trabalho ao jardim de infância e à educação pré-escolar. Considerei indispensável reunir opiniões e testemunhos de educadores de infância sobre esta problemática. Para facilitar o trabalho e otimizar a entrevista, gostaria de a gravar. O seu depoimento é anónimo e os dados destinam-se apenas à elaboração do trabalho.</p>	<p>Referir que a escola não será identificada, nem os nomes dos participantes e das crianças.</p>
<p style="text-align: center;">BLOCO B Caracterização do entrevistado</p>	<p>20. Reunir informação sobre a formação inicial e continua e do entrevistado;</p> <p>21. Reunir elementos sobre o percurso profissional do entrevistado até ao momento atual.</p>	<p>- Agora, gostaria de a conhecer um pouco melhor. Vou começar por lhe perguntar qual o seu curso, onde o tirou e há quanto tempo?</p> <p>- E depois começou logo a trabalhar aqui? Como foi? Sucintamente, qual foi o seu percurso até ao momento atual?</p>	
<p style="text-align: center;">BLOCO C Caracterização global do grupo</p>	<p>22. Obter informação sobre o grupo de crianças em termos de desenvolvimento global.</p> <p>23. Conhecer o funcionamento geral da sala.</p> <p>24. Identificar rotinas/atividades especialmente dirigidas a crianças cujos pais têm horários atípicos</p>	<p>- Gostaria de conversar um pouco consigo sobre o seu trabalho atual. Podemos começar pela descrição do seu grupo: quantos são? Quantos meninos e meninas? Quais as idades?</p> <p>- Em traços gerais, como é que caracteriza o grupo em termos de desenvolvimento? É um grupo semelhante aos que tem tido nos outros anos? Porquê?</p> <p>- E quanto aos horários de trabalho dos pais, qual a proporção de crianças cujos pais trabalham por horários atípicos? São horários por turnos, noturnos...? E que tipos de trabalhos é que são?</p> <p>- Agora, sobre o funcionamento da sala. Quais as rotinas gerais da sala? Existem rotinas específicas para as crianças cujas famílias têm horários atípicos? Se sim quais?</p>	

		- Essas rotinas existem desde quando? Quem as implementou? Parece-lhe que são adequadas? Ou necessitam de alguns ajustes? Se sim quais? Porquê?	
BLOCO D Horários atípicos das famílias e o desenvolvimento global das crianças	<p>25. Conhecer a opinião sobre o desenvolvimento global das crianças cujas famílias têm horários atípicos e os fatores que as influenciam;</p> <p>26. Averiguar os principais fatores que na opinião do entrevistado prejudicam/influenciam no desenvolvimento das crianças (cognitivo, afetivo/emocional e social) com horários atípicos;</p> <p>27. Inquirir sobre apoios proporcionados na escola a crianças cujas famílias trabalham por horários atípicos e como são utilizados;</p>	<p>- Na sua opinião, as crianças destas famílias recebem aqui os mesmos estímulos e têm as mesmas oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento que as crianças provenientes de famílias com horários regulares? Ou haverá alguma diferença? Porquê?</p> <p>- No seu trabalho, conta com a colaboração de outros recursos humanos para a apoiar em casos específicos? Como funciona esse trabalho? Que aspetos é que poderiam ser melhorados?</p>	Direcionar a questão para as crianças com pais com horários atípicos, se adequado.
BLOCO E Planificação do trabalho pedagógico: Características e desafios	<p>28. Conhecer o processo de planificação do trabalho pedagógico direcionado para crianças com horários atípicos;</p> <p>29. Identificar eventuais dificuldades/obstáculos sentidos no processo de planificação pedagógica associadas às situações destas crianças.</p>	<p>- Na sua opinião, a forma como nesta escola o trabalho pedagógico está organizado responde às necessidades destas crianças? Porquê? E no seu caso, em que medida a forma como organiza as atividades e os projetos se adequa às crianças com pais com horários atípicos? Porquê?</p> <p>- O que seria necessário ou desejável, em termos de organização e de trabalho pedagógico, existir nesta escola para responder às necessidades específicas destas crianças? Porquê?</p>	Pedir exemplos de adaptações específicas.
BLOCO F Relação Escola-família (como é trabalhar com estes parceiros)	30. Identificar eventuais orientações gerais da instituição para a relação escola-família;	- Existe alguma política da instituição para a relação com as famílias? Ou isso fica a cargo de cada educador da sala?	

	<p>31. Conhecer as estratégias e atividades levadas a cabo pelo entrevistado para o envolvimento das famílias das crianças do grupo.</p> <p>32. Averiguar eventuais estratégias/alternativas que podiam ser implementadas para o incremento escola-família.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - E como tem sido o envolvimento das famílias na escola? Há atividades planificadas para o envolvimento das famílias que sejam comuns a todas as salas? E no caso do seu grupo, que atividades específicas é que desenvolvem com o envolvimento das famílias? - E no caso específico das famílias com horários atípicos? Como participam na vida dos seus filhos no jardim de infância? E como vê essa participação? Parece-lhe satisfatória? Porquê? - Se lhe fosse permitido mandar o que faria para estimular um maior envolvimento dos pais no jardim de infância? 	
<p>BLOCO G Agradecimentos</p>	<p>- Agradecer colaboração.</p>	<p>Chegámos ao final da entrevista. Não posso deixar de agradecer mais uma vez toda a sua disponibilidade e colaboração.</p>	

Anexo 3- Pedido de autorização para a realização das entrevistas

Pedido de Autorização para a realização da entrevista:

Exmo. (a) Sr. (a) Educadora (s),

Este estudo realiza-se no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, do Instituto Superior de Educação e Ciências, e tem por objetivo reunir opiniões e testemunhos de educadores de infância sobre o funcionamento e organização de um jardim infância com crianças de famílias com horários de trabalho atípicos.

Assim, é importante reunir os depoimentos de quatro educadores de infância (turno diurno e turno noturno).

Necessitamos da sua ajuda, sem a qual a pesquisa aqui enunciada ficará inviabilizada. A participação no estudo é voluntária, as respostas são inteiramente confidenciais e os dados recolhidos serão objeto de tratamento estatístico. Agradecemos antecipadamente a sua colaboração, que será um contributo precioso para a compreensão e atualização da temática.

Aluna do ISEC Lisboa

Educadora

Anexo 4 – Protocolo da Entrevista A

Protocolo da Entrevista – Educadora do Turno Diurno – A

Então, muito boa tarde, o meu nome é Daniela Ribeiro, esta entrevista irá ajudar-me o meu trabalho final de mestrado em Educação Pré-escolar. O trabalho tem por tema a adaptação das crianças, filhas de pai com horários atípicos do trabalho ao jardim de infância e à Educação Pré-escolar. Considerei indispensável em reunir opiniões e testemunhos de educadores de infância sobre esta problemática. Para finalizar o trabalho e otimizar a entrevista, gostaria de a gravar. Autoriza?

Sim

O seu depoimento é anónimo e os dados destinam-se apenas à elaboração do trabalho. O nome da escola não será divulgado, nem os nomes dos participantes e das crianças. Então agora, gostaria de a conhecer um pouco melhor. Vou começar por lhe perguntar qual o seu curso? Onde tirou? E há quanto tempo?

Então, o meu curso é de educação de infância. Tirei a licenciatura em educação básica e depois tirei o mestrado em educação pré-escolar. Haam.... ora bem há quanto tempo é que foi? (fez silêncio)

Se não estou em erro, foi há cerca de cinco anos. Portanto foi o segundo ano quando aconteceu o curso de educação básica. Portanto eu fui o segundo ano de educação básica que existiu. Pediu-me outra coisa, não percebi?

E há quanto tempo?

Que estou a exercer ou que fiz o curso?

Há quanto tempo tirou o curso e onde tirou?

Tirei na Escola de Educação Superior de Lisboa, há cerca de cinco, seis anos. Não sei precisar, mas depois se for necessário também posso ver.

E depois começou logo a trabalhar aqui?

Haamm, não. Trabalhei numa outra instituição, fiz o estágio numa outra instituição. E, entretanto, trabalhei lá durante mais um ano, mais ou menos, não um ano completo e

depois sim, comecei como educadora neste colégio, primeiro ao fim de semana, e depois em regime noturno e depois no regime em que estou agora.

Então e como é que foi? Sucintamente, qual foi seu percurso até ao momento atual?

Portanto desde que comecei a trabalhar?

Sim, aqui.

Na instituição onde estou agora?

Sim.

Portanto, foi longo! Já fiz muitas coisas, portanto como lhe disse, comecei a trabalhar ao fim de semana só, na altura ainda havia educadores só para fim de semana, neste momento já não existe. Fazia um horário de manhã, portanto das sete às três na altura, agora o horário também é diferente. E estava com crianças desde o berçário até ao pré-escolar, portanto até aos cinco seis anos. Haam, mais ou menos até ao meio da minha estadia, digamos assim, do fim de semana, começamos a ter um bocadinho de mais cuidado e, portanto, o berçário ficou sozinho, com uma colega, e nós ficávamos com a creche e com o jardim de infância. Entretanto foi-me feita a proposta para passar para a noite, eu aceitei, e fazia, portanto, continuei na mesma aos fins de semana, porque aí deixou de existir educadoras só ao fim de semana e as educadoras trabalhavam em dois turnos. Portanto, eu trabalhava segunda, terça, quarta, sábado e domingo, sendo que ao sábado e domingo fazia manhãs de e segundas, terças e quartas fazia noites. Haaam... a nível das crianças, da faixa etária, era exatamente como acontecia ao fim de semana. Durante o fim de semana, creche e jardim de infância e durante a semana noite até às sete da noite mais ou menos, ficava só com o jardim de infância e a partir dessa hora ficava com todos.

Então e como é que foi?

(Fez silêncio)

Se gostei? [trabalhar à noite e ao fim de semana] Foi uma experiência nova. Haam... deu-me bastante, como é que hei-me dizer.... Cresci muito como profissional, porque é um tempo em que as crianças já estão muito cansadas, é um tempo em que as atividades têm de ser muito dinâmicas, porque se não elas não querem. Elas já passam um dia inteiro

numa sala, não é e à noite, as atividades têm de ser muito diversificadas e coisas novas também, para eles se interessarem, mas foi uma boa experiência, eu gostei. Com algumas questões, gostei sobretudo das famílias, porque à noite acaba-se por se ter mais a proximidade com as famílias, uma coisa que eu neste momento sei que não acontece, portanto, durante o dia, tenho muito mais dificuldade em falar com as famílias, nem sempre nos vemos. E realmente no turno da noite, aí realmente falava muito com os pais. E ao fim de semana também corriam bem as coisas. A nível de projetos, é que era um bocadinho mais difícil, porque as crianças são sempre diferentes, não veem sempre as mesmas, não veem ao mesmo tempo. Portanto há aqui uma série de.... Como é que eu hei-de dizer..., uma série de pontos que depois já nos deixam trabalhar como trabalharíamos por exemplo numa sala. Passando para..., entretanto fui novamente, houve uma colega que saiu de dia e fui houve uma colega que saiu de dia e fui proposta para ir para de dia, obviamente que aceitei, era uma coisa que eu sempre queria, porque o trabalho pedagógico que é feito à noite é muito diferente do que é feito numa sala e então comecei a trabalhar numa sala, sempre em jardim de infância, com crianças com idades, dos três aos seis. E aí claro as coisas são muito diferentes não é, fazemos muitos projetos, continuamos a ter na mesma criança que entram às oito, outras às nove, outras às dez, algumas só veem depois de almoço. Portanto há aqui crianças que acaba por ser um bocadinho mais difícil de trabalhar, que é mesmo assim. Tentamos fazer parcerias com a equipa da noite, mas obviamente que a experiência é muito boa.

Gostaria de conversar um pouco consigo sobre o seu trabalho atual. Também para continuar aquilo que já referiu. Podemos começar pela descrição do seu grupo: quantas crianças são? Quantos meninos e meninas? E quais são as idades?

Então, eu estou com um grupo como já disse, de jardim de infância, entre os três e os seis anos. Huam... tive meninas que quando entraram tinham ainda dois anos. Portanto, até dezembro fizeram os três anos. É um grupo muito peculiar, muito falador, huam... o nosso tempo de grande grupo, tem sempre de se esticar um bocadinho, porque realmente eles gostam muito, muito, muito, muito de conversar. Huam... entre meninos e meninas, tenho catorze meninas e onze meninos. E perguntou-me outra coisa!

Quantos são?

[é um grupo constituído] São vinte cinco.

Então e as idades?

Eu tenho oito que têm os cinco anos, neste momento há dois desses oito, que já têm seis. Huam... depois tenho onze, se não estou em erro, que têm três e o resto têm os quatro, alguns que já fizeram os cinco, entretanto.

Então em traços gerais, como é que caracteriza o grupo em termos de desenvolvimento?

Em termos muito gerais?

Em termos muito gerais, sim!

Desenvolvimento a nível cognitivo, a nível....

A nível de tudo! A nível cognitivo, a nível emocional e social....

Portanto, é um grupo que tem alguns conflitos, sim... mas é um grupo que se dá todo muito bem. Inicialmente, notaram-se alguns grupos, especialmente em crianças que já vinham, não é.... E dos mais pequeninos que vinham todos juntos. Mas neste momento, posso dizer que brincam todos uns com os outros, não noto que hajam assim grupos. É claro que há ali meninas que se calhar, brincam mais umas com as outras. Mas os pequeninos já se conseguiram misturar e integrar com os mais crescidos. A nível do desenvolvimento cognitivo, são um grupo muito bom. Preocupa-me, na verdade, duas crianças, sobretudo três, aliás três crianças que realmente uma delas tem um atraso de desenvolvimento, mesmo diagnosticado, cerca de três anos. Huam... uma outra tem atraso de desenvolvimento, de cerca de um ano, que foi há pouco tempo diagnosticado. E depois tenho um.... Eu disse três, mas não! E depois tenho outros dois, que têm três anos, mas realmente têm algumas coisas, mas ainda não foi nada diagnosticado, mas realmente têm muitas dificuldades a nível cognitivo, huam... andamos a tentar perceber se realmente existe ali alguma coisa ou se é imaturidade. Huam.... Depois a nível, social, portanto, como já disse, gostam muito uns dos outros e gostam muito de ajudar o adulto, mantêm uma boa interação tanto com o adulto, como com os outros. Huam.... A nível emocional, há algumas crianças que ainda têm alguma dificuldade em lidar com as emoções. Mas na sua

grande maioria, estão muito bem, o... Assim em termos gerais, nível do desenvolvimento motor, huam... estão muito bem, também. É um grupo que está muito bem, adoram. Temos uma menina, que estamos a tentar que se envolva mais, porque não gosta de todo de fazer expressão pelo movimento. E de facto, tem sido complicado, mas em traços gerais, como lhe disse, é um grupo bastante bom, bastante acessível.

Sempre teve com esse grupo ou esse grupo, huam... teve outros educadores antes de estar consigo?

Teve. As únicas crianças que tiveram a mim como educadora, foram duas, que entram no ano que precisamente passei para de dia. todas as outras já passaram por mais colegas meus.

Ok.

Sim, todas! Portanto, vinte e três!

E é um grupo semelhante aos que tem tido nos outros anos?

Não!

Então porquê?

Bem... todos os grupos são diferentes, não é? Huam... o ano passado eu tinha um grupo de mais crescidos. Huam... eram mais responsáveis, huam... em termos de sala, eram menos... eu não queria dizer esta palavra, mas eram barulhentos! Era um grupo mais tranquilo, o ano passado. Este ano, eles têm muito energia, eles precisam mesmo de atividades em que eles gastem a energia, porque realmente são muito energéticos. Huam... e está-me a perguntar deste grupo daqui, portanto desta instituição ou também de outros que já tenha tido?

Desta instituição e de grupos que já tenha tido.

Já tive mais dois grupos, fora daqui huam... muito diferentes. (riu-se) um deles que foi o primeiro que eu tive, que foi onde estagiei, era um grupo assim qualquer coisa. Eles faziam tudo, eles sabiam tudo, era assim uma coisa espetacular! Eram top mesmo! Eram mesmo excelentes! O segundo grupo que tive nessa instituição, huam... embora... porque tive numa instituição que não foi num bairro social, mas com muitas crianças que têm algumas

dificuldades e... foi uma experiência diferente. A nível de afeto e mesmo a nível de desenvolvimento cognitivo, tem muito haver com as comunidades onde eles estão inseridos.

E nesta instituição também acha que grupos anteriores também tinham huam... algum problema a nível emocional ou...

Sim! Huam... O grupo que eu tive anterior a este, portanto enquanto estive de dia, de fato tinha muitos problemas a nível emocional. Nós fizemos um projeto sobre as emoções e tudo, para colmatar algumas fragilidades do grupo, muitas mesmo! Foi um trabalho muito árduo durante um ano, mas valeu a pena, porque realmente eles melhoraram muito, mas sim, muitas dificuldades.

E utilizou algumas estratégias para conseguir....

Claro que sim! Uma das estratégias foi implementar este projeto, huam...mostramos vídeos! Tínhamos até uma criança que... eu não gosto de dizer que sofria de bullying, mas já estava um bocadinho rotulada, huam..., mas nós tivemos de fazer com que isso se desfizesse, e, portanto, falamos com eles, huam... trabalhámos as emoções integradas no projeto. Tentamos fazer jogos em que envolvessem mais a nível social, portanto isto tudo para trabalhar as emoções.

E quanto aos horários de trabalho dos pais? Huam... qual a proporção das crianças cujos pais trabalham por horários atípicos?

Portanto, nós temos... portanto, na minha sala, inicialmente tínhamos umas... sei lá, seis ou sete que trabalhavam com horários atípicos, neste momento temos menos, mas é uma coisa que pode sempre mudar, porque os pais trabalham por turnos, não é, portanto, às vezes o que acontece, é que ficam com uma avó e os pais preferem que fiquem de segunda a sexta e os pais arranjam aqui uma alternativa.

Então e são só trabalhos por turnos ou maior parte dos pais trabalham por horários rotativos ou

[Alguns pais trabalham por horários atípicos] Alguns sim! Outros nomeadamente, também não estão a trabalhar! Huam... o que é que acontece, como a instituição tem horário muito alargado, as famílias, às vezes, optam por trazê-los mais tarde! Huam..., portanto, eu tenho

crianças que entram às sete e meia, tenho crianças que entram às oito e meia, tenho crianças que entram às nove e outras só entram às dez. Portanto, huam...o meu grupo deste ano, maioritariamente as crianças entram praticamente todas por volta das dez.

Então e que tipo de trabalhos é que são? Trabalho dos pais?

Alguns pais trabalham no centro comercial, outros nos supermercados, huam... depois temos alguns que são enfermeiros e que, por vezes, trabalham por turnos, mas nem sempre. Temos... huam... mães e pais que trabalham em lojas e depois temos alguns que têm trabalhos, digamos que fora dos centros comerciais. Engenheiros, operários, portanto, huam... profissões mais fora dos centros comerciais.

Mas maioritariamente do grupo, os pais trabalham por turnos?

Sim, sim!

Ok!

Agora, sobre o funcionamento da sala. Quais as rotinas gerais da sala?

Portanto, neste momento nós tivemos que adaptar a rotina, no início do ano, experimentamos diversas coisas, porque lá está, nem todos os grupos são iguais, o que resultava no ano passado, não resultava este ano, porque eles são muito pequeninos. Neste momento, a rotina que nós fazemos é, portanto, às oito e meia, que é quando eu entro, nós vamos para a sala, contamos sempre uma história para os que estão. E neste caso, não estão só os da sala, portanto, estão outras crianças também. Depois até às nove e meia, marcamos a presença e eles planeiam para algumas áreas, não todas, huam..., mas normalmente a área dos blocos, área da escrita, portanto, atividades que sejam de fato, de fácil arrumação, para nós às nove e meia nos podemos sentar, então em grande grupo! Quando nos sentamos em grande grupo, se houver alguma novidade ou alguma coisa que tenhamos de comunicar, fazemos também o quadro das mensagens e se não houver nada para conversar comemos a fruta e a bolacha, portanto, comemos a refeição ligeira e depois fazemos os pequenos grupos. Os pequenos grupos, huam... podem acontecer de duas formas: ou fazemos dois pequenos grupos e estão todos a trabalhar, isto se a atividade não... se nós não tivermos que ter, muita, muita atenção na atividade, digamos assim... Se for uma atividade em que eles possam autonomamente estar a trabalhar, porque nós

somos só duas, não é? E estão dois grupos, um de doze e outro de treze, se for uma atividade, em que realmente nós tenhamos que estar mais concentrados num menino, ter doze é difícil! Então, quando temos essas atividades, o que nós fazemos é, fazemos um pequeno grupo inicial, os outros planeiam, e depois fazemos a troca. Quando fazemos dois grupos, portanto, a trabalhar ao mesmo tempo, depois disso fazem o planejamento. Portanto, fazem o planejar/fazer/rever que é assim que se diz no modelo Highscope, que é o modelo que nós seguimos, eles planeiam para onde querem ir, dizem a área, o que é que vão fazer. Depois vão para a área e depois disso, huam... cinco minutinhos antes de acabar o tempo do fazer, pedimos para arrumar e eles sentam-se normalmente em grande grupo e depois utilizando uma estratégia, utilizando uma cor de uma peça de lego ou utilizando um chapéu, alguma coisa que até possa ser significativa, ou às vezes são mesmo eles que pedem: “olha x, pode ser com isto?” Escolhemos aleatoriamente, quem queremos ouvir e fazemos o rever. O que é o rever? O rever é quando eles nos dizem o que estiveram a fazer, e muitas das vezes, descobrimos algumas das coisas, que às vezes nos damos conta, se houve uma discussão, se... alguma resolução de problemas que foi feita ou não. Depois disso, fazemos as camas e vamos ao recreio. [depois do grande grupo, fazem as camas e vão para o recreio] Depois do recreio, vão almoçar e depois vamos dormir. Os finalistas, portanto, os meninos de cinco/seis anos, vão ter o grupo de finalistas da uma às três e depois às três, se estiver bom tempo, vão para o recreio, pelo menos até às três e meia. Se não, ficamos todos em sala, às três e meia fazemos então uma atividade de grande grupo. Pode ser uma dança, pode ser contar uma história, uma experiência, portanto, uma coisa que seja do interesse deles, depois às quatro vamos lanchar. Depois do lanche, entra, portanto, a equipa da componente de apoio à família, e aí já não somos nós.

É outra equipa é isso?

Sim! Aqui funciona uma outra equipa, ou seja, o trabalho que eu fazia antes... (parou e riu-se), à noite, faz agora uma nova equipa a partir das quatro e meia à meia noite e meia, está outra equipa a funcionar.

Então, mas existem rotinas específicas para crianças cujas famílias têm horários atípicos?

Bom... as crianças que veem mais tarde, fazem a nossa rotina normal, o que poderá acontecer... já aconteceu, é, enquanto, por exemplo, a auxiliar está a ler uma história, eu

posso estar sentada com essa criança, a fazer algum pequeno grupo, digamos assim, mas só com ela. Mas muitas das vezes, o que acontece é, como eu já tinha dito também, é trabalhar um bocadinho em parceria com as pessoas da noite. E as pessoas da noite, sabem que aquelas crianças estão com elas, e que têm de ter, não é um cuidado especial, aqui não há crianças com cuidados especiais, digamos assim, mas ter um pouco de atenção de que, ok esta criança só vem à noite, então temos aqui que, fazer aqui atividades mais específicas e se calhar não tão... são sempre lúdicas no meu ver, mas deviam de ser atividades mais dirigidas do que somente uma atividade para grande grupo, como normalmente acontece.

Então e essas rotinas que me referiu há pouco, existem desde quando?

Estas rotinas, existem desde que... desde o início do ano, portanto, desde sempre. [as rotinas tal como foi dito, foram mudando ao longo do ano letivo] Tal como lhe disse, foram sendo... experimentámos os pequenos grupos à tarde e não resultou, porque era um grupo que acordava muito tarde e os pequenos grupos acabavam por ser muito pequeninos. E, portanto, em equipa achamos que seria melhor passar para de manhã. Portanto, isto foi tudo uma construção ao longo do ano com eles. Mas a rotina sempre existiu.

Então e quem é que as implementou?

Bom... o modelo tem uma determinada rotina, não é? Tem tempos de rotina que nós temos que cumprir. Mas eu penso, pelo menos assim eu o faço, como educadora, acho que nós devemos adequar ao grupo que temos. Agora os tempos de rotina existem, estão no modelo e existem especificamente com este “modelo”. Agora, a maneira como elas são, portanto, são expostas, tem a ver com a educadora do grupo. Eu tenho colegas minhas que fazem pequenos grupos à tarde e resulta muito bem.

Então e parece-lhe que são adequadas?

Bom... [as rotinas não são adequadas] se formos seguir à risca o modelo sim, não! Não são adequadas para mim, porque o modelo diz que o pequeno grupo tem que ser dez/quinze minutos, isto às vezes não é bem assim! Se eles estiverem a fazer uma atividade de pequeno grupo que até estão a gostar... vamos imaginar que estão a explorar tintas ou plasticina, quer dizer... olha quinze minutos e pronto acabou, já não podem pintar mais. Nós não somos assim tão rígidos. Normalmente, os nossos pequenos grupos são sempre mais. Não sigo à risca os tempos, porque acho que em alguns aspetos não são adequados,

por exemplo, o tempo de exterior acho que sim, que é adequado, que é quarenta e cinco minutos, que nem sempre conseguimos cumprir, porque realmente a rotina da manhã passa a correr.

Em relação às crianças com horários atípicos, a conversa já é outra. Nós obviamente, eu enquanto educadora, tento integrá-las, e penso que elas se sentem integradas, e sabem a rotina, mas por exemplo, uma criança que venha depois do almoço não está no pequeno grupo. E aí nós vamos ter muito que jogar, quando elas veem de manhã, temos de fazer atividades sozinhas, que também acaba por ser diferente, porque uma criança ao fazer atividades num pequeno grupo normal e fazer sozinha, não tem nada a ver.

Acha que essas rotinas deviam de sofrer alguns ajustes ou...

Bom... acho que isso devia de ser uma coisa bem pensada, para não prejudicar nem uns, nem outros. Posso dizer que para o ano vou novamente tentar os pequenos grupos, por exemplo, à tarde. Porquê? Já para tentar integrar com mais facilidade as crianças que vêm à tarde, porque normalmente as crianças que vêm à tarde chegam por volta do meio dia, uma, portanto eu, ao fazer os pequenos grupos à tarde, elas acabam por participar, pelo menos no pequeno grupo. [as crianças que chegam mais tarde] Mas não participam no planejar, que é tão importante, não é? Obviamente que à tarde eles brincam, mas não indo para uma sala, que normalmente eles não vão para uma sala, pelo menos neste momento. Já houve alturas em que foram, mas existem áreas que se calhar nunca são abertas, e obviamente que isso acaba por.... Essas crianças acabam por não ter a mesma oportunidade que as outras.

Mas essas áreas não são abertas porquê?

[Existem áreas à tarde que não são abertas] Isto é mesmo uma questão de logística, depois, não é? A verdade tem de ser dita! Nós normalmente, estamos com o grupo de crianças só durante o dia e somos duas. A partir das quatro e meia, estão três salas de jardim de infância com poucas pessoas, não é? Huam.... E muitas das vezes essas áreas não são abertas, porque primeiro nem sempre vão para as salas, mas quando vão para a sala, essas áreas são abertas e às vezes dão muitos conflitos, as pessoas são poucas, é mesmo por uma questão de recurso.

Na sua opinião, as crianças dessas famílias recebem os mesmos estímulos e têm as mesmas oportunidades de aprendizagem e de desenvolvimento que as crianças provenientes de famílias com horários regulares?

As oportunidades são diferentes! Tal com eu já tinha dito, enquanto que uma criança que vem sempre das nove às cinco, por exemplo.... Passa por tudo por uma rotina securizante, que dá segurança, as outras não! Obviamente, que têm a sua rotina sim, mas nós temos crianças que às vezes vêm às nove, outras vezes vêm às dez, outras vezes vêm às onze, quer dizer.... Essa criança, principalmente se for pequenina vai ser mais difícil de adquirir certas competências. Principalmente a nível espacial, não é? Fica confusa, fica... não sabe muito bem... é como as crianças que vêm ao sábado e ao domingo, que pensam: então a escola não é de segunda a sexta? Então, mas que dia é hoje? Eu tenho uma criança, que faz esse tipo de confusão, que vem ao fim de semana. Portanto, claramente que há coisas que poderá ser prejudicial. Nós, sendo um colégio que realmente tem este horário, há que também... temos de arranjar aqui uma estratégia, para melhorar este aspeto, não é? Porque elas merecem o mesmo tratamento que crianças que estão a tempo normal.

No seu trabalho, conta com a colaboração de outros recursos humanos para apoiar em casos específicos?

Nas idas aos passeios?

Nas idas ao passeio.... noutros casos específicos!

Bom... em termos de recursos humanos, o que nós temos são polivalentes, que nos ajudam sempre que seja preciso, quando não falta ninguém, não é? Porque aí obviamente que elas têm de ser deslocadas para aí! Quando temos visitas de estudo, normalmente, também temos pessoas que nos ajudam e que vão connosco. Temos psicóloga, que também vai às salas e está presente. Se nós precisarmos de alguma coisa nova, são os pais que também nos ajudam e nos apoiam. E temos o diretor, que tenta fazer, portanto aqui.... Um trabalho pedagógico mais dirigido, mas que ainda não é possível, devido à carga de trabalho que tem. Existe também outro serviço, que não está diretamente, portanto... que não é diretamente a instituição que subcarrega, digamos assim..., que paga... que é um serviço à parte, que é a terapia da fala. Aqui existem crianças que têm.... Que nós rastreamos e depois a terapeuta vem, avalia e acompanha.

Então e como é que funciona esse trabalho?

Aí, e temos também outros, que me esqueci de dizer, da intervenção precoce. Portanto, que também não é nosso, mas que vem de fora para as crianças que necessitam. A nível de intervenção precoce, portanto... a terapeuta combina connosco determinados dias para vir, e fica com a criança em contexto de sala. Huam... a nível da terapia da fala, depende muito da terapeuta. No ano passado, a terapeuta que nós tínhamos, fazia mais trabalho de gabinete. Levava a criança e fazia o trabalho que tinha a fazer, já tivemos uma outra que fazia trabalho de refeitório, devido haver o controle de como é que mastiga e esse tipo de coisas, que também é importante. E neste momento temos uma outra, que também faz muito trabalho de gabinete. Portanto, vai às salas buscar as crianças e leva-as e depois sim, dá-nos o feedback, a nós e aos pais.

Huam... e então, que aspetos é que podiam ser melhorados?

Em termos de serviço?

Em termos de serviço e não só... relativamente a esses recursos humanos específicos que me falou! Relativamente a crianças com horários atípicos, por exemplo! E crianças com horários regulares, acha que algum aspeto devia de ser melhorado?

Sim... nós tamos a tentar neste momento, que haja um programa específico para trabalhar a consciência fonológica, portanto, existir uma pessoa que venha de fora e que faça um programa a este nível. A psicóloga também costuma desenvolver alguns projetos, que ajuda nas fragilidades que possam existir. Huam... outras soluções... acho que também é um bocadinho, dotar todos os recursos humanos que nós temos para o mesmo objetivo, não é? E fazer com que percebam que, todos os tempos têm de ser de qualidade.

Relativamente ao tempo de qualidade, acha que devia de ser melhorado algum aspeto, ou não?

[O tempo de qualidade devia de ser melhorado] Há sempre coisas a melhorar... sim, eu acho que as coisas deviam de ser organizadas de outra maneira. Huam... porque as crianças a partir das quatro e meia ficam todas juntas. Tem que se arranjar estratégias para que as coisas corram de uma forma mais... calma, mais tranquila, fazer mais projetos, mas lá está, muito a nível lúdico. Em relação a estas crianças com horários atípicos, é tentar perceber,

que de certeza que existe um pequeno grupo, digamos assim, com esses horários, e realmente para essas crianças, tentar fazer aqui uma rotina, em que elas possam presenciar os tempos que os outros presenciam: o tempo de planejar/fazer/rever, o tempo de pequeno grupo, portanto... as crianças que vêm à tarde, se vierem sempre à tarde, elas nunca marcam a presença, elas não sabem o que é isso.

Na sua opinião, a forma como nesta escola o trabalho pedagógico está organizado responde às necessidades destas crianças?

Nós fazemos o melhor que nós conseguimos! Claramente que ainda há coisas a melhorar, nesta questão dos horários atípicos... claro que sim... huam... ainda ontem estava a falar disso com uma mãe! Eu acho que isto tem mesmo a ver com aquilo que eu disse, acho que tem a ver com o trabalho de qualidade. Se o trabalho que for feito, for de qualidade em todas as rotinas, mesmo na rotina da noite. A rotina da noite, tem a sua própria rotina, e a criança que vem a essa hora já conhece essa rotina. Agora tem de ser uma rotina, que também seja segura, que seja sempre igual. Isso às vezes não acontece.

Mas porquê?

Isso às vezes tem a ver com os recursos humanos. [houve muitas mudanças nos recursos humanos] Muitas faltas... às vezes tem a ver com as mudanças, que.... existem. Estou a falar de um caso específico, que houve mudanças nos últimos meses, isso não ajuda. Tem de haver estabilidade das pessoas! Tem de haver se calhar mais formação! Huam... tem de haver uma preocupação de todos, tem de haver bom senso, tem de haver mais cuidado pelos materiais. Acho que basicamente é isso.

No seu caso, em que medida como organiza as atividades e os projetos se adequa às crianças com pais com horários atípicos?

Bom... nós tentamos sempre integrar essas crianças nos nossos projetos. Lembro-me de um projeto que nós tivemos há pouco tempo, o “projeto dos cinco sentidos”, em que nós fizemos um vídeo, e realmente as atividades que eu tinha com uma das crianças era muito pouco e então eu agarrei, e tentei fazer, sempre que essa criança vinha, tentei integrá-la no projeto e fazer com que realmente essa criança se interessasse e fizesse determinadas coisas no projeto, para que ela também participasse e... os pais pudessem vê-la e tivesse a mesma oportunidade que os outros.

O que seria necessário ou desejável, em termos de organização e de trabalho pedagógico, existir nesta escola para responder às necessidades específicas destas crianças?

Ora bem... isto vai tudo de encontro ao que eu já disse, primeiro são duas educadoras à noite, elas têm de trabalhar em sintonia, têm de ter a mesma rotina. Tem de haver um projeto comum... têm de conversar, tem de haver muita abertura. Huam... tem de haver parceria entre dia e noite, huam... tem de haver uma rotina securizante. É isto tudo, é porque depois vai tudo de encontro ao mesmo. Se houver rotina, se houver confiança, se houver... se as pessoas se ajudarem e estiverem ali todas para o mesmo objetivo, as coisas correm sempre bem. É procurar sempre perceber, quais são os objetivos das crianças e ir ao encontro deles, é isto!

Mas porquê?

O que é que me quer perguntar exatamente?

Relativamente a essa organização! Huam... relativamente à justificação que me deu!

Existem crianças... existem crianças não! Existem adultos que trabalham de formas diferentes ok? Nós estamos ali para as crianças. Huam... as rotinas têm de ser... tem de haver uma rotina concreta. Eu neste momento não estou dentro da rotina que é feita, portanto à noite, mas... todo o feedback que tenho, as coisas deveriam de ser organizadas, deveriam de ser mais rotineiras, deveria de haver atividades mais organizadas, mais... envolventes, para que as crianças se envolvessem mais. Tudo bem que elas aprendem muito a brincar é verdade, mas precisam de ser orientadas, não é? Precisam de se envolver em projetos e principalmente as crianças que não vêm de manhã, não é? Têm essa necessidade, de fazer determinadas tarefas de maior concentração. E depois há outra coisa, enquanto durante o dia, durante a manhã, elas estão na sala, a partir das quatro e meia estão com todos. E se isso pode ser bom por um lado, a nível social, como é obvio. Huam... pode não ser tão bom a nível pedagógico.

Então e existe alguma política da instituição para a relação com as famílias? Ou isso fica a cargo de cada educador da sala?

Bom... o modelo diz que nós temos que trabalhar com as famílias. Eu pessoalmente, tento trabalhar com as famílias, até porque se nós não trabalharmos com as famílias, as coisas

não vão correr muito bem. Por isso, no meu trabalho, tento sempre envolver sempre as famílias com desafios, com propostas de trabalho, deixo-as entrar na sala e isso é mesmo política da instituição. Huam...deixam os pais entrar na instituição até as nove e meia, a partir das quatro e meia, eles também podem sempre entrar. Podem ir à instituição fazer atividades, portanto... eu acho que temos uma boa parceria com as famílias, sem dúvida.

E como tem sido o envolvimento das famílias na escola?

Bom... não é? [o envolvimento das famílias na escola] isso depende das famílias, há famílias que participam muito, e há famílias que não participam.

Há atividades planificadas para o envolvimento das famílias que sejam comuns a todas as salas?

Bom... [as atividades planificadas são comuns a todas as salas, para o envolvimento das famílias isso acaba por ser mais nas festividades.

Huam... e no caso do seu grupo, que atividades específicas é que desenvolvem com o envolvimento das famílias?

Bom... nós fizemos várias! [atividades desenvolvidas com o envolvimento das famílias] Além das festividades, tivemos a apresentação do nosso projeto, vamos ter mais duas apresentações de projeto. Temos, por exemplo, uma mãe que vai à nossa sala fazer uma sessão de dança com as crianças. Já convidámos... foi uma pena que não houve oportunidade, um pai para vir à nossa sala participar na nossa horta. Tivemos também um desafio, para eles construírem jogos, uma cozinha para o nosso recreio. Portanto... [as famílias são muito envolvidas na escola] eu acho que sim, que eles são bastante envolvidos. Temos também o nosso projeto de leitura, em que os pais levam um livro e depois os pais têm de apresentar o que leem com as crianças. Infelizmente não tivemos sucesso, porque eles trazem simplesmente uma ficha de leitura e os filhos é que a apresentam. Tivemos sucesso no interesse dos livros, realmente as crianças interessaram-se muito, mas depois as famílias acabaram por não quererem vir participar com os filhos. Mas sim.... Desafios... no caso de a dança da mãe ter vindo cá! Este tipo de iniciativas.

Então e no caso específico de famílias com horários atípicos? Como participam na vida dos seus filhos no jardim de infância?

[No caso das famílias com horários atípicos, participam da mesma forma] É exatamente da mesma maneira! Isto porque, nós... huam... os desafios vão para casa, não é? Quando é para eles virem cá, nós normalmente fazemos sempre da parte da tarde. E quando é para vir à sala, tentamos adequar às famílias. Posso dizer, que no dia da mãe, uma mãe disse-nos que não podia vir de manhã e nós como sabíamos que todos os pais de tarde podiam vir, mudamos o convívio para a tarde, aliás... foi ao contrário, tínhamos à tarde e mudamos para de manhã, para que essa mãe, que tem um horário atípico pudesse estar presente.

Então e como é que vê essa participação?

Das famílias?

Sim!

As famílias gostam, se bem que às vezes acham que é demasiado, ou seja, isto também depende de família para família. Há aquelas famílias que gostam muito de vir e participar, há outras que dizem: “aí lá temos nós que ir!” ou “lá vamos outra vez para a sala!”. Portanto, isto tem muito a ver com a famílias.

Então e essa participação é satisfatória?

Huum... [a participação das famílias é satisfatória] sim, claro que sim. Posso dizer, que ora bem! Num rácio de vinte e cinco, quinze participam, não é mau!

Mas porque é que considera que é satisfatória?

Para mim ser um, já era satisfatório. Mas, ou seja, num rácio de vinte e cinco, quinze participarem é um bocadinho de mais de metade do grupo. É muito bom!

Se lhe fosse permitido mandar o que faria para estimular um maior envolvimento na educação dos seus filhos?

Bom... [para estimular um maior envolvimento na educação dos filhos] se eu pensar na minha filha... eu fazia algumas coisas, dava formação, sobretudo! Huam... motivava, estava mais presente. Huam... nós fazemos partilhas de boas práticas que realmente são muito importantes, talvez fizesse mais. Huam... porque é através da partilha que nós aprendemos. E aprendemos muito... e depois havia coisas pontuais, que eu poderia alterar, não é? Mas... teria que pensar muito sobre isso!

Chegamos ao final da entrevista. Não posso deixar de agradecer mais uma vez toda a sua disponibilidade colaboração. Obrigada!

Não tem de agradecer! E se precisar de alguma coisa disponha. Obrigada!

Anexo 5 – Protocolo da Entrevista B

Protocolo da Entrevista – Educadora do Turno Diurno - B

Esta entrevista irá ajudar-me a realizar o meu trabalho final de mestrado em Educação Pré-escolar. O trabalho tem por tema a adaptação das crianças filhas de pai com horários atípicos do trabalho ao jardim de infância e à Educação Pré-escolar. Considerei indispensável em reunir opiniões e testemunhos de educadores de infância, sobre esta problemática. Para finalizar o trabalho e otimizar a entrevista, gostaria de a gravar. O seu depoimento é anónimo e os dados destinam-se apenas à elaboração do trabalho. Aceita?

Sim claro!

Então agora, gostaria de a conhecer um pouco melhor. Huam...vou começar por lhe perguntar qual o seu curso? Onde tirou? E há quanto tempo?

Tirei a licenciatura na Escola Superior de educação de Lisboa, entre 2000 e 2004. Huam... depois em 2004, fui trabalhar para o colégio “Parque das Nações”, estive lá cinco anos. Huam... e depois, entretanto, no final de 2009, vim para a instituição onde estou agora.

E... sucintamente, qual foi seu percurso até ao momento atual?

Percurso relativamente às valências? É isso?

Sim, desde que está nesta instituição!

Huam... [Quando começou a trabalhar na instituição onde se encontra atualmente] comecei na creche... huam... [Depois de estar em creche, passou para JI] depois estive em jardim de infância. Depois voltei outra vez para a creche e [Depois de estar em creche, foi para JI onde permanece até ao momento atual] estive agora outra vez em jardim de infância. Neste momento, estou de baixa, nê... de gravidez de parto. (riu-se)

Então em traços gerais, como é que caracteriza o grupo em termos de desenvolvimento?

Penso que é um grupo, a nível global, que está bem desenvolvido. Pronto, o trabalho que foi feito também é feito a esse nível. A nível de global, não é? Eu prezo muito a autonomia de uma criança e o nível social e o bem-estar. Só com essas três coisas é que depois... huam... se essas três coisas tiverem bem adquiridas, não é? Principalmente vindas de

creche, que é muito importante. [Se a nível social e o bem-estar estiver bem desenvolvido] Depois consegue-se desenvolver os outros níveis, huam... são para mim importantes como é óbvio, nê? Nestas idades!

E é um grupo semelhante aos que tem tido nos outros anos?

Os grupos são sempre diferentes! (ri-se), completamente, acho eu! Cada grupo é um grupo. Cada criança é uma criança, que é como se costuma dizer! Portanto... pode ter algumas semelhanças, mas como eu costumo a dizer, são sempre grupos diferentes.

E quanto aos horários de trabalho dos pais, qual a proporção de crianças cujos pais trabalham por horários atípicos?

Aiiii.... Assim de cor.... (riu-se), mais ou menos? Epá, [proporção das crianças cujos pais trabalham por horários atípicos] eu diria talvez quarenta por cento do grupo, cinquenta no máximo. Huam... pronto..., mas os que frequentam horários atípicos... os pais têm horário atípico de trabalho..., mas depois há menos crianças a frequentar os horários atípicos do colégio, porque têm sempre cá os avós ou o pai, ou a mãe, que consegue ir buscar a criança mais cedo e não frequentar o fim de semana, por exemplo. Huam... na altura eram umas três ou quatro, três crianças!

E maior parte do grupo os pais trabalham por turnos ou trabalhos noturnos?

[maior parte do grupo os pais trabalham por turnos] Penso que é trabalhos por turnos!

E que tipo de trabalhos é que são?

[os pais das crianças trabalham em lojas] Em lojas essencialmente, huam...aqui do Jumbo, aqui nas lojas... no centro comercial principalmente, que fecha às onze ou meia noite.

Agora, sobre o funcionamento da sala. Quais as rotinas gerais da sala?

As rotinas da sala... desde o início da manhã é isso? Começo pelo acolhimento, que é sempre muito importante. Para já uma rotina deve ser, uma rotina estável e consistente, mas... sempre, sempre flexível. Eu acho que é, é importante a rotina ser flexível. Porquê? Para as crianças também não se sentirem muito, vou utilizar um termo! Não se sentirem muito aprisionadas, este tema é forte... (riu-se), na rotina, para elas saberem que há essa tal flexibilidade e a diversidade, também é muito importante, em experiências e

oportunidades. Huam.... E o estar sempre... relativamente à aprendizagem ativa, o que lhes dá mais autonomia, huam... motivação e nas suas escolhas principalmente, e na tomada das decisões das crianças, porque é muito importante. E depois o planeamento, da equipa da sala, também apoia a iniciativa da criança e lá está, proporciona um ambiente seguro e estável, e é disso que as crianças também precisam. Pronto... a rotina era... o acolhimento que é mesmo muito importante de manhã. Um acolhimento a nível informal, mesmo quando recebemos os pais e as crianças. Huam... é sempre importante, porque algumas crianças que vêm de manhã ainda com sono, e que estão... huam... e que não querem ficar ainda na escola, apesar de gostarem e depois ficarem. Huam... é muito importante haver também esta... ligação e interação com a família, e com os pais, e com os avós, para que a criança se sinta segura. O acolhimento é uma das... huam.... Um tempo de rotina importante. A seguir ao acolhimento, fazíamos o tempo de planear/fazer/rever, e [depois do planear/fazer/rever, temos um tempo de pequeno grupo] o tempo de pequeno grupo depois tínhamos o tempo de grande grupo [depois do tempo de pequeno grupo] , também... a gente entre esses tempos, [entre o tempo de planear/fazer/rever, o tempo de grande grupo e o tempo de pequeno grupo têm a refeição ligeira] tínhamos a refeição ligeira, [o tempo de almoço é ao final da manhã, depois de todos os tempos de rotina, antes da sesta] tínhamos o almoço, huam... [depois de todos os tempos de rotina, têm o tempo de exterior] o tempo de exterior, que também é importante para a criança explorar as suas... não é? Os seus sentimentos.

Existem rotinas específicas para crianças cujas famílias trabalham por horários atípicos?

É assim... esta rotina, por ser uma rotina flexível... huam... [a rotina pode ser flexível] é poder dizer que é própria para crianças com horários atípicos. Uma criança que chega, às nove e meia da manhã é diferente... vai apanhar uma rotina diferente de uma criança que chegue às onze ou às duas da tarde, por exemplo, não é? Huam..., mas cabe à equipa da sala, huam... como é que eu hei de dizer? Huam... aí... está-me a faltar a palavra, [cabe à equipa da sala interagir com as crianças que chegam mais tarde, ou seja, que frequentam horários atípicos] interagir com a criança de maneira a que ela se integre na sala e no grupo, huam. nas atividades que estamos a fazer naquele momento.

Huam... e essas rotinas existem desde quando?

[estas rotinas já existem desde que o colégio abriu] Desde que o colégio abriu!

E quem é que as implementou?

[as rotinas foram implementadas pela equipa do colégio e principalmente pelos educadores] Quem implementou diretamente, são os educadores. Huam..., mas foi a equipa do colégio, a coordenação pedagógica, a direção...

Parece-lhe que essas rotinas são adequadas?

Sim!

Ou necessitam de alguns ajustes?

É assim, não vou mentir! É claro que para uma criança que chega às onze da manhã, é mais complicado, mas não é impossível integrá-la no grupo. No entanto, é complicado a que nível? Huam... às nove e meia fazemos o quadro branco, escrevemos o planeamento do dia, para as crianças com desenhos [na reunião de grande grupo], pronto... em reunião de grande grupo. Huam... claro que as crianças para estarem presentes, vão perceber melhor o que vamos fazer. A criança que chega às onze da manhã, huam... [a criança que chega mais tarde, perde o que já foi feito anteriormente e o educador da sala deverá explicar o que foi ou está a ser realizado] cabe depois à equipa da sala, explicar-lhe: “olha, sabes o que vamos fazer agora? Anda cá ver no quadro branco! Vamos ver! Sabes o que é isto? Olha, vamos agora ter ginástica!”, não vou mentir, que é mais trabalhoso, mas não é impossível.

Na sua opinião, as crianças dessas famílias recebem os mesmos estímulos e têm as mesmas oportunidades de aprendizagem e de desenvolvimento que as crianças provenientes de famílias com horários regulares?

Lá está... depende muito das equipas. Eu falei há pouco da equipa da sala, mas não é só a equipa da sala, é a equipa da noite. Huam... a equipa do fim de semana também... [É importante que haja interação entre as diferentes equipas: equipa da noite, dia e fim de semana] é importante que haja uma interação entre estas várias equipas para haver uma continuidade educativa, para que a criança não se sinta perdida, não é? E todos os momentos são educativos, e, portanto, a criança ganha um dos momentos que se está a desenvolver, num dos momentos. [os suportes de comunicação são importantes para

deixar recados e informações sobre as crianças com horários atípicos]. Daí os suportes de comunicação, entre as equipas serem essenciais, mesmo para passar o testemunho, vá... da criança que fica ao fim de semana, ou da criança que fica à noite a jantar, huam... é importante esta interação. No entanto, lá está, o ideal seria as crianças todas, chegarem às nove e meia, o ideal seria um mundo perfeito, mas não há ideais. [Esta instituição foi criada para dar resposta a famílias com horários atípicos] Daí a x ter criado estes colégios mesmo de propósito, para estas famílias cujos pais têm uma vida mais complicada em termos profissionais. E o objetivo da instituição é conciliar a vida pessoal com a vida profissional e familiar, não é? Que é o mais importante. E nós, apoiarmos também a família neste aspeto. Huam... [a instituição envolve sempre as famílias em todo o processo educativo] havendo sempre, partilha, respeito e o contato entre a família e o ambiente educativo do colégio, envolvendo sempre as famílias, no projeto, nas reuniões de pais... lá está, como eu falei há bocado, também nesta... huam... no acolhimento informal, que há sempre uma palavrinha ou outra com as famílias e com os pais. Portanto, não há nada... isto não é perfeito! Perfeito seria todas as crianças entrarem às nove e meia e saírem às cinco da tarde ou menos e irem para casa com as famílias, que é o mais importante. Mas lá está, huam... se conseguirmos dar resposta a estes pais que têm estes horários mais complicados e que não têm outro jeito, é o ideal para eles.

Mas será que apesar de... haver essas crianças que cujas famílias trabalham por horários atípicos e por horários atípicos. E outras crianças que as famílias trabalham por horários regulares. Será que existe a nível de desenvolvimento, existe alguma diferença entre elas?

É assim... em termos específicos não sei responder, mas poderá existir, porque lá está, se eu tenho uma criança que me chega às duas da tarde, eu não estou o dia todo com a criança. Vou estar ali três horas. E se calhar três horas ou menos, é diferente de estar a equipa da sala a trabalhar com essa criança, não é? Com o grupo, desde de manhã até à tarde e o que dá nessa criança, um bocadinho à tarde e depois haver uma continuidade, com a equipa da noite. Até porque a equipa da noite, tem crianças de várias idades, não é só... não tem só, jardim de infância, tem creche, jardim de infância e o berçário. Mas pronto.... É sempre mais complicado.

A nível cognitivo, social. Emocional e comportamental, será que não haverá alguma diferença entre elas? Crianças cujos os pais trabalham por horários atípicos e crianças cujas famílias trabalham por horários regulares?

A nível social.... Huam... [a nível social poderá existir diferenças entre crianças de horários atípicos e horários irregulares] se forem muito pequeninas, se for creche, é capaz de ser um bocadinho mais complicado. Porque é mais difícil uma criança pequenina, se adaptar às várias equipas do colégio, não é? [a nível social, os horários atípicos] Se for uma criança de jardim de infância, acho que até é benéfico. Porque acho que a criança se habitua a vários adultos, e quando forem para o primeiro ciclo, entretanto já estão habituadas a outros adultos e fazem uma adaptação mais fácil. A nível emocional, é muito de criança, para criança, depende muito da personalidade de cada criança e dos estímulos que ela tem em casa, na escola, huam... depende da equipa, das equipas, não é? Huam... a nível cognitivo, lá está é muito geral., (riu-se). A nível físico, também é muito geral.

No seu trabalho, conta com a colaboração de outros recursos humanos para apoiar em casos específicos?

Como assim... é assim, [conta com a colaboração de recursos humanos em casos específicos) a auxiliar de sala, as colegas polivalentes, huam... a colega de serviços gerais apoia. As colegas do núcleo administrativo, também. Porque, o fato de levarem as crianças à sala, quando vêm mais tarde que as nove e meia, também ajuda imenso, para nós não termos que sair da sala, não é? Para interromper a rotina... e claro, a equipa da noite e fim de semana.

Que aspetos é que poderiam ser melhorados?

Huam... (fez silêncio)

Aspetos melhorados, relativamente a estas crianças que têm esses horários? É isso?

A esses horários, a nível de rotina, a nível das famílias, o trabalho realizado pelos diferentes turnos!

[aspetos que deveriam ser melhorados] Haver menos mudanças de recursos humanos! Às vezes essa situação é inevitável, não é? Porque às vezes saem colegas, colaboradores e outros entram, pronto... e é complicado. huam... porque isso também... relativamente à

estabilidade conta muito, não é? [essa mudança de recursos humanos, cria instabilidade para a equipa, famílias e crianças] Quer não só para as crianças, como também para as famílias, não cria uma estabilidade. Mais.... Rotinas... eu acho que, apesar de termos estas rotinas de Highscope, desta rotina com estes tempos, cada equipa de sala... acho que depois, por ser uma rotina diferente, acho que depois, cada equipa de sala vai adaptar um bocadinho ao seu grupo. Se eu vejo que, consigo que as crianças, estejam no planear/fazer/rever e consigo fazer um mini pequeno grupo, enquanto a auxiliar está a no planear com eles, na escolha livre. Eu faço isso, porque se calhar é mais fácil do que estar a fazer com metade do grupo devagarinho, que são logo doze ou treze. Pronto... isto foi falado com a coordenação... foi até a coordenação que sugeriu esta situação. Inicialmente comecei a fazer isso e começou a correr bem. Huam..., entretanto se uma criança chegar mais tarde, consegue-se adaptar, porque vai, vai... ler o quadro branco, por exemplo, vai huam... vai planear e vai brincar. E depois quando chegar à vez dela, vai para o pequeno grupo enquanto a outra criança está a brincar.

E na sua opinião, a forma como nesta escola o trabalho pedagógico está organizado responde às necessidades destas crianças? Com horários atípicos?

[a forma como o trabalho pedagógico está organizado, responde às necessidades das crianças com horários atípicos] Sim... eu acho que sim. É assim, nós somos um colégio pioneiro nestes horários. Sei que há um, que acho que é o da TAP, que é para os trabalhadores da TAP. Huam... nós estamos abertos à comunidade, não é? Huam... é claro que no início, não foi fácil, porque teve de haver várias adaptações e pensávamos que ia correr melhor, ou pensávamos que ia correr de uma maneira e correu de outra. E acho que se conseguiu adaptar. Mas... acho que sim! Conseguimos dar essas respostas.

E no seu caso, em que medida a forma como organiza as atividades e os projetos se adequa às crianças com pais com horários atípicos?

Huam... lá está, foi o que eu disse há pouco. Quando temos alguma atividade de pequeno grupo, fazemos assim: uns estão no pequeno grupo e outros estão no planear/fazer/rever. Huam... há pouco eu disse que a auxiliar estava nas áreas, mas às vezes pode acontecer ao contrário. Huam... quando temos algum projeto a desenvolver, lá está, a criança também faz a sua escolha de ir trabalhar nesse projeto, quando quiser. O importante aqui...

acho que é importante frisar, não é só o produto final que interessa é que é importante, mas o fundamental aqui é o processo... é como as coisas correm, ou seja, como a atividade decorre, o que as crianças estão a aprender, nesse processo da atividade porque, por exemplo, principalmente em creche, não há se calhar muita coisa para mostrar aos pais. O trabalho que é feito, é um trabalho a nível social, também, não é? A nível emocional, a interação. E a nível de jardim de infância a mesma coisa. Se, por exemplo, se estivermos a fazer uma experiência, misturar várias tintas, ou dentro de uma garrafa, quer dizer, nós não podemos... quer dizer podemos mostrar a garrafa, só que vai acontecer, é que os pais vão ver ali uma garrafa com tinta, se calhar castanha. Se a criança misturou ali o amarelo, o vermelho e depois pôs o azul, e depois deu ali aquela cor. Daí é importante, tirarmos várias fotografias e na plataforma weduc, também veio ajudar nesse sentido. Mas qual foi a pergunta? Acho que me perdi!

(riu-se)

A questão que eu coloquei, foi que: E no seu caso, em que medida a forma como organiza as atividades e os projetos se adequa às crianças com pais com horários atípicos? E porquê?

Lá está![quando a criança chega mais tarde integram-na nas atividades da sala] É, é integrarmos a criança na atividade quando chega e não só, falando com a equipa da noite e de fim de semana, dizer: “olha estamos a desenvolver este projeto, huam...que tal, por exemplo, falarmos em conjunto, para também a equipa da noite e de fim de semana dar continuidade a esse projeto, por exemplo, não sendo obrigatório. Claro que que essas equipas têm muitas crianças e muitas salas. Mas é uma ideia, dar essa continuidade.

O que seria necessário ou desejável, em termos de organização e de trabalho pedagógico, existir nesta escola para responder às necessidades específicas destas crianças?

Necessário.... Como assim?

Humm.... Como são crianças com horários atípicos, maioritariamente crianças cujos os pais trabalham por horários atípicos, huam... horários intermédios, horários por turnos... se existe, seria necessário ou desejável, em termos de organização, huam... colocar alguma coisa, ou acrescentar alguma coisa, em termos de organização ou trabalho pedagógico? Para responder às necessidades destas crianças, até porque essas crianças,

pelo que eu estou a perceber, vêm por horários faseados, ou seja, há crianças que vêm a meio da manhã, outras vêm mais há tarde, huam...

No início deste colégio, havia horários de entradas das crianças. huam... o que era mais estável, não só para o grupo, mas também para estas crianças. Huam... e isso era benéfico como para o grupo, como para as crianças. As famílias já sabiam que se viessem de manhã, só podiam entrar a umas tantas horas, se entrassem a essa hora viria já almoçada, não especificar que horários é que nós tínhamos. Nós tínhamos horários certos, era um horário para creche e outro para jardim de infância, um para o berçário um, para o berçário dois e outro para o jardim de infância. Huam... era diferente. Agora as crianças entram à hora que querem, não é? Dá jeito aos pais. O que se nota, o que muitas vezes, é o que eu disse agora, é o que dá jeito aos pais. Não é muitas vezes os horários dos pais. Estou-me a lembrar agora... penso que, o que se podia fazer era: pais com horários atípicos, tudo bem, podem entrar, a criança pode entrar às onze, meio dia, mas para nos precavermos também o superior interesse da criança, pedíamos os horários dos pais com antecedência, os horários e as folgas. Lá está, o nosso colégio, não ser um depósito para crianças, mas sim ser um colégio em ambiente educativo, num estabelecimento educativo. Huam... assim sabíamos as folgas e os horários, porque nós somos uma IPSS, instituição particular de solidariedade social sem fins lucrativos, não é? Portanto, estamos cá para dar a resposta para ajudar, para apoiar as famílias, mas as famílias também deverão de respeitar, este ...o nosso trabalho, os nossos horários, pronto, neste caso específico. E darmos... termos acesso aos horários, folgas, para que não haja, entre aspas, abusos, mesmo. Porque nota-se em alguns casos, perfeitamente, que é porque dá jeito. Não, eu hoje eu estou de folga, mas vou levar o meu filho, porque no fim de semana ele não vem, ou vem no fim de semana, é por aí. E no interesse superior da criança, penso que deveria de ser uma sugestão, uma medida a adotar pelo colégio.

Existe alguma política da instituição para a relação com as famílias? Ou isso fica a cargo de cada educador da sala?

É assim... existe uma política, quer dizer, é política da ética profissional, [na relação com as famílias] não é? Do profissionalismo, saber separar a parte profissional da parte pessoal, huam... eu... nem que tenha uma amiga, na minha sala, eu vou ser ali profissional e não vou ultrapassar aquela barreira, aquela linha, não é? Isso é mesmo muito importante, para a

relação entre as famílias e o colégio, não é? A equipa da sala e depois também, é para a própria criança. Portanto sim, acho que é essencial à ética profissional, que cada pessoa, cada profissional deverá ter.

E como tem sido o envolvimento das famílias na escola?

[as famílias envolvem-se umas mais do que outras] Há famílias que se envolvem mais do que outras, mesmos em trabalhos, projetos, mas por acaso não tenho razão de queixa. Sempre que temos um convite para vir assistir a um projeto, a um convívio, temos sempre casa cheia, mesmo nas reuniões de pais, portanto acho que as famílias são interessadas. Há sempre aquelas exceções, não é? Mas acho que conseguimos captar a atenção das famílias, huam.... E não só! Fizemos há pouco tempo um projeto sobre as profissões e tivemos muitos pais que aderiram e vieram explicar a sua profissão e mesmo país que eu não contava que viessem e vieram, fiquei super contente, não é?

Há atividades planificadas para o envolvimento das famílias que sejam comuns a todas as salas?

[Há atividades planificada para o envolvimento das famílias em comum com outras salas]
Sim, sim, claro. Os convívios, sim, sim!

E no caso do seu grupo, que atividades específicas é que desenvolvem com o envolvimento das famílias?

Lá está, já referi, [as atividades que envolvem as famílias] os projetos, a apresentação dos projetos. Huam... o vir falar, neste caso, da profissão, de cada um, ou nós até fomos ao local de trabalho de cada um dos pais. Temos a sorte, de termos pais a trabalhar aqui no centro, não é? Nas reuniões de pais também.

E no caso específico das famílias com horários atípico?

Sim, também conseguimos, huam... conciliar.

Como participam no jardim de infância?

Huam... lá está, [as famílias participam no jardim de infância] participam de forma mais formal e informal nas reuniões. Huam... de forma informal, quando os vão levar ao colégio, não é? Huam... e depois nos convívios, porque também nós temos a preocupação de fazer

convívios do dia do pai, dia da mãe, de vez em quando fazemos de manha e de vez em quando fazemos à tarde, não é? Também para dar a resposta, huam... aos pais que trabalham por turnos. Alguns dá jeito de manhã... alguns dá jeito à tarde, claro que não se consegue agradar a todos, sempre, mas fazemos isso.

E como vê essa participação?

[a participação das famílias] Tem sido uma participação ativa e agradável, porque é uma oportunidade para nós profissionais, também. E a equipa educativa da criança... para interagirmos melhor com as famílias e conhecermos melhor as famílias.

Se lhe fosse permitido mandar o que faria para estimular um maior envolvimento na vida dos seus filhos no Jardim de Infância?

É assim... nós já estimulamos de alguma maneira. Há escolas que os pais não podem pôr lá os pés... (riu-se)

Huam... [para estimular um maior envolvimento no jardim de infância] por exemplo fazer um dia aberto aos pais, não sei para se envolverem nas rotinas, sendo que lá está, como eu costumo dizer, que a nossa sala é aberta aos pais. Se chegarem principalmente antes das nove e meia, é o que eu costumo dizer, principalmente nas adaptações das crianças... lá está, mas não só, podem ficar lá a assistir ao acolhimento, a participar também nas atividades, é claro que não vou mentir, que se temos famílias na sala, as crianças podem ficar um bocadinho mais agitadas. Mas lá está, faz parte. E também o fato de termos a família a interagir com um ambiente mais direto, huam... é uma maneira também das famílias perceberem a importância do nosso trabalho.

Chegamos ao final da entrevista. Não posso deixar de agradecer mais uma vez toda a sua disponibilidade e colaboração. Obrigada!

Obrigada eu, alguma coisa disponha e alguma dúvida!

Anexo 6 – Protocolo da Entrevista C

Esta entrevista irá ajudar-me o meu trabalho final de mestrado em Educação Pré-escolar. O trabalho tem por tema a adaptação das crianças filhas de pai com horários atípicos do trabalho ao jardim de infância e à Educação Pré-escolar. Considerarei indispensável em reunir opiniões e testemunhos de educadores de infância, sobre esta problemática. Para finalizar o trabalho e otimizar a entrevista, gostaria de a gravar. Aceita?

Claro!

O seu testemunho é anónimo e os dados destina-se apenas à elaboração do meu trabalho.

Agora, gostaria de a conhecer um pouco melhor. Vou começar por lhe perguntar qual o seu curso, onde tirou e há quanto tempo?

Huam... o meu curso é o mestrado em educação pré-escolar e ensino do primeiro ciclo e do ensino básico. huam... terminei [o mestrado] no dia dez de janeiro deste ano, e fiz a licenciatura em educação básica anteriormente. Onde tirei? A licenciatura, tirei na escola superior de educação de lisboa e o mestrado na escola superior de educação de setúbal.

E depois começou logo a trabalhar aqui?

Eu já trabalhava aqui aos fins de semana [quando começou a trabalhar nesta instituição] quando estava a terminar a licenciatura. Huam.... E depois passei a trabalhar durante a semana, tudo como auxiliar. Só comecei a trabalhar aqui, como educadora desde o mês de março.

E como foi?

Como foi a transição?

Sim!

Huam.... [A transição do turno de fim de semana, para o turno de semana dia] Foi muito diferente, do que trabalhar ao fim de semana, são horários muito diferentes, grupos muito diferentes. Quando passei para semana fui para o berçário como auxiliar, e é totalmente

diferente, temos um grupo, temos outro horário, huam... e ter um grupo estanque, com determinadas características, é muito diferente do que termos um grupo heterogêneo, em que não sabemos muitos dias, quem é que vem e quem é que não vem.

Gostaria de conversar um pouco consigo, sobre o seu trabalho atual. Podemos começar pela descrição do seu grupo: quantos são? Quantos meninos e meninas? Quais as idades?

Portanto agora atualmente, estou a trabalhar como educadora da noite, portanto... entro às dezasseis e trinta, huam... estou mais centrada com crianças do jardim de infância, mais propriamente com crianças desde os três aos seis anos. Só que o grupo nunca é o mesmo, porque há crianças que entram às dezasseis e trinta, huam... estou mais centrada com crianças do jardim de infância, mais propriamente com crianças desde os três aos seis anos. [as crianças que frequentam o turno da noite, nem sempre são as mesmas devido aos horários dos pais] Só que o grupo nunca é o mesmo, porque há crianças que fazem horários diferentes, então, pronto... maioritariamente, as crianças são mais ou menos as mesmas todos os dias, mas variam consoante o horário que fizeram, se fizeram manhã ou se estão a fazer tarde/noite.

Em traços gerais, como é que caracteriza as crianças da CAF em termos de desenvolvimento?

A nível de desenvolvimento cognitivo, noto que algumas crianças, principalmente aquelas que ficam até muito tarde, ainda têm algumas lacunas. Por vezes, tentamos fazer um trabalho mais direcionado com essas crianças, ao final da tarde, quando temos algum tempo mais individual. [Á noite torna-se difícil fazer trabalho individualizado com as crianças que têm dificuldades em algumas áreas de desenvolvimento] Mas também se torna mais complicado, porque temos muitas crianças, principalmente aquelas que não ficam para jantar, mas também saem tarde, e essas também temos de dar alguma atenção. Portanto, por vezes, torna-se muito difícil, huam... reconheço que tenho alguns casos que os níveis desenvolvimento ainda estão um bocadinho aquém daquilo que se deveria de esperar. Huam... e eu acho, na minha opinião, que esses horários [horários atípicos] que elas fazem, influência e muito no desenvolvimento cognitivo. Não só cognitivo, mas também a nível emocional, huam... ao fim do dia há muitos conflitos para gerir. Huam... as

crianças já estão cansadas, nós temos de ter outro tipo de abordagem, perante algumas situações e focarmo-nos em casos individuais.

E no caso no caso dos horários dos pais, qual é a proporção de crianças que frequentam o horário da noite?

Nós por volta das sete horas, devemos ter uma média de trinta e cinco entre quarenta crianças. huam... não são todas.... As que ficam para jantar, maioritariamente temos uma média de oito, mas às sete horas, sete e meia que damos jantares, portanto ainda é ali um horário muito próximo, ainda temos muitas crianças, temos um grupo muito grande sim.

Agora, sobre o funcionamento da CAF. Quais as rotinas gerais?

Portanto, às quatro e meia, eu dirijo-me até ao jardim de infância, huam... se estiver bom tempo e um tempo favorável, estão todos no recreio. onde... ou ficamos lá [no recreio] até por volta das 18h15, damos o suplemento da tarde lá fora ou no refeitório. Huam... depois às 18h15, fazemos a higiene na casa de banho e [depois dos momentos de todos os momentos de rotina] dirigimo-nos para o refeitório, onde são realizadas as atividades, huam... deste horário da noite. Huam... a creche fica no polivalente, que é uma sala mesmo ao lado do refeitório e vamo-nos apoiando mutuamente, as equipas entre a creche e o jardim de infância.

Existem rotinas específicas?

Existem, esta rotina geral, não existem tanto as rotinas específicas. [As rotinas são adaptadas segundo o número de recursos humanos] Temos de ir adaptando às crianças que temos, ao número de crianças que temos e também ao número de colaboradores que temos, que isso também é um fator muito importante na logística da equipa.

Essas rotinas existem desde quando?

Estas rotinas quando eu vim para cá trabalhar, já estavam assim impostas.

E quem é que as implementou?

Provavelmente as equipas anteriores, que estavam cá a trabalhar, decidiram que seria a melhor rotina para o bem-estar das crianças.

Parece-lhe que são adequadas?

Sim! eu noto é que é muito complicado, quando por exemplo, não conseguimos ir ao recreio e temos que ficar... sim, porque eu esqueci-me de dizer, mas há solução quando nos impossibilita de ir ao recreio, ficamos nas salas e aí sim, [quando as crianças não podem ir ao recreio] eu noto que as crianças ficam muito mais destabilizadas a nível emocional o que gere muitos mais conflitos entre elas, porque estão num espaço mais fechado e, muitas vezes, nós temos de as dividir em duas salas. Porque, todas numa seria impossível.

Huam... acha que essas rotinas necessitariam de alguns ajustes?

As rotinas em si não, mas a gestão do espaço sim [a gestão do tempo, necessitam de alguns ajustes]! Considero que o refeitório, é um sítio muito pequeno, para ter tantas crianças, o que por vezes causa muitos conflitos entre elas e também entre nós. Agora o que tenho feito ultimamente são, montar algumas áreas, como se fosse uma sala, huam... como horário diurno e tem corrido muito melhor, a nível da gestão do espaço, porque consigo dividir as crianças pelas diversas áreas e organizá-las de melhor forma. Essa era o principal fator que eu mudaria nas rotinas da noite.

Na sua opinião, as crianças destas famílias recebem aqui os mesmos estímulos e têm as mesmas oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento que as crianças provenientes de famílias com horários regulares?

De uma forma geral não [estímulos e oportunidades de aprendizagens de desenvolvimento que as crianças provenientes de famílias com horários atípicos, podem não ser os mesmo que as crianças horárias regulares]. Porque reconheço que, tem alguns casos e crianças, que necessitam de ter onde vir, no horário, não só regular, como mais cedo, para que pudessem aproveitar as atividades que são dirigidas na sala, na sua respetiva sala, para estarem com os seus pares, com os seus colegas, que conhecem, que são as crianças de referência para elas. Porque o que é que acontece aqui à noite, é que depois as crianças que estão cá, podem não ser as crianças de referência para algumas crianças que a ainda precisam, e a criança acaba por não ter um desenvolvimento tão saudável como seria de esperar, como se estivesse na sua própria sala.

Acha que existe alguma diferença entre elas? As que trabalham por turno e as que frequentam os horários atípicos e as que trabalham por horários regulares?

As crianças que frequentam horário regular, conseguem ser uma criança que tem um horário com mais segurança, que é isso que as rotinas preveem, é dar segurança a uma criança, do que uma criança que tem um horário atípico. Porque a criança, que tem um horário atípico, não é o fato de ela vir só à noite. É o fato de ela hoje vir à noite e se calhar no outro dia a seguir vem de manhã, e a criança acaba por ficar baralhada, e não conseguir compreender em que momento do dia está. Portanto, a segurança que ela deveria de ter das rotinas, não a tem. Já tive um caso de uma criança, que chegou cá de manhã, e me perguntou se as restantes crianças estavam na hora da sesta. Ela pensava que vinha à tarde, que é o horário que ela normalmente costuma a fazer.

O que fazem quando identificam crianças com problemas de desenvolvimento?

Nós pronto... [Quando identificam crianças com problemas de desenvolvimento] temos uma reunião com a psicóloga do colégio e temos algumas crianças referenciadas. Tentamos ter mais atenção a essas crianças, principalmente, porque são muitas delas que frequentam o horário da noite, e tentamos fazer um trabalho mais individualizado com cada uma delas, huam.... Ao final do dia, num trabalho em conjunto com a educadora da respetiva sala da criança e também com a psicóloga.

No seu trabalho, conta com a colaboração de outros recursos humanos para a apoiar em casos específicos?

Sim. Neste caso, tenho tido o apoio da psicóloga do colégio, huam... vou também conversando com as respetivas educadoras das salas, porque são elas que conhecem os casos e as características das crianças, melhor do que eu. Huam... e vamos partilhando assim as ideias.

Como funciona esse trabalho?

Tem sido mais difícil [reunir com outros recursos humanos que dão apoio], porque nós também temos horários desencontrados e, portanto, são poucas as vezes que tentamos reunir. Mas quando conseguimos, analisamos caso a caso e vemos quais são as necessidades das crianças, em específico e tentamos fazer atividades e colmatar essa necessidade.

Que aspetos é que poderiam ser melhorados?

Julgo que este trabalho, ainda está um pouco aquém... ainda temos que fazer um maior trabalho de equipa e realmente verificar... porque depois torna-se complicado à noite, eu também ter só um trabalho individual para aquela criança, porque eu tenho....para além de ter muitas crianças que precisam de um trabalho individualizado, também tenho as restantes que estão cá e precisam da minha atenção. E depois com a logística toda, a equipa de sermos poucas, porque eu estou com uma colega minha, com uma média de quarenta e cinco crianças no refeitório e depois tenho outra colega na creche e ainda tenho outra colega, que a partir das sete, tem de ficar no núcleo administrativo para fazer todo o trabalho de abertura de portas e todo esse trabalho.

Na sua opinião, a forma como nesta escola o trabalho pedagógico está organizado responde às necessidades destas crianças?

Sim! Eu julgo que o trabalho pedagógico que é feito é adequado. Huam... aqui o maior problema realmente é a diferença de horários que as educadoras de dia, também não conseguem fazer um trabalho individual e acompanhado com estas crianças pelos seus horários rotativos, por não estarem presentes, por exemplo no momento da manhã. Muitos deles chegam na hora da sesta, depois..., portanto já passou todo o horário da manhã é só lanchar e mesmo a troca de equipas. E depois eles apanham muito equipas diferentes, pessoas diferentes e têm de ter esse processo de adaptação que depois acaba por prejudicar um bocadinho o trabalho pedagógico.

E no seu caso, em que medida a forma como organiza as atividades e os projetos se adequa às crianças com horários atípicos?

Eu tento sempre desenvolver projetos, que venham do interesse da criança, que eu tenha notado, do interesse das crianças, que tenho ao fim da tarde. No entanto, tem sido muito difícil [têm dificuldades em realizar projetos e atividades], porque lá está, são crianças que estão em salas diferentes e por vezes é complicado desenvolver essas atividades. O que eu tenho tentado fazer, é ver que KDI's é que têm mais lacunas e que precisam de ser trabalhadas e então tento planificar atividades que vão ao encontro disso.

Porquê?

[Ao final do dia os projetos e atividades realizadas têm de ter um trabalho mais individualizado] Porque ao fim do dia, este trabalho tem de ser mais individualizado, não

pode ser um trabalho... porque eu não tenho sempre as mesmas crianças, portanto... depois é a instabilidade que crio no meu trabalho, porque eu não sei que crianças é que vêm, não sei se... portanto... eu planifico uma atividade, mas depois não sei se as crianças, para as quais eu pensei que aquela atividade podia ser muito positiva, se essa criança vem, se não vem, se fez o horário da manhã, se está a fazer o horário da tarde. Portanto, às vezes torna-se muito complicado essa gestão.

Portanto, o número de crianças que frequenta diariamente o CAF é incerto... isso influencia de alguma maneira o vosso trabalho?

Sim, influencia [o número de crianças ao ser incerto, influência no trabalho das educadoras]. Porque... enquanto que durante o dia, uma educadora sabe, que no máximo vai ter uns vinte e cinco, numa sala de jardim de infância, eu só quando chego ao meu trabalho é que verifico o número de crianças, que efetivamente cá estão e portanto, muitas vezes, eu tenho tudo planeado e tenho que mudar tudo à última da hora, ou porque tenho mais crianças do que era suposto, ou porque até tenho menos e as atividades já não se adequa. Huam...pronto tem que ser um pouco mais flexível.

Estabelecem alguma ligação em termos de trabalho pedagógico com a educadora de dia?

Não tanto, como eu gostaria [não estabelece uma relação com a educadora de dia como gostaria]!

Porquê?

Huam... eu gostaria de me reunir com cada educadora, de cada sala, ainda não tivemos oportunidade de o fazer, mas gostava de fazer um trabalho... aliás... gostávamos que todas fizéssemos um trabalho mais colaborativo, mas até ao momento ainda não foi possível.

Então, mas o que fazem?

Huam... temos tido mais reuniões, num sentido de perceber estes casos de meninos, que precisam de atenção mais individualizada. Mas de uma forma geral, ainda não tivemos mais tempo de o fazer, para outras crianças, nem discutir projetos, nem ideias.

O que seria necessário ou desejável, em termos de trabalho organização e de trabalho da CAF, existir nesta escola para responder às necessidades específicas destas crianças?

Nós tentamos fazer o melhor que nós conseguimos, e... tentamos responder às necessidades de cada um, huam...nós conseguimos dar essa atenção individualizada, porque eu agora faço um registo das presenças do colégio e tenho verificado que as crianças passam cá muito tempo. Eu julgo é que, pelo facto de o horário ser tao alargado, é muito difícil [conseguirem dar a atenção individualizada] E não são só as crianças, que fazem horários atípicos, são todas as crianças [todas as crianças fazem horários atípicos]... maior parte das crianças cá no colégio, ficam cá muitas horas e [as crianças passam muitas horas no colégio e vai influenciar a nível de desenvolvimento] depois isso influencia a todos os níveis, a nível emocional, social, cognitivo, desenvolvimento, é muito, muito cansativo.

Mas essas crianças por norma, quantos horas ficam mais ou menos, cá nesta instituição?

Eu tenho verificado, agora que faço este registo das presenças diárias, que a maioria das crianças neste colégio, fazem entre uma média, de entre dez a onze horas. E muitas até chegam a fazer as doze.

Que influencias é que poderá ter? O número de horas, relativamente ao desenvolvimento da criança?

Portanto, o número de horas que uma criança passa... é como se fosse o nosso trabalho. Mas nós temos um limite de horas por semana e por dia, precisamente porque nós precisamos de pronto... de descansar e de estar noutra sítio. Julgo que aqui as crianças passam muito, muito tempo huam... e isso tem um... [o número de horas que a criança frequenta o colégio tem influências no desenvolvimento] percussões diretas no desenvolvimento de cada um, porque a criança ao fim do dia, já está muito cansada. Huam... já cria conflitos por tudo e por nada, sem razão aparente. Portanto, todo o trabalho que desenvolva, que já está aqui, por exemplo, desde as oito da manhã, desde as sete da manhã, com certeza que às seis /sete da noite, a criança já não me vai querer ouvir da mesma forma. Portanto, já está aqui há doze horas, já não vai estar interessada minimamente naquilo que eu estou a dizer e eu julgo que dai, surjam tantos conflitos.

Existe alguma política da instituição para a relação com as famílias?

É assim... nós tentamos proporcionar uma relação aberta com as famílias, a propósito, agora das presenças... existe uma regra cá no colégio, que as crianças não podem permanecer mais de onze horas por dia no colégio. Huam... e apesar do horário alargado,

só podem estar cá, cinco dias por semana. Portanto, elas têm de folgar dois dias. O que eu tenho notado, é que muitos pais, ultrapassam estas regras, e descumram, um bocadinho as regras do colégio. E muitas vezes têm que ser chamados à atenção, porque as crianças não podem estar aqui tanto tempo.

Estabelece alguma articulação com a educadora de dia em termos da relação com as famílias?

Temos criado alguns desafios [articulação estabelecida entre a educadora da noite e de dia], sim a nível geral, alguns desafios para ... eu partilho algumas ideias, e elas partilham comigo, huam... sobre desafios a propor às famílias. Mas até agora tem sido só apenas isso.

Mas em que casos?

[em articulação com as educadoras de dia, lançaram um desafio às famílias] Por exemplo, agora num exemplo concreto dos santos populares, huam... para esta temática, estamos a organizar um arraial aqui no colégio e eu falei com as educadoras de dia, e surgiu a ideia de pedirmos aos pais, para fazerem um manjerico, para decorar o nosso colégio. Portanto, tem sido neste âmbito, que temos tido a troca de ideias entre a família e a escola.

E é sempre assim?

[A articulação com a educadora de dia na relação com as famílias sempre foi assim] Sim... pelo menos desde que eu entrei, tem sido assim....

Existe algum envolvimento das famílias no trabalho da CAF?

[o envolvimento das famílias no CAF] Muito pouco. Ao fim de semana, eu tento... à semana noite é muito complicado obtermos a participação dos pais, ao fim de semana, já tentei algumas vezes, huam... [ao fim de semana o envolvimento é mais fácil] é mais fácil, mas também não tem sido possível como eu desejo.

Porquê?

[existe pouco envolvimento das famílias] Porque, penso que os pais não estão tão disponíveis, vêm buscar as crianças muito, muito... com muita presa, por vezes nem sempre tenho tempo de dar recados, porque estão com tanta presa de sair, que não tenho tempo para estabelecer um contacto direto com a família e depois também, já existem tantos

desafios, tantas atividades, que são propostas durante o dia , que depois à noite acaba por não propor tanto.

Na relação que tem com as famílias, sente diferenças com famílias com horários atípicos ou com horários irregulares?

[existem diferenças na relação com famílias de horários atípicos e horários regulares] Sim... sinto que, as famílias com horários atípicos, têm uma dinâmica completamente diferente, tenho alguns casos, por exemplo de crianças que saem daqui muito tarde e nem sequer jantam, porque as famílias querem jantar com elas, e portanto... existe aqui, um pequeno problema, porque... para mim uma criança estar no colégio tantas horas, e por exemplo sair daqui só às nove da noite e ainda não jantou. Eu percebo que as famílias queiram estar com as crianças e queiram jantar com elas e que seja um momento importante, mas depois temos o reverso da medalha, em que a criança está aqui tantas horas e tanto tempo e está-me a pedir comida e tenho de arranjar alternativas, porque não lhe posso dar jantar porque a família não quer, portanto... tenho que ir dando fruta.

O que lhe parece necessário para estimular um maior envolvimento das famílias, em particular, das que têm horários atípicos, na vida dos seus filhos no jardim de infância?

Isto é assim... os horários atípicos, dependem da vida profissional de cada família. Eu não sei... [os horários atípicos podem ter influências na relação com os seus pares] para mim uma pessoa que entre à hora do almoço, por exemplo no trabalho e que já saia muito tarde, huam... não tem uma relação tão... não é saudável. Mas a criança, não vai estar com os seus colegas, portanto... já não vai aproveitar o dia na escola, e isto torna-se.... Apesar de nós termos aqui o CAF e ser muito bom, e colmatar aqui estes horários profissionais dos pais, mas depois, por exemplo, quando entrarem para a escola, como é que estes pais irão fazer a gestão destes horários? Que é uma coisa que eu, por vezes, me interrogo, que é uma criança que sai daqui às nove/dez da noite, está aqui até ter cinco, seis anos, mas depois entram num primeiro ciclo. Portanto... não sei como é que depois fazem essa gestão e, por vezes, interrogo-me sobre isso.

Eu julgo, que durante a noite seja complicado para um pai que saia daqui tão tarde, depois também, fazer algum tipo de atividade com o seu filho. As crianças com horários atípicos não participam tanto como as crianças que fazem o horário normal. Tenho notado isso, a

nível de desafio porque, por exemplo, algo... atividades plásticas que propomos para decorar o colégio, por exemplo, noto que as crianças que frequentam horários atípicos, não têm participado tanto como as outras, provavelmente, porque depois, à noite vão para casa e têm toda a logística, já estão cansadas e depois, não é de manhã que vão estar a fazer as atividades e então isso passa-lhes um bocadinho ao lado.

Chegámos ao final da entrevista. Quero agradecer mais uma vez todas a sua disponibilidades e colaboração.

Obrigado eu!

Anexo 7 – Protocolo da Entrevista D

Protocolo da Entrevista – Educadora do Turno Noturno D

Esta entrevista irá ajudar-me o meu trabalho final de mestrado em Educação Pré-escolar. O trabalho tem por tema a adaptação das crianças filhas de pai com horários atípicos do trabalho ao jardim de infância e à Educação Pré-escolar. Considerarei indispensável em reunir opiniões e testemunhos de educadores de infância, sobre esta problemática. Para finalizar o trabalho e otimizar a entrevista, gostaria de a gravar. O seu depoimento é anónimo e os dados destinam-se apenas à elaboração do trabalho. Aceita a gravação desta entrevista?

Claro que sim!

Agora, gostaria de a conhecer um pouco melhor. Vou começar por lhe perguntar qual o seu curso, onde o tirou e há quanto tempo?

Eu sou licenciada em educação de infância, tirei o meu curso na escola superior de educação João de Deus há vinte e três anos [tirou o curso e começou a trabalhar].

E depois de tirar o curso, começou logo a trabalhar aqui?

Aqui não [não começou a trabalhar aqui quando acabou o curso, mas sim noutra local]. Aqui [no local atual], comecei [a trabalhar] há nove anos, fui trabalhar para um colégio aqui também na Amadora, que tinha creche e jardim de infância e primeiro ciclo. Huam... depois mudei-me para outro colégio que tinha creche, jardim de infância e ATL e só depois é que vim para aqui [depois de trabalhar noutros locais, foi para a instituição onde se encontra atualmente].

Então, como é que foi a sua entrada aqui neste colégio? E sucintamente, qual foi o seu percurso até ao momento atual?

Eu fiz um processo de seleção de três meses para coordenação de, de... Do colégio aqui da Amadora. Huam... entrei [entrou para o colégio da Amadora], tive um ano a fazer o projeto educativo, regulamento interno do colégio, o colégio ainda nem sequer estava em funcionamento. Huam... depois estive sete anos na coordenação, a coordenar o colégio e só depois é que fui para uma das salas [depois de realizar trabalho de coordenação], porque

achei que era a melhor opção para mim e tive dois anos em creche e agora estou no turno da noite, numa equipa de semana noite e fim de semana.

Huam... gostaria de conversar um pouco consigo sobre o seu trabalho atual. Podemos começar pela descrição do seu grupo: quantos são? Quantos meninos e meninas? Quais as idades?

É assim, como eu disse, eu estou agora no turno da noite e de fim de semana. Huam... nunca existe um número fixo de crianças, nem um grupo fixo de crianças, por isso, são todas aquelas crianças que ficam aqui no colégio, a partir das sete da noite. Apesar do meu horário ser entrar às quatro e meia. Huam.... Fico com todas as crianças que será necessário dar apoio e fazer determinadas atividades com elas. Apesar disso, das quatro e meia às seis fico sempre com o jardim de infância.

Huam... em traços gerais, como é que caracteriza as crianças da CAF em termos de desenvolvimento?

Eu acho que... têm níveis de desenvolvimento diferentes [as crianças do CAF]. Há aquelas crianças que vêm no turno da manhã e que apanham só até às sete horas, mais ou menos. Huam... e que eu as seis mais ou menos até as onze e meia da noite. Huam... e nota-se que as crianças têm desenvolvimentos diferentes, dado que, como os pais têm horários rotativos aqui, huam... há umas em que temos de trabalhar mais determinadas áreas, porque como elas não vêm num turno da manhã, não trabalham essas determinadas áreas com os educadores da manhã [só vêm de tarde] e, então nós, temos de desenvolver determinadas atividades com eles [com as crianças que fazem turnos], [os horários atípicos das crianças, fazem com que as crianças se sintam perdidas]mas nota-se que as crianças que vêm à tarde, que há determinadas atividades que elas não fazem e o desenvolvimento delas perde-se um bocadinho, huam... durante esse tempo que estão cá.

E acha que isso tem haver com os horários dos pais?

[Os pais fazem horários rotativos e as crianças também] Eles fazem turnos rotativos, por isso, às vezes, essas crianças fazem o turno de dia, nunca têm uma rotina certa e isso faz com que as crianças às vezes fiquem um bocadinho perdidas, não é? Huam... o nosso papel aqui também é um bocadinho, orientá-las durante o dia ou durante a noite e perceber que a criança, independentemente da hora a que vem para o colégio, muitas das vezes acorda

cedo, por[Os pais fazem horários rotativos e as crianças também] Eles fazem turnos rotativos, por isso, às vezes, essas crianças fazem o turno de dia, nunca têm muitas vezes horários certos de entrada isso, quando chega ao final do dia e ao final da tarde, já não têm o mesmo tipo de concentração, que teria se viessem de manhã. Porque uma criança que entra aqui por volta do meio dia e meia, uma hora, duas, huam... possivelmente não acordou às dez da manhã. [uma criança que frequente horários atípicos] Se calhar até acorda mais cedo, faz uma rotina normal do dia e depois é que vai para o colégio, porque os pais entram mais tarde no trabalho, [as atividades ao final do dia são pensadas para compensar as crianças que não vêm de manhã] o que quer dizer que perde algumas das atividades e depois temos de as compensar no final da tarde [as crianças que fazem horários atípicos]. Nem todas [as atividades] são possíveis de fazer, porque nós temos muitas, muitas crianças à tarde, nomeadamente, aquelas atividades que requerem mais movimento, huam... todas as outras relacionadas com matemática, desenvolvimento linguístico, artes, todas essas atividades nós conseguimos desenvolver nelas, mas depois há toda uma parte de motricidade grossa que nós não conseguimos desenvolver com eles, porque não são feitas esse tipo de atividades aqui ao final da tarde.

Huam... mas porquê?

[Existem atividades que não são realizadas de tarde, devido ao número de crianças] Não são feitas, porque nós temos um grupo muito grande. Nós chegamos a ter quarenta conosco, de idades variadas, por isso, muitas vezes, não é possível fazer esse tipo de atividades, de educação musical [devido ao número de crianças], de vez em quando ainda vamos fazendo [fazem essas atividades, se o número de crianças permitir], huam... mas também é conforme o grupo de crianças que nós temos, não é? As idades que temos, o número de crianças é tudo um pouco variável, conforme também o grupo de vez em quando ainda vamos fazendo [fazem essas atividades, se o número de crianças permitir] que nós temos em cada dia, que é um bocado imprevisível no dia anterior saber quantas crianças é que vamos ter no dia a seguir.

Huam... e quanto aos horários de trabalho dos pais, qual a proporção de crianças que frequentam o horário da noite?

O horário da noite é frequentado à volta de vinte por cento das crianças que nós temos no colégio, às vezes até menos. Nós temos à volta de cerca de cento e quarenta e nove crianças no colégio e digamos que, quarenta a cinquenta, frequentam o turno da noite, por isso, entre vinte e trinta por cento das crianças que nós temos, que frequentam o turno da noite. Não quer dizer, que todas, todos os dias desses trinta por cento, venham todos os dias, huam..., mas é à volta disso, são à volta disso, sim!

Agora, sobre o funcionamento da CAF. Quais as rotinas gerais? Existem rotinas específicas?

Quando nós entramos, temos um tempo de recreio [Quando os educadores do turno da noite], por isso, quando eu entro as crianças acabaram de ter um tempo de refeição, de lanche e depois vamos um pouco para o recreio. Huam... depois [recreio] divide-se em grupos, vão para as salas com uma educadora e uma auxiliar e normalmente fazemos atividades de pequeno grupo e outras crianças estão a fazer atividades de planejar/fazer/rever. Huam... e normalmente é isso que acontece. Depois temos um tempo de refeição, de jantar, por isso nem todas as crianças que ficam cá no final do dia jantam. Algumas, que são muito poucas. [as crianças que ficam para jantar] São à volta no máximo de sete crianças, jantam e ficam para dormir. Huam... e é essa normalmente a nossa rotina.

Huam.... Essas rotinas existem desde quando?

Desde sempre [a existência destas rotinas]!

E quem é que as implementou?

Desde que o colégio abriu, em 2010, que essas rotinas existem sempre. Pronto... tem-se modificado algumas coisas de ano para ano, mas normalmente, esse tipo de rotina é sempre feito.

E que modificações foram feitas durante esses anos, desde que o colégio esta aberto?

Muitas coisas que nós modificamos, [uma das alterações introduzidas] foi o número de pessoas que estão a trabalhar aqui no colégio à noite e ao fim de semana. Huam... neste momento, temos muitas mais pessoas a trabalhar à noite e ao fim de semana, o que facilita um pouco a rotina, porque conseguimos dividir as crianças por grupos, o que no início do ano [e na abertura do colégio, não acontecia], perdão... no início da abertura do colégio

isso não acontecia. Huam... as crianças estavam divididas por dois grupos: um grupo de creche e de jardim de infância e neste momento nós conseguimos ter no final do dia dois grupos de jardim de infância, um grupo de dois anos, um grupo de um ano e grupo de berçário. Huam... apesar de nós funcionarmos muito por núcleos aqui no final do dia, huam... é um bocadinho essas as mudanças que aconteceram. [o número de crianças no CAF à tarde] E isso influencia também nas atividades que se desenvolve com eles, aqui do final do dia, porque é muito mais fácil gerir um pequeno grupo com menos crianças do que um pequeno grupo com muito mais crianças.

E quem é que implementou essas rotinas?

Na altura eu era coordenadora aqui do colégio, quando o colégio abriu fui eu e a equipa que implementámos isso desde início [as rotinas].

E parece-lhe que essas rotinas são adequadas?

Acho que [as rotinas] são adequadas aos horários que nós temos, acho que sim! Se houvesse um educador e um auxiliar por núcleo, isso se calhar podia-se mudar determinadas rotinas, mas nós temos um educador a funcionar em pleno, nas equipas da noite e de fim de semana. Huam... e depois temos isto diariamente. E depois temos auxiliares nos outros núcleos. Se tivéssemos se calhar, um educador e uma auxiliar numa sala de um ano, um educador e uma auxiliar na sala dos dois anos e dois educadores na sala de jardim de infância, se calhar podia-se fazer outro tipo de atividades. Inclusive, aquelas que eu disse que, não se consegue fazer com grupos grandes, porque se os grupos fossem mais pequenos no final do dia se calhar conseguíamos fazer outro tipo de atividades.

Acha que essas rotinas deveriam de sofrer mais alguns ajustes, ou acha que não?

[o modo como as rotinas são feitas e os ajustes que são feitos depende de cada educador] Isso depende um bocadinho de cada educador, porque os educadores planeiam semanalmente para as atividades, para todos os núcleos. E acho que isso depende um bocadinho de cada educador! Há outros educadores que planeiam fazer outro tipo de coisas, outras atividades. Huam... acho que projetos, porque nós aqui durante o dia fazemos muitos projetos, principalmente o jardim de infância. Huam... à noite é mais complicado isso ser feito [realização de projetos], dado que são crianças que estão a

desenvolver projetos nas suas salas diferentes e depois como se tem de juntar os grupos, não é muito fácil fazer projetos aqui ao final do dia. [os projetos é algo que podem pensar em realizar segundo os interesses deles] No entanto, é algo que nós podemos pensar e que se surgir algum interesse da parte das crianças, podemos sempre desenvolver um projeto com eles.

Na sua opinião, as crianças destas famílias recebem aqui os mesmos estímulos e têm as mesmas oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento que as crianças provenientes de famílias com horários regulares?

Isso depende das famílias [estímulos e oportunidades de desenvolvimento de crianças com horários atípicos]! Há famílias que sim e outras que não, mas isso acho que não tem a ver um bocadinho com os horários que as crianças frequentam [estímulos das crianças que têm horários atípicos e horários regulares]. Tem a ver com a própria família, porque há famílias que as crianças vêm ao final do dia e que as estimulam durante o tempo em que não estão cá. Há outras famílias que não estimulam tanto as crianças, independentemente de elas virem no turno da manhã. Isso depende muito das famílias, acho eu!

Então, haverá alguma diferença?

Em termos das famílias acho que sim!, mas não tem a ver com os turnos [diferenças de aprendizagens de crianças com horários atípicos e horários regulares] Acho que tem mais a ver com a personalidade de cada pessoa, de cada pai, de cada mãe, huam...acho que tem mais a ver com isso do que dos próprios horários, independentemente de pessoas que trabalham em horários rotativos, como não são pessoas que têm horários consistentes, huam... todos os dias quase, têm um horário diferente e isso pode influenciar no relacionamento com as crianças com certeza, mas penso que isso depende de cada família.

O que fazem quando identificam crianças com problemas de desenvolvimento?

[sempre que existem crianças que têm de ser referenciadas] Encaminhamos sempre... primeiro falamos com a educadora respetiva da criança, porque todas as crianças aqui têm a identificação a um grupo, por isso falamos primeiro com o educador para perceber se as fragilidades que nós identificamos, se elas também já as identificaram durante a semana. E depois reunimos com a educadora do grupo e com a psicóloga se houver necessidade

disso, ou com a psicóloga aqui do colégio e trabalhamos em conjunto, para o bem-estar das crianças, para o melhoramento de alguma fragilidade que a criança tenha.

Huam... no seu trabalho, conta com a colaboração de outros recursos humanos para apoiar em casos específicos?

Nós contamos... nós trabalhamos em equipa, huam... ou tentamos trabalhar em equipa, por isso, tentamos sempre colaborar ao máximo com as salas, ter uma continuidade de trabalho que é feita nas salas. No início do ano, normalmente identificamos quais são as áreas que as educadoras pretendem que nós trabalhamos ao longo do ano. Vamos sempre fazendo algumas avaliações com os próprios educadores das salas e vamos tentando trabalhar com eles. O apoio, independentemente de as pessoas não estarem cá, porque eu entro às quatro e meia e os educadores saem às cinco, por isso, independentemente dos educadores não estarem cá, o apoio existe. Hoje em dia também, com estas plataformas online, os WhatsApp [os educadores de dia/noite comunicam entre si] e uma plataforma que nós temos que se chama Weduc, também conseguimos comunicar a qualquer hora do dia ou da noite, huam... tanto elas comunicam comigo, quando eu estou ainda... quando ainda não entrei ao trabalho e como eu comunico com elas quando já estou a trabalhar.

Huam... sente colaboração nestes casos específico, que elas ajudam nestes casos específicos? Como por exemplo, relativamente às crianças que fazem esses tais horários irregulares?

Acho que às vezes é um bocadinho complicado [dar apoio a crianças com horários atípicos com a colaboração de outros porque estão umas a entrar e outras a sair], porque estão umas a entrar e outras a sair. E às vezes a comunicação não é tão fácil assim, porque depois as pessoas também têm de planear para o dia. Quando as educadoras da noite estão a entrar, muitas vezes a comunicação não é assim tão fácil. Mas acho que, quando as pessoas querem trabalhar em equipa conseguem, é preciso arranjar um tempo para se sentarem e para falarem sobre esses assuntos. Normalmente, quando as crianças são identificadas com alguma necessidade especial, aquilo que se faz também é fazer-se um PEI, faz-se um plano de educação especial e vai-se seguindo, e vai-se fazendo avaliações a ver se a criança já atingiu determinados níveis que se pretende, se não o que está a falhar, o que é que não está e porque é que não se conseguiu atingir e vai-se fazendo essas avaliações ao longo do ano.

Que aspetos é que poderiam ser melhorados?

Relativamente a crianças que têm menor desenvolvimento?

Relativamente a esse aspeto, a crianças com menos desenvolvimento, a crianças com horários atípicos e principalmente com o trabalho que é feito nestes casos específicos, com a ajuda desses recursos humanos, que mencionou.

Vamos lá ver, o nosso colégio abriu com um objetivo específico, foi conciliar a vida particular dos pais, das crianças com os horários que têm a nível profissional. Por isso, não vamos exigir que as pessoas agora passem a ter horários regulares por causa disso, por causa do desenvolvimento da sua própria criança. Nós é que temos de encontrar, estratégias para que a criança consiga atingir [estratégia para atingir os objetivos de desenvolvimento das crianças], independentemente, muitas vezes de termos um grupo de vinte e pouco crianças em jardim de infância, por exemplo. Sabemos que a, b ou c, precisa de determinado apoio, mas nós às vezes também fornecemos determinadas atividades para que aquela criança participe e para que nós também possamos ir observando qual é que é o desenvolvimento dela e dando o apoio que ela necessita. Não quer dizer, que se consiga em todos os casos, huam... porque há casos e casos, e há casos específicos de crianças que necessitavam, se calhar de um apoio mais individual, e que isso às vezes não é possível com grupos grandes. Mas tentamos sempre fazer o nosso melhor, sim!

Na sua opinião, a forma como nesta escola o trabalho pedagógico está organizado responde às necessidades destas crianças, com horários atípicos?

Eu acho que nós escolhemos um modelo pedagógico.... Falo por experiência própria, que como tive um ano, sem o colégio abrir e participei no projeto educativo e na escolha do próprio modelo pedagógico, huam... nós escolhemos um modelo pedagógico High Scope, um bocadinho também, para dar possibilidade à criança, quando entra, perceber em que altura do dia está, e em que rotina do dia está. Huam... nós temos nas salas de jardim de infância sempre uns símbolos que identificam, em que tempo de rotina é que estamos, e isso faz com que quando a criança, quando entra, independentemente do horário que seja, perceba em que altura do dia é que estamos a desenvolver, e que tipo de rotina é que nós estamos a fazer e isso faz com que as crianças tentem adaptar também, um bocadinho ao grupo e que se consigam integrar, mais facilmente no grupo e na rotina. Em termos de

socialização, eu penso que não é o maior problema, porque nós aqui, temos muitos momentos que se conseguem socializar, independentemente dos horários a que venham. Agora, há determinadas atividades que eles perdem [as crianças que frequentam horários irregulares] e já não as podem fazer ao final da tarde, nomeadamente, por exemplo, o inglês, a robótica, a natação, por isso as crianças vêm, num horário em que não estão essas atividades, digamos que são curriculares, mas que só funcionam muitas delas, no início da manhã ou durante a manhã. Se as crianças vêm sempre num horário da tarde, com certeza que vão perder essas atividades. E essas atividades, nós não conseguimos compensar no final da tarde. São determinadas fragilidades que existem, huam... como existem, em qualquer outro colégio e, no entanto, tentamos sempre compensá-las de uma outra maneira. Muitas vezes, quando estou com os meninos de jardim de infância, por exemplo, nomeadamente, relativamente ao inglês, às vezes tento falar com eles em inglês e fazer determinadas atividades em inglês, o que não quer dizer que seja uma sala de inglês como a professora vem de fora e lhes dá essa sessão. Mas tentamos sempre estar a par daquilo que estão a dar, para nós também tentarmos dar uma continuidade, se é a mesma coisa? Não posso dizer que é a mesma coisa.

E a nível emocional?

A nível emocional... isso tem a ver um bocadinho, se as crianças também se conseguem integrar no grupo ou não, porque se as crianças de manhã, têm um tempo de acolhimento, à tarde, quando chegam, seja em que horário for, deveriam ter um tempo de acolhimento [as crianças com horários atípicos], huam... calmo... mas se, por exemplo, se um criança entra numa hora, logo a seguir ao almoço, em que todos os colegas estão a ir para a casa de banho, estão a deitar-se, a criança se calhar, acabou de acordar há três horas e se calhar não tem sono para se ir deitar, por isso, às vezes não são acolhidas com tanta calma como deveriam ser, mas isso pode prejudicar a nível emocional da própria criança. Mas isso, os pais estão certos disso, isso é uma coisa que estes horários trazem... trazem benefícios para os pais, mas, muitas vezes, para as crianças, não trazem muitos benefícios. Mas os educadores e auxiliares que cá estão, com eu digo, tentam sempre criar diversas estratégias para integrar a criança. Não quer dizer que, emocionalmente, a criança fique mais estável do que, qualquer uma outra, mas também não posso dizer que uma criança que entra de manhã, que emocionalmente está melhor do que uma criança que entra à

tarde. Isso tem a ver um bocadinho com cada um... uma criança que, muitas vezes, entra à tarde, está mais estável emocionalmente do que entre de manhã. Isso tem a ver um bocadinho com o período de adaptação, com uma série de fatores, não depende só de nós.

E que desvantagens são essas, relativamente às crianças que vêm mais tarde, ou seja, que frequentam os horários irregulares, ou os tais horários atípicos?

Muitas vezes, em termos sociais, eles apegam-se a um tipo de crianças, a um grupo de crianças e depois essas crianças, quando eles entram e querem brincar com essas crianças, as crianças vão-se deitar ou levantam-se depois e vão lanchar e logo a seguir vão-se embora, e isso pode criar alguma instabilidade emocional na criança. Huam... Dizer que elas não fazem ou não criam laços com os seus pares, não se pode estar a dizer isso, porque as crianças com muita facilidade se adaptam a outra criança, no entanto, [o horário da noite] tem sempre as suas vantagens e desvantagens, o horário à noite digamos que muitas vezes é mais, para compensar a própria família, os próprios pais, do que para compensar as próprias crianças. Porque se os pais tivessem a possibilidade de as trazer sempre no horário da manhã... eu sou apologista que as crianças devem ter uma rotina consistente, não é? Se me disserem que um filho deverá vir para a escola de manhã e sair à tarde, eu acho que sim, não deverá vir depois de almoço, podendo vir de manhã. Claro que as desvantagens, a nível emocional, a nível do trabalho diário, com certeza que tem algumas desvantagens, mas depois também trazem outras coisas boas, porque eles vão tendo... vão-se adaptando a novas crianças, vão-se adaptando a novos grupos, uma vez estão numa sala, uma vez estão noutra e também criam outras competências que outras crianças que, quando forem para o primeiro ciclo, vão ser mais difícil de se adaptar. Se calhar o termo, adaptação de crianças a novas situações é maior do que aquelas que têm uma rotina mais consistente e que estão sempre com um grupo. Pelo menos, estas estão mais no final do dia e conhecem outras realidades e outras atividades do que as que estão durante o dia, não o podem vivenciar.

E acha que traz alguma desvantagem, a nível de desenvolvimento? cónico, desenvolvimento comportamental...

Eu nunca fiz um estudo exaustivo sobre isso, mas posso dar a minha opinião pessoal! A minha opinião pessoal é que uma criança, que tenha uma rotina consistente, consegue

mais facilmente, atingir determinados objetivos. Se está com uma educadora ou com um auxiliar todos os dias e que é sempre o mesmo grupo, que está sempre na mesma sala, independentemente de explorar outros espaços do colégio, é mais fácil ter um controle do desenvolvimento dessa criança, do que vir ao final do dia, e uma vez estão com um grupo, depois outra vez estão com outro, huam... uma vez tem outra rotina.... As rotinas são sempre as mesmas, mas o tipo de atividades é que é diferente. Por isso, acho que as crianças são capazes de se desenvolver mais.... Têm determinadas características de adaptação melhores, do que outras, mas se calhar perdem algumas atividades que também deveriam tê-las durante a primeira infância.

E acha que isso poderá vir a prejudicar?

[os horários por turnos] Futuramente acho que, pode prejudicar, no sentido em que a criança se calhar não atinge determinados objetivos, porque mesmo traçando os planos individuais, aquilo que muitas vezes acontece, é que a criança depois, muitas vezes falta.... Para além de virem em horários irregulares, outros dias de manhã e outros dias à tarde, para além disso, depois muitas vezes falta e depois também não se consegue atingir determinados objetivos.

Portanto, tal como referiu, o número de crianças que frequentam o CAF é incerto. Isto influencia de alguma maneira o vosso trabalho?

Sem dúvida! , porque se nós temos um grupo [o número de crianças no CAF é inserto]Sem dúvida que influencia o nosso trabalho porque se nós temos um grupo muito maior, com idades diferentes, porque nós aqui... as salas de jardim de infância, têm quatro e cinco anos na mesma sala, as três salas, o que nós temos são salas heterogéneas, huam... se nós temos mais crianças de cinco anos, em determinado grupo, ou se temos mais crianças de três anos, claro que isso influencia nas atividades. Com certeza que sim!

Estabelecem alguma articulação em termos de trabalho pedagógico com a educadora de dia?

Sempre, tentamos sempre que isso aconteça [tentam sempre trabalhar em equipa com o tuno diurno], também isso já referi, muitas das vezes não conseguimos fazê-lo com tanta frequência do que gostaríamos, mas tentamos sempre saber que tipos de projetos elas estão a desenvolver, falamos com as crianças no final do dia, para saber como estão a

correr os projetos. Por isso, também nos mostramos interessadas, com aquilo que eles fazem durante o dia, não é chegarmos aqui e achamos que estamos noutra colégio, não é assim, pertencemos ao mesmo colégio, por isso, os trabalhos também estão expostos, nós também vamos percorrendo os corredores com eles e vamos tendo uma conversa com eles, [as educadoras da noite percorrem os corredores com as crianças] para saber o que eles andam a fazer, vamos também tentando sempre estar a par, agora não vamos nós dar continuidade a um projeto, que está a ser desenvolvido em sala. Uma criança, que por exemplo, vem sempre no final do dia, todos os projetos que é desenvolvido de manhã, não se consegue desenvolver o projeto com a criança no final do dia, porque fazemos outro tipo de atividades. Como eu já disse, no final do dia é mais difícil desenvolver determinados projetos. E isso é uma das razões que não desenvolvemos muitos projetos ao final do dia, porque há crianças que estão a desenvolver uns durante o dia e depois outras que vêm durante a noite. Se nós vamos desenvolver outros projetos durante a noite, é que às vezes eles ficam um bocado baralhados. Quando falamos na palavra projeto, eles julgam que... as crianças que estão no final do dia entre as quatro e meia e as seis, estão mais crianças que frequentam o período da manhã, então associam o projeto, ao projeto que estão a desenvolver em sala. Mas isso é algo será sempre mais difícil de colmatar.

[ao final do dia tentam falar com os educadores de dia] Com os educadores, e verificando no final do dia, há uns que são mais disponíveis do que outros, por isso, nós conseguimos falar melhor com uns do que com outros. Relativamente às atividades, vamos às portas de todas as salas, ver quais são as atividades que fazem durante o dia, porque existe uma planificação, huam... mas isso depende um bocadinho dos educadores que estão à noite, se são interessados, se existe maior comunicação ou não com os educadores de dia, huam... eu pelo menos tento sempre, não todos os dias, porque não vou falar com sete ou oito educadores todos os dias, mas tento sempre ir falando com um ou outro, durante os dias da semana que cá estou, porque ao fins de semana os educadores de dia, não cá estão. Tento sempre falar com os educadores de dia para saber como as coisas estão a correr ou não estão a correr, os projetos, como é que correu as atividades, a semana olímpica. Tento sempre saber, como é que as coisas estão a correr. Dar uma continuidade, às vezes é complicado.

Na sua opinião, acha que essa é a melhor estratégia, ou acha que se deviam de organizar de outra forma?

Acho que poderíamos ter um tempo, em que semanalmente, nos juntássemos para falar um bocadinho nisso. Uma das coisas que se fala aqui, é a partilha de boas práticas e a partilha do que cada uma faz na sala, e o que poderia ajudar uma a desenvolver uma atividade. Agora, é mais complicado ser feito com as equipas de dia e com as equipas da noite, do que com as equipas de dia, só as educadoras de dia, porque primeiro não temos muito tempo quando entramos, porque é uma necessidade de substituir alguém nas salas, por isso, não temos esse tempo para nos reunirmos com os educadores das salas, sentar calmamente, durante meia hora, uma hora e falar com eles, é um bocadinho sempre aquelas situações de transição e são sempre um bocadinho, troca de experiências de corredor. Encontro os educadores no corredor, falo um bocadinho com eles para ver como é que as coisas estão a correr, mas digamos que uma reunião é quando nós nos sentamos e debatemos os assuntos, o que é que está bem e o que não está bem, a não ser, que quando são situações de avaliação aí sim, nós tentamos sempre arranjar um tempo para que isso aconteça, ou quando nos apercebemos que existe uma criança com uma necessidade especial, tentamos sempre sentarmo-nos e conversarmos como se estivéssemos em reunião. Huam..., mas normalmente, são mais conversas ocasionais, uma troca de experiências e não uma partilha do que é que cada uma está efetivamente a fazer.

Relativamente, à escola/família, existe alguma política da instituição para a relação com as famílias?

Existe! Os pais participam muitas vezes em atividades com as crianças, mas isso é nos turnos de dia, porque dos turnos da noite, aqueles que frequentam o turno da noite é porque os pais estão a trabalhar, se não, não estavam cá, por isso, estão a trabalhar e muitas vezes, não podem vir à escola fazer determinado número de atividades. Por isso, durante o dia, é mais fácil haver essa relação entre as famílias, independentemente, de quando as famílias vêm buscar os filhos no final da noite, aí têm mais disponibilidade às vezes do que quando os vêm buscar de manhã. Huam... de manhã ou após o almoço, porque estão sempre com pressa para irem trabalhar. Quando os vêm buscar, têm mais disponibilidade para falar connosco e muitas vezes nós até sabemos determinados pormenores das próprias vivências, das próprias famílias, mais no final da noite. Os filhos

até estão a dormir e eles aproveitam aquele tempo, sentam-se um bocadinho connosco e até conversam connosco, quase tipo conversa de café, como se costuma a dizer. E nós, acabamos por saber de determinadas coisas daquela família que a própria educadora de dia, não sabe que a família está a passar. Às vezes, as famílias, não têm tempo para falar com os educadores devido ao horário de trabalho e nós à noite somos mais privilegiadas, nesse sentido, porque os pais já estão mais habituados e mais disponíveis, até para descansar um bocadinho e para falar um bocadinho connosco. Muitos dos recados e muitas das dificuldades que elas têm, educadoras de dia, porque não conseguem muitas das vezes falar com esses pais, porque tal como eu disse há pouco, as crianças são entregues numa hora de maior agitação e que não há aquele tipo de tempo de acolhimento, para os educadores e os pais trocarem determinadas informações. Muitas das vezes, os educadores de dia pedem-nos a nós, se nós também podemos falar com os pais determinados assuntos, ou alertar os pais para determinadas situações e os pais, às vezes, no final da noite, até estão mais disponíveis para isso. Por isso, isto é tudo uma questão de conciliar as coisas e tentar ver o lado positivo das situações.

Estabelece alguma articulação com a educadora de dia em termos da relação com as famílias?

Foi um bocadinho aquilo que acabei de dizer, muitas vezes as educadoras de dia, não conseguem falar com os pais, porque como eles entram no final do dia ou após o almoço, ou à tarde ou assim, não conseguem muitas vezes falar com eles. Muitas vezes, há crianças que entram aqui e que as educadoras de dia já saíram. As educadoras da própria sala já saíram, por isso, não conseguem falar com elas. Por isso, nesses casos, nós reunimos e tentamos haver uma conciliação. Claro que depois, é mais o alertar os pais que o educador quer falar com os pais e tentar que eles venham durante uma manhã ou assim, falar com o educador de dia. Tentamos, sempre pelo menos, fazer este tipo de articulação.

É sempre assim?

Depende do educador que está aqui à noite.

Na relação que tem com as famílias, sente diferenças com famílias com horários atípicos ou com horários irregulares?

[existe diferenças na relação com as famílias de horários atípicos e horários regulares] Sinto que as famílias, que têm aqui as crianças no horário de dia, que estão muito mais a par das situações do dia a dia e que sabem mais quais são as rotinas, quais são as atividades que eles fazem. As famílias, que vêm normalmente pôr os filhos num horário atípico, não é? Perdem um bocadinho essa consistência, huam... e às vezes é-lhes mais difícil perceber quando é que é um dia específico, nomeadamente, o dia da mãe, dia do pai e aquelas festividades de natal e tudo. Muitas vezes, perdem-se um bocadinho, até porque as pessoas estão a trabalhar e às vezes não conseguem ir às festividades. Huam... por isso, isso vai depender sempre do educador, que está com as crianças, do educador que está à noite e das próprias famílias em si, umas também comunicam mais connosco do que outras.

E acha que isso, pode trazer alguma influência para essas crianças?

Claro, tudo o que tem influência na família, tem influência nas crianças. Nós aqui, somos uns mediadores da educação da criança, não é? A família é aquela, que é a base da criança, por isso, se a família não se interessa, ou não se consegue interessar por determinadas coisas que acontecem na escola, nós tentamos sempre chamar essas famílias à razão e fazer com elas participem mais, nas atividades da escola e que venham, independentemente que seja um dia de folga, e que venham com a criança à escola fazer uma atividade na sala delas e tudo. Isso, nem sempre é possível e isso depende também das próprias famílias.

O que lhe parece necessário para estimular um maior envolvimento das famílias, em particular, das que têm horários atípicos, na vida dos seus filhos no jardim de infância?

Participarem mais nas atividades da escola [estimular um maior envolvimento das famílias que têm horários atípicos], disponibilizarem-se mais, nos tempos livres que têm para vir à escola para saber, para falarem com os educadores, para saberem quem são os colegas da criança, para saberem que tipo de atividades vão desenvolver durante o dia. Se calhar é haver uma maior articulação nesse sentido, perceber o que é que fizeram durante o dia, o que é que eles podem fazer em casa para compensar também isso. Muitas das vezes, acabam por pôr a responsabilidade toda na escola, o meu filho vem naquele horário e a escola é que se tem de responsabilizar pela educação dele e por todo o seu desenvolvimento, e não é só isso, os pais também têm uma quota parte e se sabem que a criança já não tem uma rotina consistente, também devem-se desenvolver mais na escola

e até deveriam de ser aqueles que se deveriam disponibilizar mais nos tempos livre e vir, por exemplo, uma manhã com a criança, participar nas atividades e fazer atividades na escola, porque se calhar aqueles pais que trabalham durante o dia, quando vêm à sala fazer uma atividade com os filhos e com os colegas dos filhos, também estão a disponibilizar o seu tempo, ainda por cima é um tempo de trabalho. Por isso, os pais que têm as crianças aqui no final do dia, se calhar têm mais disponibilidade durante a manhã para virem, não estou a dizer todos os dias, nem todas as semanas, estou a dizer uma vez por mês, por exemplo, ou um dia de folga, por exemplo, que tenham durante a semana e vir também à sala dos seus filhos e envolver-se um bocadinho mais na escola.

Chegámos ao final da entrevista. Quero agradecer mais uma vez toda a sua disponibilidade e colaboração.

Muito obrigado, gostei muito!

Anexo 8 – Dicionário de Categorias

Dicionário de categorias

Categoria	Subcategorias	Descrição	Exemplos UR
1. Formação inicial	1.1. Licenciatura em EB e Mestrado em QD	Só duas das educadoras entrevistadas têm formação inicial em mestrado de educação pré-escolar, sendo que numa destas, o mestrado inclui 1º. ciclo.	“Tirei a licenciatura em educação básica e depois tirei o mestrado em educação pré-escolar.” [EA, I6]
	1.2. Licenciatura em EI	As outras duas entrevistadas têm formação inicial em licenciatura de educação de infância.	“Eu sou licenciada em educação de infância” [ED, I5]
2. Experiência profissional	2.1. Para trabalhar na instituição passou por um processo de seleção de três meses	Duas das entrevistadas, já trabalham nesta instituição desde a abertura, sendo que uma delas passou por um processo de três meses para ir para a coordenação.	“Eu fiz um processo de seleção de três meses para coordenação” [ED, I9]
	2.2. Já trabalhava nesta instituição muito antes de terminar a licenciatura	Apenas uma das entrevistadas começou a trabalhar nesta instituição muito antes de licenciatura.	“Já trabalhava aqui aos fins de semana [quando começou a trabalhar nesta instituição] quando estava a terminar a licenciatura.” [EC, I8]
	2.3. Trabalha nesta instituição há nove anos	Das quatro educadoras entrevistadas, apenas duas trabalham nesta instituição há 9 anos.	“Só comecei a trabalhar aqui, como educadora desde o mês de março.[EC, I8]
			“no final de 2009, vim para a instituição onde estou agora.” [EB, I5]

Categoria	Subcategorias	Descrição	Exemplos UR
	2.4. Trabalhou noutros locais	A maioria das educadoras entrevistadas, já trabalharam noutros locais antes de estarem nesta instituição.	“Trabalhei numa outra instituição... durante mais um ano, mais ou menos, não um ano completo e depois sim, comecei como educadora neste colégio” [EA, I12]
	2.5. Tem experiência em creche	A maioria das educadoras entrevistadas, já trabalhavam em creche, sendo que uma delas, antes de estar como educadora, trabalhou como auxiliar ao fim de semana e depois foi para a semana trabalhar como auxiliar em creche.	“[Quando começou a trabalhar na instituição onde se encontra atualmente] comecei na creche... depois estive em jardim de infância. Depois voltei outra vez para a creche.” [EB, I9]
	2.6. Começou a trabalhar nesta instituição ao fim de semana, uma experiência muito enriquecedora	Duas das educadoras entrevistadas, quando entraram nesta instituição, começaram a trabalhar no turno de fim de semana, mas apenas uma estava como auxiliar, sendo mais tarde promovida a educadora de infância.	“Comecei a trabalhar ao fim de semana só, na altura ainda havia educadores só para fim de semana, neste momento já não existe... Cresci muito a nível profissional... mas foi uma boa experiência” [EA, I21]
	2.7. Tem experiência de trabalho em JI	Todas as educadoras titulares entrevistadas têm experiência em jardim de infância.	“[Depois de estar em creche, passou para JI] depois estive em jardim de infância. Depois voltei outra vez para a creche e [Depois d estar em creche, foi para JI onde permanece até ao momento atual] estive agora outra vez em jardim de infância.” [EB, I9]

Categoria	Subcategorias	Descrição	Exemplos UR
3. Caracterização do grupo	3.1. A constituição do grupo é variável	As crianças que frequentam o turno noturno e o turno diurno nem sempre são as mesmas; varia consoante o horário das famílias, sendo que a maioria das crianças fazem horários rotativos.	“maioritariamente, as crianças são mais ou menos as mesmas todos os dias, mas variam consoante o horário que fizeram, se fizeram manhã ou se estão a fazer tarde/noite.” [EC, l14]
	3.2. O (s) grupo (s) é/são heterogéneo (s)	Os grupos do CAF têm crianças de berçário, creche e jardim de infância. No jardim de infância, têm crianças com idades compreendidas entre os três e os 6 anos.	“eu estou com um grupo como já disse, de jardim de infância, entre os três e os seis anos” [EA, l23]
	3.3. Há uma percentagem de crianças (20 a 40%) que frequenta o horário da noite ou tem HA	A maioria das crianças que frequentam esta instituição fazem-no em horários rotativos, horários intermédios ou noturnos.	“eu diria talvez quarenta por cento do grupo, cinquenta no máximo. Huam... pronto... mas os que frequentam horários atípicos... os pais têm horário atípico de trabalho...” [EB, l15]
	3.4. Há crianças com algumas lacunas a nível de desenvolvimento	Existem crianças, que frequentam o CAF e o jardim de infância, que têm algumas lacunas ao nível de desenvolvimento. Essas fragilidades podem estar relacionadas devido aos horários irregulares praticados, já que as crianças perdem as principais atividades que são desenvolvidas de manhã.	«reconheço que tenho alguns casos que os níveis desenvolvimento ainda estão um bocadinho aquém daquilo que se deveria de esperar.» [EC, l16]
	3.5. Globalmente o desenvolvimento do grupo é positivo	A maioria dos grupos tem um desenvolvimento global positivo, tanto ao nível cognitivo, como social e emocional.	“Penso que é um grupo, a nível global, que está bem desenvolvido. Pronto, o trabalho que foi feito também é feito a esse nível. A nível de global, não é? Eu prezo muito a autonomia de uma criança e o nível social e o bem-estar.” [EA, l11]

Categoria	Subcategorias	Descrição	Exemplos UR
4. Organização Pedagógica	4.1. As crianças com horários irregulares podem ter estímulos diferentes	As famílias das crianças que frequentam a instituição por horários irregulares e noturnos, podem ou não estimular as crianças da mesma forma que as crianças que frequentam o turno diurno.	“Há outras famílias que não estimulam tanto as crianças, independentemente delas virem no turno da manhã. Isso depende muito das famílias, acho eu!” [ED, L69]
	4.2. A integração da criança no CAF pode influenciar a nível emocional e social	As crianças que frequentam o CAF em horários atípicos podem ter influências ao nível de desenvolvimento emocional, já que não têm uma rotina estável e à hora que entram no colégio podem não ter os seus “amiguinhos” de referência para brincar.	“Muitas vezes, em termos sociais, eles apegam-se a um tipo de crianças, a um grupo de crianças e depois essas crianças, quando eles entram e querem brincar com essas crianças, vão-se deitar ou levantam-se depois e vão lanchar e logo a seguir vão-se embora, e isso pode criar alguma instabilidade emocional na criança.” [EA, L16]
	4.3. É desejável um acompanhamento mais individualizado	No CAF realizam-se diversas atividades, tentando dar apoio a crianças que precisem de trabalho mais individualizado, mas nem sempre é possível devido ao número de crianças.	“há casos específicos de crianças que necessitavam, secalhar de um apoio mais individual, e que isso às vezes não é possível com grupos grandes. Mas tentamos sempre fazer o nosso melhor, sim!” [ED, L48]
	4.4. Pensam nos interesses das crianças para desenvolver projetos e atividades	As educadoras do turno da noite, tentam desenvolver projetos e atividades segundo os interesses e necessidades de cada criança, mas nem sempre é possível porque as crianças são de diferentes salas e os interesses são distintos.	“Eu tento sempre desenvolver projetos, que venham do interesse da criança, que eu tenha notado, do interesse das crianças, que tenho ao fim da tarde.” [EC, L58]

Categoria	Subcategorias	Descrição	Exemplos UR
	4.5. Tentam integrar as crianças mais tarde nas atividades embora possa ser difícil	As educadoras do turno diurno, tentam integrar as crianças que frequentam horários por turnos ou irregulares, mas nem sempre é fácil, porque à hora que chegam, o grupo de crianças já está a meio ou a terminar a atividade.	“[a criança que chega mais tarde, perde o que já foi feito anteriormente e o educador da sala deverá explicar o que foi ou está a ser realizado] cabe depois à equipa da sala, explicar-lhe: “olha, sabes o que vamos fazer agora? Anda cá ver no quadro branco! Vamos ver! Sabes o que é isto? Olha, vamos agora ter ginástica!”, não vou mentir, que é mais trabalhoso, mas não é impossível.”[EB, L31]
	4.6. As atividades realizadas no CAF são diferentes do turno de dia	As crianças que perdem as atividades da rotina da manhã, são compensadas com atividades realizadas em CAF, mas são diferentes das do turno de dia, porque as atividades são pensadas em específico para aquele grupo de crianças e à noite é mais no geral.	“[as atividades ao final do dia são pensadas para compensar as crianças que não vêm de manhã] o que quer dizer que perde algumas das atividades e depois temos de as compensar no final da tarde [as crianças que fazem horários atípicos].” [ED, L17]
	4.7. As educadoras da noite montam áreas como nas salas	As educadoras do turno da noite dividem o refeitório em áreas (cantinhos), como existem nas salas, como por exemplo: área dos livros, blocos, jogos, escrita e a área da casa.	“Agora o que tenho feito ultimamente são, montar algumas áreas, como se fosse uma sala, huam... como horário.”[EC, L30]
	4.8. Ao final da tarde a educadora apoia a creche e o JI	A partir das 18h30, as crianças ficam todas juntas com a exceção do ji, que fica no refeitório e a educadora vai apoiando as auxiliares que estão com as crianças da creche, porque as auxiliares do turno diurno acabam o seu turno.	“a creche fica no polivalente, que é uma sala mesmo ao lado do refeitório e vamo-nos apoiando mutuamente, as equipas entre a creche e o jardim de infância.” [EC, L20]
	4.9. Foi escolhido o modelo Highscope	A direção e a coordenação adotaram o modelo pedagógico Highscope, para que as crianças que chegam mais tarde saibam em	“nós escolhemos um modelo pedagógico high Scope, um bocadinho também, para dar possibilidade à criança, quando entra, perceber

Categoria	Subcategorias	Descrição	Exemplos UR
		que tempo de rotina se encontram, porque têm na sala uns símbolos onde vão marcando esse tempo. Quando a criança chega, ao olhar para os símbolos (que é o esquema da rotina) consegue dizer em que parte da rotina nos encontramos.	em que altura do dia está, e em que rotina do dia está.” [ED, L49]
	4.10. As crianças trabalham nos projetos quando querem	Sempre que se desenvolve um projeto, as crianças fazem as suas escolhas, ou seja, sempre que quiserem vão trabalhar no projeto. O que interessa aqui, é o processo, o que aprendeu e não o produto final.	“quando temos algum projeto a desenvolver, lá está, a criança também faz a sua escolha de ir trabalhar nesse projeto, quando quiser.” [EB, L48]
	4.11. A organização pedagógica deve ser melhorada, especialmente à noite	O tempo de qualidade devia ser melhorado, porque as crianças à noite ficam todas juntas. Têm de se arranjar estratégias para que tudo seja mais calmo e tranquilo para a realização das atividades.	“Há sempre coisas a melhorar... sim, eu acho que as coisas deviam de ser organizadas de outra maneira. Huam... porque as crianças a partir das quatro e meia ficam todas juntas.” [EA, L87]
	4.12. Seria positivo um reforço na promoção da consciência fonológica do grupo	As educadoras estão a tentar que venham pessoas do exterior, com um programa específico para trabalhar a consciência fonológica, apesar da psicóloga ajudar as educadoras que têm crianças com fragilidades a esse nível.	“nós tamos a tentar neste momento, que haja um programa específico para trabalhar a consciência fonológica.” [EA, L85]
	4.13. Devia-se pedir os horários com antecedência aos pais para antecipar o interesse das crianças	Existem algumas famílias que levam as crianças para o colégio à hora que lhes dá jeito. Para evitar esta situação, deviam de pedir-se aos pais (que fazem horários atípicos) um comprovativo dos horários de trabalho com antecedência para evitar interromper as rotinas da sala. E só entraria	“Estou-me a lembrar agora... penso que, o que se podia fazer era: pais com horários atípicos, tudo bem, podem entrar, a criança pode entrar às onze, meio dia, mas para nos precavermos também o superior interesse da criança, pedíamos os horários dos pais com antecedência, os horários e as folgas.” [EB, L55]

Categoria	Subcategorias	Descrição	Exemplos UR
5. Articulação entre os RH: Educadores e Outros Técnicos	5.1. Há recursos para apoiar casos específicos	a qualquer hora, a criança que tiver a fazer horários atípicos.	<p>Estas instituições têm colaboradores como o terapeuta da fala, o psicólogo, o coordenador de educação e assistente social, para acompanhar as crianças que precisem do apoio destes técnicos de educação. Para além disso, também dispõem de auxiliares polivalentes para apoiar nas salas sempre que seja necessário.</p> <p>“em termos de recursos humanos, o que nós temos são polivalentes, que nos ajudam sempre que seja preciso, quando não falta ninguém.” [EA, L80]</p> <p>“[Quando identificam crianças com problemas de desenvolvimento] temos uma reunião com a psicóloga do colégio e temos algumas crianças referenciadas.” [EC, L36]</p>
	5.2. Há informação de que o turno da noite deve ser mais organizado e rotineiro	O turno da noite, deveria de ser mais organizado para que a criança se sinta envolvida, sendo necessário que as atividades sejam mais orientadas, exigindo mais tempo de concentração.	“todo o feedback que tenho, as coisas deveriam de ser organizadas, deveriam de ser mais rotineiras, deveria de haver atividades mais organizadas, mais... envolventes, para que as crianças se envolvessem mais.” [EA, L99]
	5.3. As educadoras (dia e noite) devem trabalhar em equipa mesmo sendo difícil	As educadoras dos diferentes turnos sentem dificuldade em trabalhar em equipa, devido aos seus diferentes horários que possuem e, por isso, a dificuldade em se encontrarem.	“nós trabalhamos em equipa, ou tentamos trabalhar em equipa, por isso, tentamos sempre colaborar ao máximo com as salas, ter uma continuidade de trabalho que é feita nas salas.” [ED, L41]
	5.4. Há suportes mas a comunicação entre turnos é frágil	Existem suportes de comunicação para passar recados e informações para os diferentes turnos e, desta forma, possibilitar que todos tenham conhecimento sobre as crianças que frequentam horários atípicos.	“Daí os suportes de comunicação, entre as equipas serem essenciais, mesmo para passar o testemunho, vá... da criança que fica ao fim de semana, ou da criança que fica à noite a jantar... é importante esta interação.” [EB, L33]

Categoria	Subcategorias	Descrição	Exemplos UR
	5.5. As plataformas online ajudam na comunicação	A instituição tem a plataforma Weduc para os educadores deixarem recados e informações aos pais e podem fazê-lo aos colegas de diferentes turnos.	“uma plataforma que nós temos que se chama weduc, também conseguimos comunicar a qualquer hora do dia ou da noite.” [ED, L41]
6. Rotinas	6.1. As rotinas influenciam o desenvolvimento das crianças	As crianças, que frequentam horários atípicos perdem atividades que são realizadas nas salas durante a manhã, o que vai influenciar o seu desenvolvimento.	“mas nota-se que as crianças que vêm à tarde, que há determinadas atividades que elas não fazem e o desenvolvimento delas perde-se um bocadinho, durante esse tempo que estão cá.” [ED, L13]
	6.2. A rotina deve ser consistente, estável e flexível para a criança atingir os objetivos	As crianças devem ter uma rotina consistente mas flexível, para que possam atingir os seus objetivos.	“A minha opinião pessoal é que uma criança, que tenha uma rotina consistente, consegue mais facilmente, atingir determinados objetivos.” [ED, L55]
	6.3. o modo como as rotinas funcionam depende de cada educador	Os educadores planeiam semanalmente, fazendo atividades diferentes dos outros núcleos e adaptando-as à sua rotina.	“E acho que isso depende um bocadinho de cada educador! Há outros educadores que planeiam fazer outro tipo de coisas, outras atividades.” [ED, L33]
	6.4. No final da rotina, divide-se o grupo e inicia-se a atividade	As educadoras da tarde, depois de irem ao recreio, dividem as crianças por salas e fazem atividades em pequenos grupos.	“depois [recreio] divide-se em grupos, vão para as salas com uma educadora e uma auxiliar e normalmente fazemos atividades de pequeno grupo.” [ED, L21]
	6.5. As rotinas são as do Highscope mas com adaptações	O modelo adotado é o Highscope, mas cada educador, adapta as rotinas do modelo ao seu grupo de crianças.	“apesar de termos estas rotinas de highscope, desta rotina com estes tempos, cada equipa de sala... por ser uma rotina diferente, acho que depois, cada equipa de sala vai adaptar um bocadinho ao seu grupo.” [EB, L44]
	6.6. Há tempo de higiene, refeições, recreio e acolhimento	Todas as rotinas das diferentes salas, têm um tempo de acolhimento, higiene e	“o acolhimento que é mesmo muito importante de manhã.” [EB, L21]

Categoria	Subcategorias	Descrição	Exemplos UR
		refeições, mas o tempo de acolhimento é o mais importante.	
	6.7. Houve alterações nas rotinas desde que o colégio abriu	As rotinas adotadas, já existiam desde a abertura do colégio, apesar de todos os anos sofrer alterações.	“Desde que o colégio abriu, em 2010, que essas rotinas existem sempre. Pronto... tem-se modificado algumas coisas de ano para ano, mas normalmente, esse tipo de rotina é sempre feito.” [ED, L25]
	6.8. A rotina da noite deve ser sempre igual para que a criança se sinta segura	As rotinas da noite têm de ser sempre as mesmas, porque as crianças já conhecem as rotinas.	“A rotina da noite, tem a sua própria rotina, e a criança que vem a essa hora já conhece essa rotina. Agora tem de ser uma rotina, que também seja segura, que seja sempre igual.” [EA, L89]
	6.9. Existe um tempo de pequeno e grande grupo	Todas as salas têm um tempo de pequeno e de grande grupo, sendo que o de grande grupo é onde as crianças se reúnem e conversam todas umas com as outras.	“o nosso tempo de grande grupo, tem sempre de se esticar um bocadinho, porque realmente eles gostam muito, muito, muito, muito de conversar.” [EA, L23]
	6.10. Existe um grupo de finalista que dorme e faz pré-escolar	Existe um grupo de finalistas, que são as crianças que vão entrar para o 1º.ciclo, que fazem atividades de pré-escolar e vão para o recreio no tempo das sextas.	“Os finalistas, portanto, os meninos de cinco/seis anos, vão ter o grupo de finalistas da uma às três e depois às três, se estiver bom tempo, vão para o recreio, pelo menos até às três e meia.” [EA, L58]
7. Obstáculos ao Trabalho Pedagógico	7.1. Os horários atípicos das crianças dificultam um trabalho pedagógico individual	As educadoras dos diferentes turnos têm dificuldade em fazer um trabalho individualizado, com crianças que fazem horários rotativos.	“aqui o maior problema realmente é a diferença de horários que as educadoras de dia, também não conseguem fazer um trabalho individual e acompanhado com estas crianças pelos seus horários rotativos, por não estarem presentes, por exemplo no momento da manhã.” [EC, L44]

Categoria	Subcategorias	Descrição	Exemplos UR
	7.2. Os espaços são insuficientes	A gestão do espaço necessita de alguns ajustes, visto que o refeitório é muito pequeno para um número elevado de crianças.	“As rotinas em si não, mas a gestão do espaço sim [a gestão do espaço, necessitam de alguns ajustes]! Considero que o refeitório, é um sítio muito pequeno, para ter tantas crianças, o que por vezes causa muitos conflitos entre elas e também entre nós.” [EC, L30]
	7.3. É difícil articular os recursos humanos da noite e de dia	As educadoras dos diferentes turnos, têm dificuldade em comunicar, porque umas estão a entrar e outras sair. Mas se trabalharem em equipa, conseguem arranjar tempo para comunicarem sobre determinados assuntos.	“Quando as educadoras da noite estão a entrar, muitas vezes a comunicação não é assim tão fácil. Mas acho que, quando as pessoas querem trabalhar em equipa conseguem, é preciso arranjar um tempo para se sentarem e para falarem sobre esses assuntos.” [ED, L43]
	7.4. Ao final do dia as crianças participam pouco nas atividades	As crianças que entram de manhã, e que ficam até ao final da tarde, já não conseguem estar atentas, devido ao número de horas em que se encontram no colégio.	“todo o trabalho que desenvolva, que já está aqui, por exemplo, desde as oito da manhã, desde as sete da manhã, com certeza que às seis /sete da noite, a criança já não me vai querer ouvir da mesma forma.” [EC, L62]
	7.5. Faltam recursos humanos, face ao número de crianças	Da parte da tarde, existem poucos funcionários para um elevado número de crianças. Por consequência, muitas das áreas da sala não podem ser abertas.	“A partir das quatro e meia, estão três salas de jardim de infância com poucas pessoas, não é? E muitas das vezes essas áreas não são abertas, porque primeiro nem sempre vão para as salas, mas quando vão para a sala, essas áreas são abertas e às vezes dão muitos conflitos, as pessoas são poucas, é mesmo por uma questão de recurso.” [EA, L36]

Categoria	Subcategorias	Descrição	Exemplos UR
	7.6. Os recursos humanos estão sempre a mudar criando instabilidade	Existe uma grande mudança de recursos humanos, criando instabilidade para as equipas, famílias e crianças.	“Haver menos mudanças de recursos humanos! Às vezes essa situação é inevitável, não é? Porque às vezes saem colegas, colaboradores e outros entram, e é complicado. Quer não só para as crianças, como também para as famílias, não cria uma estabilidade.” [EB, L44]
8. Os horários atípicos dos pais e das crianças	8.1. Os horários irregulares influenciam o desenvolvimento das crianças	É difícil adquirir certas competências, quando as crianças frequentam o colégio em horários irregulares. Principalmente quando são pequenas, influenciando-as ao nível espacial.	“nós temos crianças que às vezes vêm às nove, outras vezes vêm às dez, outras vezes vêm às onze, quer dizer.... Essa criança, principalmente se for pequenina vai ser mais difícil de adquirir certas competências. Principalmente a nível espacial” [EA, L75]
	8.2. Atualmente as crianças entram à hora que dá jeito aos pais	Os pais deixam as crianças à hora que lhes dá mais jeito, sendo que muitas vezes não é a hora que os pais vão trabalhar.	“Agora as crianças entram à hora que querem, não é? Dá jeito aos pais. O que se nota, o que muitas vezes, é o que eu disse agora, é o que dá jeito aos pais. Não é muitas vezes os horários dos pais.” [EB, L55]
	8.3. É regra interna uma permanência máxima de 11 horas, mas que é ultrapassada	Esta instituição tem uma regra interna, em que as crianças só podem permanecer onze horas por dia e cinco dias por semana.	“existe uma regra cá no colégio, que as crianças não podem permanecer mais de onze horas por dia no colégio. e apesar do horário alargado, só podem estar cá, cinco dias por semana. Portanto, elas têm de folgar dois dias.” [EC, L64]
	8.4. As educadoras preocupam-se com a entrada das crianças no 1º. ciclo	As educadoras interrogam-se, como é que os pais vão fazer a gestão dos seus horários de trabalho atípicos quando as crianças entrarem para o 1º. ciclo.	“Apesar de nós termos aqui o CAF e ser muito bom, e colmatar aqui estes horários profissionais dos pais, mas depois, por exemplo, quando entrarem para a escola,

Categoria	Subcategorias	Descrição	Exemplos UR
	8.5. As crianças que vêm de tarde não participam no planejar e fazem atividades mais lúdicas	As crianças que fazem horários atípicos perdem o tempo de planejar, conseguindo apenas participar nos pequenos grupos.	como é que estes pais irão fazer a gestão destes horários?" [EC, L78] "as crianças que vêm à tarde, chegam por volta do meio dia, uma, portanto eu, ao fazer os pequenos grupos à tarde, elas acabam por participar, pelo menos no pequeno grupo. Mas não participam no planejar, que é tão importante." [EA, L71]
	8.6. Há sete crianças cujos os pais têm horários atípicos	Uma das educadoras, tem pelo menos seis a sete crianças, cujos pais trabalham por horários atípicos.	"Portanto, na minha sala, inicialmente tínhamos umas... sei lá, seis ou sete que trabalhavam com horários atípicos, neste momento temos menos, mas é uma coisa que pode sempre mudar, porque os pais trabalham por turnos." [EA, L49]
9. Relação com as famílias	9.1. Há uma política institucional da relação-família	O modelo desta instituição diz que têm de trabalhar com as famílias, para que tudo corra bem.	"O modelo diz que nós temos que trabalhar com as famílias. Eu pessoalmente, tento trabalhar com as famílias, até porque se nós não trabalharmos com as famílias, as coisas não vão correr muito bem. "[EA, L101]
	9.2. É possível estimular mais o envolvimento com as famílias	As educadoras têm sempre a sala aberta para os pais, apesar de sugerirem que deviam de fazer um dia aberto para as famílias se envolverem nas rotinas.	"[para estimular um maior envolvimento na educação pré-escolar dos seus filhos] por exemplo fazer um dia aberto aos pais, não sei para se envolverem nas rotinas, sendo que lá está, como eu costumo dizer, que a nossa sala é aberta aos pais. "[EB, L72]
	9.3. É difícil o envolvimento das famílias com horários atípicos e irregulares	É difícil, para as famílias que saem tarde, fazerem atividades com os filhos, sendo que estas crianças não participam tanto como as que fazem horário normal.	"Eu julgo, que durante a noite seja complicado para um pai que saia daqui tão tarde, depois também, fazer algum tipo de atividade com o seu filho. As crianças com horários atípicos

Categoria	Subcategorias	Descrição	Exemplos UR
			<p>não participam tanto como as crianças que fazem o horário normal.” [EC, L79]</p>
	<p>9.4. Existem atividades planejadas para as famílias em comum com outras salas</p>	<p>Existem atividades planejadas para as famílias de todas as salas, como projetos que envolvam as famílias, como por exemplo, projetos sobre as profissões.</p>	<p>“Lá está, já referi, [as atividades que envolvem as famílias] os projetos, a apresentação dos projetos. Hum... o vir falar, neste caso, da profissão, de cada um, ou nós até fomos ao local de trabalho de cada um dos pais.” [EB, L63]</p>
	<p>9.5. As famílias são envolvidas durante todo o processo educativo</p>	<p>As famílias são bastante envolvidas na escola, principalmente no projeto da leitura.</p>	<p>“[as famílias são muito envolvidas na escola] eu acho que sim, que eles são bastante envolvidos. Temos também o nosso projeto de leitura, em que os pais levam um livro e depois os pais têm de apresentar o que leem com as crianças.” [EA, L107]</p>
	<p>9.6. As educadoras de dia envolvem-se mais com as famílias nas atividades</p>	<p>As famílias, vão buscar as crianças ao colégio com pressa, acabando por terem contacto direto as educadoras da noite e muitas vezes, não receberem os recados.</p>	<p>«[existe pouco envolvimento das famílias] Porque, penso que os pais não estão tão disponíveis, vêm buscar as crianças muito, muito... com muita pressa, por vezes nem sempre tenho tempo de dar recados, porque estão com tanta pressa de sair, que não tenho tempo para estabelecer um contacto direto com a família.» [EC, L74]</p>

Anexo 9– Tabela de Resultados

(Sub)categorias	Educ. Dia			Educ.Noite			
	UE	U.R		UE	U.R		
		Fa	%		Fa	%	
1. Formação inicial							
1.1. Licenciatura em EB e Mestrado em QD	1	1	50%	1	4	57%	
1.2. Licenciatura em EI	1	1	50%	1	3	43%	
	-	-	-	-	-	-	
	t=	2	2	100%	2	7	100%
2. Experiência profissional							
2.1. Para trabalhar na instituição passou por um processo de seleção de três meses	-	-	-	1	2	11%	
2.2. Já trabalhava nesta instituição muito antes de terminar a licenciatura	-	-	-	1	8	42%	
2.3. Trabalha nesta instituição há nove anos	-	-	-	1	5	26%	
2.4. Trabalhou noutros locais	2	3	13%	1	3	16%	
2.5. Tem experiência em creche	1	3	13%	1	1	5%	
2.6. Começou a trabalhar nesta instituição ao fim de semana, uma experiência muito enriquecedora	1	16	67%	-	-	-	
2.7. Tem experiência de trabalho em JI	1	2	8%	-	-	-	
	t=	5	24	100%	5	19	100%
3. Caracterização do grupo							
3.1. A constituição do grupo é variável	1	3	12%	2	27	57%	
3.2. O (s) grupo (s) é/são heterogéneo (s)	2	5	19%	1	6	13%	
3.3. Há uma percentagem de crianças (20 a 40%) que frequenta o horário da noite ou tem HA	2	6	23%	2	6	13%	
3.4. Há crianças com algumas lacunas a nível de desenvolvimento	1	5	19%	2	8	17%	
3.5. Globalmente o desenvolvimento do grupo é positivo	1	7	27%	-	-	-	
	t=		26	100%	7	47	100%
4. Organização Pedagógica							
4.1. As crianças com horários irregulares podem ter estímulos diferentes	-	-	-	1	20	26%	
4.2. A integração da criança no CAF pode influenciar a nível emocional e social	2	5	12%	1	19	25%	
4.3. É desejável um acompanhamento mais individualizado	-	-	-	2	7	9%	
4.4. Pensam nos interesses das crianças para desenvolver projetos e atividades	1	2	5%	2	7	9%	
4.5. Tentam integrar as crianças mais tarde nas atividades embora possa ser difícil	2	18	44%	1	10	13%	
4.6. As atividades realizadas no CAF são diferentes do turno de dia	-	-	-	1	4	5%	
4.7. As educadoras da noite montam áreas como nas salas	-	-	-	1	4	5%	
4.8. Ao final da tarde a educadora apoia a creche e o JI	-	-	-	1	1	1%	
4.9. Foi escolhido o modelo Highscope	-	-	-	1	4	5%	
4.10. As crianças trabalham nos projetos quando querem	1	3	7%	-	-	-	
4.11. A organização pedagógica deve ser melhorada, especialmente à noite	1	5	12%	-	-	-	
4.12. Seria positivo um reforço na promoção da consciência fonológica do grupo	1	4	10%	-	-	-	
4.13. Devia-se pedir os horários com antecedência aos pais para antecipar o interesse das crianças	1	4	10%	-	-	-	
	t=		41	100%	11	76	100%

5. Articulação entre os RH: Educadores e Outros Técnicos						
5.1. Há recursos para apoiar casos específicos	2	12	36%	2	16	36%
5.2. Há informação de que o turno da noite deve ser mais organizado e rotineiro	1	5	15%	-	-	
5.3. As educadoras (dia e noite) devem trabalhar em equipa mesmo sendo difícil	2	14	42%	2	18	40%
5.4. Há suportes mas a comunicação entre turnos é frágil	1	2	6%	1	4	9%
5.5. As plataformas online ajudam na comunicação	-	-	-	1	7	16%
	t=	33	100%	6	45	100%
6. Rotinas						
6.1. As rotinas influenciam o desenvolvimento das crianças	-	-	-	2	3	6%
6.2. A rotina deve ser consistente, estável e flexível para a criança atingir os objetivos	-	-	-	1	11	23%
6.3. o modo como as rotinas funcionam depende de cada educador	-	-	-	1	3	6%
6.4. No final da rotina, divide-se o grupo e inicia-se a atividade	-	-	-	2	5	10%
6.5. As rotinas são as do Highscope mas com adaptações	2	27	36%	1	4	8%
6.6. Há tempo de higiene, refeições, recreio e acolhimento	2	16	21%	2	10	21%
6.7. Houve alterações nas rotinas desde que o colégio abriu	2	4	5%	2	12	25%
6.8. A rotina da noite deve ser sempre igual para que a criança se sinta segura	1	6	8%	-	-	-
6.9. Existe um tempo de pequeno e grande grupo	2	19	25%	-	-	-
6.10. Existe um grupo de finalista que dorme e faz pré-escolar	1	4	5%	-	-	-
	t=	76	100%	11	48	100%
7. Obstáculos ao Trabalho Pedagógico						
7.1. Os horários atípicos das crianças dificultam um trabalho pedagógico individual	-	-	-	2	11	52%
7.2. Os espaços são insuficientes	-	-	-	1	2	10%
7.3. É difícil articular os recursos humanos da noite e de dia	-	-	-	2	12	57%
7.4. Ao final do dia as crianças participam pouco nas atividades	-	-	-	2	3	14%
7.5. Faltam recursos humanos, face ao número de crianças	1	6	43%	1	6	29%
7.6. Os recursos humanos estão sempre a mudar criando instabilidade	2	8	57%	-	-	-
	t=	14	100%	8	21	100%
8. Os horários atípicos dos pais e das crianças						
8.1. Os horários irregulares influenciam o desenvolvimento das crianças	2	11	35%	2	11	30%
8.2. Atualmente as crianças entram à hora que dá jeito aos pais	2	12	39%	1	7	19%
8.3. É regra interna uma permanência máxima de 11 horas mas que é ultrapassada	-	-	-	1	15	11%
8.4. As educadoras preocupam-se com a entrada das crianças no 1º ciclo	-	-	-	1	4	11%
8.5. As crianças que vêm de tarde não participam no planejar e fazem atividades mais lúdicas	1	5	16%	-	-	-
8.6. Há sete crianças cujos os pais têm horários atípicos	1	3	10%	-	-	-
	t=	31	100%	5	37	70%
9. Relação com as famílias						
9.1. Há uma política institucional da relação-família	2	19	28%	-	-	-
9.2. É possível estimular mais o envolvimento com as famílias	2	12	18%	-	-	-
9.3. É difícil o envolvimento das famílias com horários atípicos e irregulares	1	3	4%	2	37	50%
9.4. Existem atividades planificadas para as famílias em comum com outras salas	2	10	15%	-	-	-
9.5. As famílias são envolvidas durante todo o processo educativo	2	23	34%	-	-	-
9.6. As educadoras de dia envolvem-se mais com as famílias nas atividades	-	-	-	2	37	50%
	t=	67	100%	4	74	100%
	TOTAL UR:	273		298		